

CADERNO DE RESUMOS

8º Encontro
Anual de
Economia
Política

ECONOMIA POLÍTICA
PARA UMA VIDA JUSTA
Desafios teóricos e práticos



Associação Portuguesa de **Economia Política**





ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| PROCESSO DE FINACEIRIZAÇÃO, MERCADO DE TRABALHO E ECONOMIA DE PLATAFORMA: UM MOVIMENTO DELIBERADO | 14 |
| Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Bárbara Vallejos Vazquez | 14 |
| LABOUR RELATIONS AND SOCIAL PROTECTION IN THE MEDITERRANEAN MODEL OF CAPITALISM - AN OVERVIEW OF THE DEBATE | 15 |
| Hugo Dias..... | 15 |
| RELAÇÃO DE EMPREGO CAIXA NEGRA: GESTÃO ALGORÍTMICA COMO NOVO CAPÍTULO NAS RELAÇÕES LABORAIS | 16 |
| Tiago Vieira | 16 |
| THE ROLE OF ECONOMIC ELITES AND THE MEDIA IN ECUADOR'S DOLLARIZATION..... | 18 |
| Andrés Chiriboga | 18 |
| NEOLIBERALISMO AUTORITÁRIO E A EXTREMA-DIREITA CONTEMPORÂNEA: O CASO PORTUGUÊS | 19 |
| Jaime Roque | 19 |
| DESGLOBALIZAÇÃO E FRATURAS GEOPOLÍTICAS MUNDIAIS – O MUNDO QUE SE ANUNCIA | 20 |
| Paulo Miguel Madeira | 20 |
| DOS DIREITOS CULTURAIS ÀS VIVÊNCIAS CONCRETAS E DESIGUAIS - QUE CAMINHO TRILHAM AS POLÍTICAS PÚBLICA PARA AS ARTES EM PORTUGAL? | 22 |
| Amarílis Felizes..... | 22 |
| ECONOMIA POLÍTICA DA POLÍTICA INDUSTRIAL EM PORTUGAL - O CASO DAS AGENDAS MOBILIZADORAS | 23 |
| Beatriz Mendes | 23 |
| NEOLIBERAL FIRES: FOREST PLANTATIONS AND THE PRIVATISATION OF FIRE-FIGHTING INFRASTRUCTURE..... | 24 |
| Amedeo Policante | 24 |
| THE ANTI-FIRE PARADOX: MEMORIES OF LITTLE FIRES EVERYWHERE AND THE IMPOSITION OF A WILDFIRE ECONOMY IN SERRA DE MONCHIQUE, PORTUGAL..... | 25 |



| | |
|---|-----------|
| Joana Vaz Sousa | 25 |
| FIRE AS CRISIS: CONTRADICTIONS OF CAPITALISM, PERIPHERIES, PRIMITIVE ACCUMULATION AND NATURE | 26 |
| Jonas Van Vossole | 26 |
| THE FOREST BURNS, PROFITS ARE PRIVATE, LOSSES ARE PUBLIC..... | 27 |
| Maria Carolina Varela | 27 |
| VAI FICAR MESMO TUDO BEM? A IDEOLOGIA IMPLÍCITA DA RESILIÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NOS REGIMES DE PROTEÇÃO SOCIAL..... | 28 |
| Alexandre Calado..... | 28 |
| RENDIMENTO BÁSICO INCONDICIONAL OU DEMOCRACIA NO LOCAL DE TRABALHO? UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS PROPOSTAS PARA A PROMOÇÃO DO PODER DE DECISÃO DOS TRABALHADORES..... | 29 |
| Hugo Rajão | 29 |
| REFORMAS DO FINANCIAMENTO DA SEGURANÇA SOCIAL E A EROSÃO DA PROTEÇÃO SOCIAL DOS TRABALHADORES..... | 30 |
| Maria Clara Murteira..... | 30 |
| TÃO LONGE E TÃO PERTO: ATIVAÇÃO DA PROTEÇÃO SOCIAL EM PORTUGAL E NO CHILE | 31 |
| Maria Clara Oliveira, Jorge Caleiras | 31 |
| A PROTEÇÃO E A EMANCIPAÇÃO NO TEMPO LONGO | 32 |
| Renato Miguel Do Carmo..... | 32 |
| COMBATE À POBREZA PELA EXTREMA-DIREITA? DISPUTAS POLÍTICAS, IDEACIONAIS E ELEITORAIS NA SUBSTITUIÇÃO DO BOLSA FAMÍLIA NO BRASIL SOB BOLSONARO | 33 |
| Sérgio Simoni Jr., Maria Clara Oliveira | 33 |
| RENTISMO IMOBILIÁRIO E DESIGUALDADES EM PORTUGAL | 34 |
| Ana Cordeiro Santos | 34 |
| A ARQUITECTURA MORA NA POLÍTICA. E A CASA? É CONFORTÁVEL? | 35 |
| José António Bandeirinha | 35 |
| O SAAL EM GRÂNDOLA E O DIREITO À HABITAÇÃO: PROPOSTA DE REFLEXÃO EM TORNO DE UMA EXPERIÊNCIA EXPOSITIVA | 36 |
| Luísa Veloso..... | 36 |



| | |
|---|-----------|
| PROCESSO SAAL – QUE ENSINAMENTOS PARA A CIDADE DEMOCRÁTICA DE HOJE? | 37 |
| Rosa Arma, Andréa Arruda, Carlotta Monini, Rita Silva | 37 |
| MODELOS DE DESARROLLO, RECURSOS NATURALES, DESIGUALDAD Y REGÍMENES POLÍTICOS. ARGENTINA EN UNA FASE DE SAQUEO..... | 38 |
| Andrés Musacchio..... | 38 |
| ADAM SMITH EM “A RIQUEZA DAS NAÇÕES”: PONTOS E CONTRAPONTO EM RELAÇÃO À ATUAL GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL. | 40 |
| João Jerónimo Machadinha Maia | 40 |
| REACÇÃO ESPONTÂNEA: UM CICLO DE PROTESTO CONTRA A DIRECÇÃO DE UM CLUBE DESPORTIVO | 41 |
| Rahul Kumar | 41 |
| DATA REVOLUTION IN THE RETAIL SECTOR – SOCIOTECHNICAL IMAGINARIES OF AUTONOMOUS STORES..... | 42 |
| Ana Viseu, João Pereira, Ana Delicado, Paulo Nuno Vicente..... | 42 |
| THE ICT LONG WAVE AND INDUSTRIAL DYNAMICS IN PORTUGAL, 1986-2018: UNRAVELLING THE SCHUMPETERIAN PARADOX..... | 43 |
| Ernesto Nieto-Carrillo..... | 43 |
| THE ROLE OF TECHNOLOGY IN VEBLEN AND BAUDRILLARD'S ANALYSIS OF CAPITALISM | 45 |
| Ferudun Yilmaz | 45 |
| A ÉTICA ECONÓMICA E A QUESTÃO DO TEMPO..... | 46 |
| Conceição Soares..... | 46 |
| METAPHYSICAL STATUS OF MONEY AND SUSTAINABLE ORGANIZATIONS AND ECOSYSTEMS..... | 47 |
| Tiago Cardao-Pito | 47 |
| A CONSTRUÇÃO DA ORTODOXIA MONETÁRIA NO SÉCULO XIX..... | 48 |
| Tiago Pereira Santos..... | 48 |
| AS FINALIDADES DO AGIR HUMANO NOS MANUAIS DE ECONOMIA: A DICOTOMIA MEIOS- FINS EM QUESTÃO | 49 |
| Vítor Neves..... | 49 |



| | |
|--|-----------|
| SKILL DIFFERENCES AND WAGE-EFFORT RELATIONSHIP: WHO ARE MORE EXPLOITED, HIGH-SKILLED OR LOW-SKILLED WORKERS? | 51 |
| Dong-Min Rieu | 51 |
| 4DW: MORE HAPPINESS OR MORE INEQUALITY? A PRELIMINARY CRITICAL ASSESSMENT | 52 |
| Gabriel Leite Mota | 52 |
| CALCULATION OF THE RATE OF SURPLUS VALUE OF THE PORTUGUESE ECONOMY: AN EMPIRICAL APPROACH BASED ON THE MARXIST LABOR THEORY OF VALUE..... | 54 |
| Miguel Viegas | 54 |
| THE NEW INTERNATIONAL ECONOMIC ORDER: CONVERGENCE AND DIVERGENCE IN THE NON-ALIGNED MOVEMENT DURING THE 1970'S POLY-CRISIS | 55 |
| Dinis Santiago | 55 |
| A RECEÇÃO DA NOVA ORDEM ECONÓMICA INTERNACIONAL NO NORTE GLOBAL: O CASO DE PORTUGAL..... | 57 |
| Diogo Duarte Silva | 57 |
| UMA NOVA ORDEM ECONÓMICA INTERNACIONAL NO SÉCULO XXI? | 58 |
| Marina Barbosa | 58 |
| REPARTIÇÃO FUNCIONAL DO RENDIMENTO EM PORTUGAL, 1959/2020: UMA ABORDAGEM MACROECONÓMICA E SETORIAL | 59 |
| João Carlos Lopes, Pedro Leão, Vítor Escária | 59 |
| PARA UMA POLÍTICA DE SALÁRIO DIGNO: FUNDAMENTOS ÉTICOS E ECONÓMICOS E VIABILIDADE POLÍTICA EM PORTUGAL..... | 60 |
| José António Correia Pereirinha | 60 |
| DINÂMICAS DA FORÇA DE TRABALHO NAS REGIÕES PORTUGUESAS..... | 61 |
| Patrícia Martins, Leonida Correia..... | 61 |
| BITE AND SPILLOVERS: THE EFFECTS OF MINIMUM WAGE INCREASES ACROSS LOW-PAY SECTORS IN PORTUGAL OVER THE LAST DECADE..... | 62 |
| Rui Branco, João Monteiro..... | 62 |
| INTERNATIONAL SOCIAL STANDARDS AND GREEN FINANCE IN THE EU AS ENTRY POINTS FOR GLOBAL PROGRESSIVE STRUGGLES? | 63 |
| Johannes Jäger..... | 63 |



| | |
|---|-----------|
| MINING GLOBAL DECARBONISATION FOR DEVELOPMENT IN AFRICA? REGIONAL GEOPOLITICS AND THE QUESTION OF SOUTH AFRICA IN AFRICA..... | 64 |
| Michael Nassen Smith..... | 64 |
| FROM PETROMODERNITY TO THE GREEN TRANSITION. A GLOBAL HISTORY OF THE SINES AREA PROJECT (1971-2024) | 65 |
| Ricardo Noronha | 65 |
| FROM “DEPENDENCY” TO “DECOLONIALITY”? THE ENDURING RELEVANCE OF MATERIALIST POLITICAL ECONOMY AND THE PROBLEMS OF A “DECOLONIAL” ALTERNATIVE | 66 |
| Claire-Anne Lester | 66 |
| INTERGOVERNMENTAL TRANSFERS AND FISCAL FEDERALISM: EVALUATING EQUITY IN BRAZIL'S MUNICIPAL PARTICIPATION FUND (FPM)..... | 67 |
| Tatiana de Oliveira Mota | 67 |
| A DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA NAS REFLEXÕES DE CELSO FURTADO E DA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA | 69 |
| Wilson Vieira | 69 |
| O ARRENDAMENTO HABITACIONAL NA AML: UM MERCADO SEGMENTADO, INACESSÍVEL E INSEGURO | 70 |
| Carlotta Monini, Raquel Ribeiro, Ana Cordeiro Santos, Rita Silva | 70 |
| O PAPEL DO ESTADO NA TRANSFORMAÇÃO DA HABITAÇÃO EM ACTIVO FINANCEIRO NO CENTRO E NA PERIFERIA EUROPEIA: ALEMANHA E PORTUGAL | 71 |
| Rita Silva | 71 |
| DA POLÍTICA CENTRAL À ESPECIFICIDADE LOCAL: O IMPACTO DA IMPLEMENTAÇÃO TERRITORIAL DA BOLSA NACIONAL DE ALOJAMENTO URGENTE E TEMPORÁRIO | 72 |
| Sara Belém..... | 72 |
| HOUSING FINANCIALIZATION IN ARGENTINA: SUBORDINATION, DEPENDENCY, INFORMALITY? | 74 |
| Simone Tulumello, Agustín David Wilner | 74 |
| FROM THE MULTIPLIER TO NATIONAL ACCOUNTS: THE RISE OF NATIONAL INCOME ESTIMATES IN THE 1930S | 75 |
| Conrado Krivochein..... | 75 |



| | |
|--|-----------|
| 100 YEARS OF "A SHORT VIEW ON RUSSIA" AND "AM I A LIBERAL?": LIBERAL POLITICAL ECONOMY OF REGULATED CAPITALISM | 76 |
| Felipe Rodrigues Sousa, João Rodrigues..... | 76 |
| DETERMINANTS OF THE PORTUGUESE EXTERNAL IMBALANCES: THE LENS OF POST-KEYNESIAN ECONOMICS..... | 77 |
| João Alcobia | 77 |
| A ECONOMIA POLÍTICA DA SOBERANIA NACIONAL: O CASO DA ECONOMIA MISTA | 78 |
| João Rodrigues | 78 |
| PARA DESREIFICAR A SAÚDE MENTAL. SOBRE A SUPERESTRUTURA EMOCIONAL DO CAPITALISMO NEOLIBERAL | 79 |
| Diogo Silva da Cunha | 79 |
| TRANSIÇÃO ECOLÓGICA E ECONOMIA DE BAIXO CARBONO: O PAPEL DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO | 81 |
| Euzébio Jorge Silveira de Sousa | 81 |
| ALGORITMOS E COORDENAÇÃO SOCIAL: A SUBORDINAÇÃO DA COMUNICAÇÃO HUMANA E A METACOORDENAÇÃO DE MENTES ESTENDIDAS | 82 |
| Henrique Siqueira | 82 |
| NEGLECTED TROPICAL DISEASES AND THE BRAZILIAN PHARMACEUTICAL INNOVATION SECTOR: HOW INNOVATIVE IS BRAZIL TO DEAL WITH ITS PROBLEMS? | 83 |
| Vitor Tresse, Tiago Santos Pereira, Vitor Neves | 83 |
| CRISE DOS CUIDADOS E POLÍTICAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL NA ANDALUZIA..... | 84 |
| Cristina del Villar Toribio..... | 84 |
| O COOPERATIVISMO À LUZ DA TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL: ETNOGRAFIA DE UMA COOPERATIVA DE MULHERES NO ALENTEJO, PORTUGAL | 85 |
| Daniela Miranda | 85 |
| UM DIÁLOGO ENTRE A ECONOMIA POLÍTICA FEMINISTA E OS ECOFEMINISMOS: CONTRIBUTOS DO SUL GLOBAL..... | 86 |
| Djamila Andrade..... | 86 |
| O ESVAZIAMENTO E O ENDURECIMENTO DOS ESTADOS: O ESTADO-MEMBRO ENQUANTO PARADIGMA..... | 87 |
| Catarina Príncipe..... | 87 |



| | |
|--|-----------|
| DEVEM A "RELATEDNESS" E A COMPLEXIDADE ECONÓMICA DETERMINAR A POLÍTICA INDUSTRIAL?..... | 88 |
| Cristina Pinheiro..... | 88 |
| A APROXIMAÇÃO DA EUROPA DO SUL ÀS ECONOMIAS DE MERCADO DEPENDENTES - APESAR DOS RISCOS E RESULTADOS..... | 89 |
| Henrique Baltazar | 89 |
| A DESPESA PÚBLICA SOCIAL E OS DESAFIOS DEMOGRÁFICOS NA UNIÃO EUROPEIA...91 | 91 |
| Patrícia Martins, Leonida Correia..... | 91 |
| DISPOSIÇÕES PRÁTICAS NA PEQUENA EMPRESARIALIDADE: SOBERANIA PRODUTIVA E RAZOABILIDADE ECONÓMICA..... | 92 |
| Ana Alves da Silva | 92 |
| LA HOJA DE COCA COMO RECURSO POTENCIAL PARA EL FOMENTO DE UNA NUEVA PRÁCTICA POLÍTICA-ECONÓMICA | 93 |
| Cindy Lorena Valderrama Parra, Dharma Gómez Leguizamón..... | 93 |
| INOVAÇÕES, DESENVOLVIMENTO URBANO E DIREITO À CIDADE: UMA ANÁLISE DAS INOVAÇÕES FINANCEIRAS DOS BANCOS COMUNITÁRIOS E MOEDAS SOCIAIS NO RIO DE JANEIRO..... | 94 |
| Regina Tunes | 94 |
| ¿ADIÓS ECONOMÍA? DEL VALOR DE LAS COSAS AL VALOR DE LA VIDA (BUENA)..... | 95 |
| Rene Ramírez | 95 |
| ACUMULAÇÃO PRIMITIVA COMO UMA PERSPETIVA SOBRE NATUREZA, RAÇA E GÉNERO | 96 |
| Marcela Uchoa, Jonas Van Vossole..... | 96 |
| DESENVOLVIMENTO(S) E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA: BALANÇO TEÓRICO-CONCEPTUAL À LUZ DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO EUROPEU | 97 |
| Raquel Miranda, Leonida Correia, Octávio Sacramento..... | 97 |
| ESTRATÉGIAS DE COOPERAÇÃO PARA A CRISE CLIMÁTICA EM CONTEXTO DE ACRASIA COLETIVA..... | 98 |
| Rui Sousa Basto | 98 |
| KEEPING UP WITH AUTOMATION: FIRM AND WORKER OUTCOMES..... | 99 |
| Ana Oliveira..... | 99 |



| | |
|--|------------|
| ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA E SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE A GIG ECONOMY ... | 100 |
| Michelle Moraes et al. | 100 |
| DIGITAL-ONLY BANKS: OVERVIEW AND PERSPECTIVES FOR LATIN AMERICA..... | 101 |
| Sérgio Páez..... | 101 |
| UNVEILING THE CORE DRIVERS OF LEARNING DEPRIVATION INEQUALITY AND THEIR GEOGRAPHIC DISPARITIES | 102 |
| Harvey Spencer Sánchez-Restrepo..... | 102 |
| SOCIAL POLICIES AND HUMAN CAPITAL AVAILABILITY IN THE OECD | 103 |
| Marta Simões | 103 |
| ECONOMICS STUDENTS AND IDEOLOGICAL BIAS: EVIDENCE FROM AN INTERNATIONAL RANDOMIZED CONTROLLED EXPERIMENT | 104 |
| Mohsen Javdani | 104 |
| DECONSTRUCTING MONETARY UTOPIAS: IDEAS AND PRACTICES OF VOLUNTARY DISENGAGEMENT FROM THE BANKING AND FINANCIAL SYSTEM..... | 105 |
| Eduardo Coltre Ferracioli..... | 105 |
| BETWEEN COMPLEXITIES - MONEY AMONG FORMER HOMELESS PEOPLE IN LISBON . | 106 |
| Felipe Rodrigues Sousa | 106 |
| MUNDELL'S OPTIMUM CURRENCY AREAS: THE INTELLECTUAL INFLUENCES THAT SHAPED A THEORY..... | 107 |
| João Serrasqueiro | 107 |
| QUEM SÃO, E O QUE MOVE OS JOVENS EMPREENDEDORES EM REGIÕES DE BAIXA DENSIDADE..... | 108 |
| Carlos Lacerda..... | 108 |
| O CADASTRO SIMPLIFICADO DA PROPRIEDADE RÚSTICA: UM ESTUDO DAS PERCEÇÕES DOS STAKEHOLDERS QUANTO AOS RESULTADOS E IMPACTOS DO BUPI | 109 |
| Catarina Frade, Ernesto de Deus, Fernanda Jesus, Liliana Pimentel, Micaela Antunes, Patrícia Moura e Sá, Rita Martins, Rui Lourenço..... | 109 |
| BEM-ESTAR, GOVERNANÇA E DESCENTRALIZAÇÃO: DA PERSPETIVA INTERNACIONAL À VISÃO PORTUGUESA DA RELAÇÃO..... | 111 |
| Cristina Pereira, Herminia Gonçalves, Teresa Sequeira | 111 |



| | |
|---|------------|
| DESAFIOS DE POLÍTICAS DE PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS PERANTE A REALIDADE FUNDIÁRIA EM TERRITÓRIOS RURAIS | 112 |
| Ernesto de Deus, Catarina Frade, Joaquim Sande Silva..... | 112 |
| SOBERANIA DA TERRA COMO FERRAMENTA EMANCIPATÓRIA PARA AGRO-TERRITÓRIOS DEPRIMIDOS E CONTESTADOS | 113 |
| Lanka Horstink, Kaya Schwemmlin, Gabriela Abrahão Masson | 113 |
| TERRITÓRIO E TRABALHO TRANSNACIONAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO TRABALHO EM TERRITÓRIOS PRODUTIVOS MARCADOS PELA PRESENÇA DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA..... | 115 |
| Maria Carolina Barcellos Ferreira..... | 115 |
| DETERMINANTES DA RESILIÊNCIA NOS MUNICÍPIOS PORTUGUESES | 116 |
| Maria da Conceição Rego, Gertrudes Guerreiro, Patrícia Martins, Leonida Correia | 116 |
| SOLIDIFICAR POLÍTICAS PÚBLICAS DE HABITAÇÃO | 117 |
| Maria Manuel Rola, Aitor Varea Oro, Nuno Travasso, Ana Fernandes | 117 |
| ORIGEM SOCIAL E EFEITO-CIDADE: ENTRE AS DESIGUALDADES SOCIAIS E AS DESIGUALDADES TERRITORIAIS NOS JOVENS | 119 |
| Inês Tavares, Renato Miguel do Carmo | 119 |
| JOVENS INSCRITOS NOS CENTROS DE EMPREGO DO IEFP: QUE RESPOSTAS PARA DIFERENTES PERFIS? | 120 |
| Paulo Marques, Maria do Carmo Botelho, Maria da Conceição Figueiredo, Rita Gui-Marães | 120 |
| PLURIATIVIDADE ENQUANTO RESPOSTA DOS JOVENS À VULNERABILIDADE NO MERCADO DE TRABALHO | 121 |
| Ricardo Barradas, Fátima Suleman | 121 |
| DESIGUALDADES, EMPREGO E (DES)PROTEÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DOS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO | 122 |
| Rodrigo Vieira de Assis, Inês Tavares, Renato Miguel do Carmo | 122 |
| RETHINKING GLOBALISATION, FDI, SOVEREIGNTY AND TAXES | 123 |
| George Perendia | 123 |
| DESIGNING SMART SPECIALISATION STRATEGIES IN THE EU: AN LLM-BASED APPROACH TO SUPPORT INFORMED POLICYMAKING | 124 |
| Ricardo Paes Mamede, Cristina Pinheiro, Matias Andrade | 124 |



| | |
|--|------------|
| SECTORAL SHOCKS, COST-PUSH INFLATION AND STRUCTURAL ASYMMETRIES IN THE EU CORE AND PERIPHERY COUNTRIES | 125 |
| Vicente Ferreira, João Pedro Ferreira, Dario Guarascio, Francesco Zezza | 125 |
| CONDIÇÕES LOCAIS DE VIDA: UM CASO DE BURNOUT? | 126 |
| Marcela Uchôa, João Matos | 126 |
| ORGANIZAÇÃO GLOBAL DO TRABALHO: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA..... | 127 |
| Raquel Varela..... | 127 |
| NOVAS FORMAS DE MUDANÇA: A ANTIGA CENTRALIDADE DO TRABALHO | 128 |
| Roberto della Santa | 128 |
| O VALOR DA(S) PROXIMIDADE(S): REFLEXÕES SOBRE UMA EQUIPA COMUNITÁRIA DE SAÚDE MENTAL E SEUS CONTRIBUTOS PARA UMA ECONOMIA POLÍTICA DO CUIDADO | 129 |
| Cláudia Nogueira | 129 |
| CUIDAR DO CUIDADOR: MOVIMENTOS SOCIAIS E A POÍTICA DO ESTATUTO DO CUIDADOR INFORMAL..... | 131 |
| Ester Oliveira, Rui Branco, Fátima Suleman..... | 131 |
| PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA CONDICIONADA DE RENDIMENTO E ORIENTAÇÃO POLÍTICA DOS GOVERNOS DA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DO PERÍODO 2000-2020 | 132 |
| Marianna Rios Franco, Alexandre Abreu | 132 |
| A CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL DA “NOVA” UNIVERSIDADE..... | 133 |
| Gonçalo Leite-Velho..... | 133 |
| VAMOS DISCUTIR A NEOLIBERALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E DA CIÊNCIA?..... | 134 |
| José Luís Garcia | 134 |
| A UNIVERSIDADE E A BARBÁRIE: OS SILÊNCIOS DAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E A QUESTÃO PALESTINIANA | 135 |
| Moara Crivelente, Irina Castro | 135 |
| REVELANDO CAMINHOS: ESTUDO SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO RURAL LGBTQIA+ NA REGIÃO NORDESTE..... | 136 |
| Cristiana Tristão Rodrigues..... | 136 |



| | |
|--|------------|
| DISCRIMINAÇÃO DE GÉNERO NO TRABALHO: EXPERIÊNCIAS, PERCEÇÕES E ATITUDES FACE ÀS POLÍTICAS | 138 |
| Elsa Fontainha | 138 |
| TELETRABALHO E OS SEUS EFEITOS CONTRADITÓRIOS: UMA REVISÃO | 139 |
| Ana Alves da Silva | 139 |
| ROBOTAX E SEGURANÇA SOCIAL: O REFORÇO DO PRINCÍPIO DA SOLIDARIEDADE COM UMA NOVA FONTE DE FINANCIAMENTO | 140 |
| Claúdia Marchetti da Silva | 140 |
| A RELAÇÃO TRABALHO, EMPREGO E PROTEÇÃO SOCIAL NA ERA DO CAPITALISMO DIGITAL: A TECNOLOGIA COMO VARIÁVEL INDEPENDENTE | 141 |
| Diogo Silva da Cunha, Jorge Caleiras | 141 |
| POTENCIAL OCUPACIONAL DE TELETRABALHO: LIÇÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL | 143 |
| Eugénia Fernandes Pires, Luís Manso, Tiago Teixeira | 143 |
| POR QUE RAZÃO OS TRABALHADORES (FINANCEIRIZADOS) ESTÃO A TORNAR-SE MAIS RESIGNADOS E CONFORMADOS E MENOS REIVINDICATIVOS? EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DE PORTUGAL..... | 145 |
| Ricardo Barradas | 145 |
| SUBJETIVAÇÃO DIGITAL NO DESERTO DAS ALTERNATIVAS..... | 146 |
| Samuel Cardoso..... | 146 |
| PARA UMA TRANSIÇÃO ECOLÓGICA JUSTA - REDUZIR AS DESIGUALDADES NO TRABALHO..... | 147 |
| Helena Lopes | 147 |
| WORKFARE, MORALIZAÇÃO DO TRABALHO E NEOLIBERALISMO | 148 |
| Lídia Fernandes, Ana Costa..... | 148 |
| DESEMPREGO ESTRUTURAL: APREENSÕES TEÓRICAS A PARTIR DE MARX E KEYNES | 149 |
| Pedro Henrique Evangelista Duarte..... | 149 |
| DESIGUALDADE ECONOMICA E CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS BRASILEIROS | 150 |



| | |
|--|------------|
| Bárbara Vallejos Vazquez, Carlos Eduardo Fernandez Silveira, Magda Barros Biavaschi, Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Leandro Horie | 150 |
| A PERCEÇÃO DA POBREZA NUM CONTEXTO DE FRAGILIDADE – O CASO DA GUINÉBISSAU. UMA DIMENSÃO DA RESILIÊNCIA INDIVIDUAL..... | 151 |
| Deolinda Martins | 151 |
| A DÍVIDA PÚBLICA DE MOÇAMBIQUE E O CRESCIMENTO ECONÓMICO..... | 152 |
| Victor Nuvunga..... | 152 |
| DAVID CONTRA GOLIASRECURSOS DE PODER E AÇÃO COLETIVA NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS DE OUTSOURCING DAS GAFAM EM PORTUGAL | 153 |
| Dora Fonseca, Franco Tomassoni | 153 |
| INTERSEÇÕES ENTRE INVESTIGAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS: PERSPETIVAS DE DOIS COLETIVOS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO..... | 155 |
| Joana Marques, Carlota Quintão, Ana Luísa Martinho | 155 |
| CUIDADORAS EM MOVIMENTO ESTRATÉGIAS E ALIANÇAS NO MOVIMENTO DAS CUIDADORAS INFORMAIS EM PORTUGAL..... | 156 |
| Madalena Ferreira | 156 |
| SENHARIO NÃO É PROFISSÃO! ATRIBUIÇÃO DE RESPONSABILIDADES E PERFIS DOS PARTICIPANTES NOS PROTESTOS PELA HABITAÇÃO EM LISBOA (2023–2024) | 157 |
| Tiago Carvalho, Martin Portos..... | 157 |
| INTERVENÇÕES PÚBLICAS DA DIRETORA RURAL DO DESENVOLVIMENTO RURAL NO XIII GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES | 158 |
| Emiliana Leonilde Diniz Gil Soares Da Silva..... | 158 |
| VIOLENCE AND FOOD INSECURITY IN MOZAMBIQUE: A HARD CYCLE TO BREAK | 159 |
| Maria Clara Oliveira, Teresa Almeida Cravo | 159 |
| INSEGURANÇA ALIMENTAR E HABITAÇÃO EM PORTUGAL (2019-2023)..... | 160 |
| Susana Brissos, Vasco Ramos | 160 |
| FICTITIOUS CAPITAL: A CRITICAL APPRAISAL OF MARXISM AND A MARXIAN PROPOSAL | 161 |
| Sergio Cámara Izquierdo | 161 |
| HOUSEHOLDS’ TRUST IN FINANCIAL INSTITUTIONS AND THE GOVERNMENT AND SAVINGS DECISIONS AFTER A CRISIS | 162 |



| | |
|--|------------|
| Sérgio Lagoa..... | 162 |
| FAIR VALUE ACCOUNTING AND UNTRACEABLE FINANCIAL CRIME | 164 |
| Tiago Cardao-Pito | 164 |
| ECONOMIC CRISIS IN EUROPE: PAST AND PRESENT | 165 |
| Michael Roberts | 165 |
| THE WORKERS' FRONT: WHAT IS TO BE DONE? | 166 |
| Raquel Varela..... | 166 |
| CRISIS AND CRITIQUE OF REPRESENTATION | 167 |
| Roberto della Santa | 167 |



ECONOMIA POLÍTICA DO TRABALHO

PROCESSO DE FINACEIRIZAÇÃO, MERCADO DE TRABALHO E ECONOMIA DE PLATAFORMA: UM MOVIMENTO DELIBERADO

Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Bárbara Vallejos Vazquez
barbaravvazquez@gmail.com

RESUMO

O artigo Processo de Financeirização, Mercado de Trabalho e Economia de Plataforma explora como as plataformas digitais reduziram barreiras à acumulação de capital, transformando bens industriais em serviços efêmeros e empregando trabalho não remunerado para maximizar a rentabilidade. O estudo argumenta que, longe de ser um fenômeno inevitável, essa transformação resulta de uma estratégia deliberada do capital financeiro, que visa flexibilizar e precarizar as relações de trabalho. Analisa-se como a economia de plataforma emerge das mudanças nas dinâmicas de acumulação de capital, de um lado, moldadas pela terceira revolução tecnológica e industrial; por outro, sublinha-se que não poderiam ter-se desenvolvido se não em tempos de desregulamentação dos mercados e a mobilidade crescente do capital financeiro. O artigo, ademais, discute o impacto da financeirização na intensificação da exploração laboral, particularmente nos países periféricos, exacerbando desigualdades sociais e econômicas, chegando à conclusão de que a economia de plataforma intensifica a polarização do mercado de trabalho ao utilizar algoritmos e inteligência artificial para automatizar processos, transferindo riscos e responsabilidades dos empregadores para os trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE

Financeirização, Economia de Plataforma, Precarização do Trabalho Desregulamentação



LABOUR RELATIONS AND SOCIAL PROTECTION IN THE MEDITERRANEAN MODEL OF CAPITALISM - AN OVERVIEW OF THE DEBATE

Hugo Dias
hugodias@unicamp.br

RESUMO

The main purpose of this text is to review the debate on the existence of a Mediterranean model of capitalism in the countries of Southern Europe, comprising Spain, Greece, Italy and Portugal. Despite the recognition of the virtues of aggregating these four countries as part of a specific and autonomous model, it is comparatively less studied than the others (Burrone, Pavolini and Regini, 2021). We will take a look at the different approaches to the subject in the field of "Varieties of Capitalisms", with reference to Bruno Amable's typology (2003, 2005), which identifies the existence of five types of capitalisms - market-based economies, social democratic economies, Asian capitalism, continental European capitalism and Mediterranean capitalism - based on the institutional complementarities between the spheres of "Labour relations and labour market institutions" and "Social Protection" (Amable, 2003, 2005). Although these institutional spheres are deeply interrelated, they tend to be studied separately by practitioners from different academic communities. An attempt will be made to deepen the dialogue between the literature on labour relations - which distinguishes between an Anglophone, Nordic, Central and Southern Countries model - (EBBINGHAUS, 1999; BERNACIAK et al., 2014) and Social Protection - adding a Mediterranean model to the three political economies of the Welfare State - (FERRERA, 2005), emphasizing the multiple connections between the two (EBBINGHAUS and MANOW, 2001; BRANDL and TRAXLER, 2005).

PALAVRAS-CHAVE

Labour Relations, Social Protection, Mediterranean Model, Portugal



RELAÇÃO DE EMPREGO CAIXA NEGRA: GESTÃO ALGORÍTMICA COMO NOVO CAPÍTULO NAS RELAÇÕES LABORAIS

Tiago Vieira
Tiago.VIEIRA@eui.eu

RESUMO

Nos últimos anos, a investigação académica tem analisado como a gestão algorítmica se vem tornando uma componente estrutural do mundo do trabalho e como isso, por sua vez, afeta os trabalhadores. Embora esses estudos forneçam valiosos contributos, a generalização das suas conclusões ao mundo do trabalho de forma mais ampla permanece limitada pelo seu foco no ambiente particular do trabalho em plataformas. Procurando colmatar essa lacuna, esta comunicação apresenta uma nova perspetiva teórica sobre como a gestão algorítmica pode transformar a relação de emprego.

Tendo como ponto de partida *The Black Box Society* (Pasquale, 2015), propõe-se o conceito de "relação de emprego caixa negra". Esta relação caracteriza-se por dois aspetos-chave: a crescente recolha de dados detalhados sobre os trabalhadores e o aumento de processos de decisão opacos. As novas dinâmicas de poder e o seu impacto na vida laboral diária que decorrem dessas características distinguem este novo paradigma.

Perante a turbulência decorrente da incapacidade de manter a promessa Fordista de empregos estáveis – em que se ancorava a legitimidade da relação de emprego – os empregadores encontraram novas maneiras de restabelecer a sua hegemonia e controlo sobre os trabalhadores. Na era pós-fordista, isto levou à atomização e individualização dos trabalhadores, resultando numa maior assimetria de poder, ainda que com promessas de contrapartidas: autonomia, flexibilidade, tratamento justo, acesso à informação, e respeito pela voz individual e privacidade. Os dados mostram que estes elementos promoveram um sentido relativo de justiça, confiança e motivação dos trabalhadores, revelando-se bem-sucedidos para os empregadores. No entanto, a introdução da gestão algorítmica pode desestabilizar este equilíbrio.

Em vez de promover eficiência e justiça, como prometido pelos seus defensores, o uso de ferramentas de gestão algorítmica em contextos de emprego convencional dota os gestores humanos de instrumentos de vigilância sem precedentes, comprometendo a privacidade dos trabalhadores e limitando severamente a sua autonomia. Além disso, a opacidade de algumas ferramentas algorítmicas, levanta preocupações sobre a justiça e impede uma fiscalização significativa.

Embora se antecipe que esses desafios levem à resistência dos trabalhadores, esta comunicação argumenta que os maiores riscos associados à relação de emprego da caixa negra são a internalização da vigilância pelos trabalhadores e a aceitação acrítica da tomada de decisões computacional, alegadamente superior à humana. Além disso, até hoje, apenas formas superficiais



de escrutínio em resposta à natureza complexa das ferramentas algorítmicas têm sido adotadas, contribuindo assim para um cenário onde as relações de poder sejam ainda mais desequilibradas.

PALAVRAS-CHAVE

Gestão Algorítmica; Relações Laborais; Emprego; Controlo



TRANSFORMAÇÕES GLOBAIS E AUTORITARISMOS

THE ROLE OF ECONOMIC ELITES AND THE MEDIA IN ECUADOR'S DOLLARIZATION

Andrés Chiriboga
andres.chiriboga@sciencespo.fr

RESUMO

This paper examines the pivotal role of local economic elites and their media in the penetration and, later on, formal adoption of the U.S. dollar in Ecuador. Contrary to mainstream economic perspectives that portray dollarization as a spontaneous and rational decision, this paper argues that the process was heavily influenced by elite interests. Dollar penetration in the 1990s revealed a tension between a sector of financial elites and other groups engaged in international trade. Our research shows how banking elites capitalized on exchange rate arbitrage between the sucre and the dollar, a monetary repertoire facilitated by economic deregulation. These elites defended the coexistence of sucres and dollars while commercial elites pushed for a full dollarization of the economy. In the midst of a financial crisis, the formal adoption of the dollar in 2000 "resolved" this tension between elites in favor of the sector linked to international trade that sought to increase its control over foreign exchange flows. The banking elites had to adapt their rent extraction system to the new monetary system.

The elite-controlled media played a crucial performative role in this process, particularly in aligning public perception with elite interests during the informal phase and later during de jure dollarization. Through strategic framing, the press helped to normalize and popularize the use of the dollar, first within elite circles and eventually among the general population. By focusing on both the economic and sociological dimensions, this paper provides a critical reassessment of Ecuador's dollarization, challenging the narrative of its inevitability and rationality.

PALAVRAS-CHAVE

Dollarization, Ecuador, Media, Elites



NEOLIBERALISMO AUTORITÁRIO E A EXTREMA-DIREITA CONTEMPORÂNEA: O CASO PORTUGUÊS

Jaime Roque
jaimeroque@ces.uc.pt

RESUMO

No ano do quinquagésimo aniversário da Revolução de Abril, a extrema-direita portuguesa registou um crescimento eleitoral exponencial quando obteve cerca de um milhão e cem mil votos e mais do que quadruplicou o seu grupo parlamentar para 50 deputados. Num contexto político marcado pela crise dos partidos centristas e pelo assalto ao poder da extrema-direita em cada vez mais países, encontramos frequentemente um conjunto de interpretações - tanto académicas como jornalísticas - segundo as quais estamos perante um fenómeno populista e iliberal que não é passível de enquadrar nos esquemas clássicos de classificação partidária e que representa apenas um fenómeno culturalmente regressivo sobre temas como a imigração. A presente comunicação pretende justamente abordar estas interpretações de forma crítica através de uma análise de conteúdo das ideias e propostas políticas veiculadas nos principais documentos programáticos do partido Chega. Olhando para temas-chave como a fiscalidade, a segurança social, o trabalho, a saúde, o ensino e a habitação, argumentar-se-á que a génese do Chega não só deve ser contextualizada nas principais lutas sociais e políticas em torno do capitalismo neoliberal como também o partido regista amplas linhas de continuidade em relação a este projeto-político ideológico. Mais concretamente, mostrar-se-á de forma comparativa como o programa do partido Chega se enquadra no universo político-económico do neoliberalismo autoritário - a crença na superioridade do mercado e da propriedade privada, o princípio do utilizador-pagador, o combate aos apoios sociais, a redução da fiscalidade progressiva e a mobilização de um aparato penal cada vez mais expansivo e intrusivo com a vista a conter e disciplinar as desigualdades e conflitos sociais gerados pelas políticas de desregulação e privatização económica - e como esse mesmo universo apresenta um conjunto significativo de interligações com as próprias ideias e experiências governativas da chamada direita tradicional. Desta forma, concluir-se-á com uma discussão teórica sobre as formas como a ascensão da extrema-direita integra uma longa história social e política que remonta até à época dos fascismos e assumiu novas configurações no contexto da radicalização do combate contra o Estado social keynesiano que se disseminou pelo continente europeu através do Thatcherismo. Numa lógica política semelhante, mostrar-se-á assim que a natureza de classe da extrema-direita portuguesa é também indissociável das mobilizações contrarrevolucionárias que compõem a ofensiva neoliberal encetada contra a economia política de pendor socialista enquadrada na Constituição de 1976.

PALAVRAS-CHAVE

Extrema-Direita; Fascismo; Neoliberalismo; Populismo

DESGLOBALIZAÇÃO E FRATURAS GEOPOLÍTICAS MUNDIAIS – O MUNDO QUE SE ANUNCIA

Paulo Miguel Madeira
paulo.madeira@edu.ulisboa.pt

RESUMO

A globalização económico-financeira que se tornou hegemónica na década de 1990, coincidindo com o momento unipolar de hegemonia dos Estados Unidos também no âmbito político-militar, entrou em reversão há alguns anos, estando agora numa fase de claro recuo. Neste momento, podemos dizer que a “conjuntura crítica” (Martin et al., 2018) em que a globalização se encontrava há meia dúzia de anos deu lugar a uma fase de “desglobalização”, em que processos políticos de várias ordens contribuem de forma crescente para uma fragmentação da economia mundial em vários domínios.

O que se entende aqui por desglobalização não é uma reversão de todas as dimensões do ambiente tendencialmente uniformizador de muitos aspetos socioeconómicos e culturais que temos vivido nas últimas décadas, num regresso a quadros nacionais de cariz singular. No mundo globalizado em que temos vivido, as normas globais que tendiam a configurar as normas nacionais (Santos, 1999, p. 12). No mundo que se perspetiva, este princípio perde importância e, crescentemente, os interesses dos principais Estados soberanos de tipo nacional tendem a configurar normas em consonância com os seus principais interesses imediatos, mesmo que entrando em conflito com normas internacionais. Também por estas razões, a desglobalização que agora se começa a impor deverá levar a um mundo com menor intensidade de comércio internacional e, sobretudo, a uma fratura entre blocos geoeconómicos e geopolíticos, num contexto em que o capitalismo de Estado se tem afirmado crescentemente (Alami, et al., 2021).

Esses processos, de forma clara, remontam ao Brexit e à eleição de Donald Trump como Presidente dos Estados Unidos com uma agenda protecionista que levou a que os EUA se retirassem de ou renegociassem acordos comerciais multilaterais, de modo a protegerem alguns setores da sua indústria. Mais recentemente, a pandemia de covid-19 e a guerra na Ucrânia vieram dar novo impulso a esses processos, com base em agendas quer explicitamente protecionistas quer explicitamente de poder puro, por vezes misturando ambas estas dimensões.

Nesta comunicação, apresenta-se a trajetória da inversão da globalização com base nos seus principais momentos e alguns dos principais marcos da desglobalização em curso, nas dimensões económica, financeira, e das instituições multilaterais. O foco será nas opções quer dos Estados Unidos quer dos países da União Europeia, pois foram eles quem mais pugnou pela ordem que agora vemos a ser desfeita, em grande parte por sua iniciativa ou por iniciativa de potências emergentes, mas sobretudo em resposta a ações do Ocidente. Por fim, é apresentada uma leitura prospetiva, para podermos ter uma imagem do mundo que está a emergir.



Referências

Alami, I.; Dixon, A. D.; Mawdsley, E. State capitalism and the new global D/development regime. *Antipode*, 53(5), 1294-1318, 2021

Martin, R., Tyler, P., Storper, M., Evenhuis, E., e Glasmeier, Amy (2018). Globalization at a critical conjuncture? *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 11, 13-16. doi:10.1093/cjres/rsy002

Santos, M. (1999), Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. *Território*, ano IV, nº 6, 5-20.

PALAVRAS-CHAVE

desglobalização; geopolítica; capitalismo de Estado; nova ordem global



POLÍTICAS PÚBLICAS EM PORTUGAL

DOS DIREITOS CULTURAIS ÀS VIVÊNCIAS CONCRETAS E DESIGUAIS - QUE CAMINHO TRILHAM AS POLÍTICAS PÚBLICA PARA AS ARTES EM PORTUGAL?

Amarílis Felizes
amarilis_felizes@hotmail.com

RESUMO

A Constituição da República Portuguesa estabelece os direitos culturais da população e as responsabilidades do Estado na sua garantia. Dela, derivam cinco objetivos principais das políticas públicas: 1) garantir a liberdade de criação e expressão; (2) garantir e promover o acesso/fruição de toda a população, corrigindo assimetrias; (3) garantir o direito à participação e à criação, assegurando acesso aos meios; (4) preservar o património cultural e (5) promover a cultura portuguesa no estrangeiro.

Embora a Constituição Portuguesa ofereça um quadro ambicioso de direitos e objetivos, a realidade das práticas culturais concretas revela uma desigualdade persistente.

Em muitos países, e em Portugal também, apesar de um aumento significativo no investimento cultural e na oferta de espaços e entidades, as mudanças nas práticas culturais ao longo dos anos foram mínimas. O crescimento da oferta não resultou em alterações significativas nos indicadores sociais, como o nível de escolaridade e a situação profissional dos participantes. As práticas são persistentemente estratificadas, por fatores como educação, rendimento, raça e etnia.

Assim, o desafio das políticas para as artes será também, e ainda, o de diversificar os perfis sociais dos públicos, atraindo novos grupos e ampliando o acesso e participação nas diversas manifestações culturais, repensando estratégias que abordem as barreiras sociais que impedem uma participação mais inclusiva.

Estas políticas públicas, nomeadamente na sua interação com entidades privadas, têm grande impacto na definição da economia política das artes em Portugal. E é esperado que tenham também impacto na população.

Exploraremos a forma como se têm articulado as medidas políticas e as atividades artísticas com os objetivos gerais das políticas para as artes, para dar conta dos impasses e limitações existentes. Para tal, mapeamos as interações e múltiplos compromissos entre diferentes pessoas e instituições que definem o mundo da arte em Portugal, tomando o caso das artes performativas. Compreenderemos assim as disputas, e seus resultados conjunturais, de interesses, ideias e instituições vão definindo estas redes de interação.

PALAVRAS-CHAVE

direitos culturais, política para as artes, desigualdades

ECONOMIA POLÍTICA DA POLÍTICA INDUSTRIAL EM PORTUGAL - O CASO DAS AGENDAS MOBILIZADORAS

Beatriz Mendes
bpmso2@iscte-iul.pt

RESUMO

Desde o início dos anos 2000 que se assiste a um renovar dos argumentos a favor da intervenção do Estado na economia através da adoção de políticas industriais em diversos níveis setoriais e regionais. Este interesse renovado neste tipo de políticas por parte de governantes e académicos traz consigo um conjunto de questões práticas e teóricas que importa explorar. Em particular, Andreoni e Chang (2019) argumentam que o discurso neoclássico dominante incorporou de forma incompleta um conjunto de argumentos provenientes de outras correntes económicas. Neste processo, perdem-se características importantes dos conceitos e lógicas originais, o que afeta diretamente as recomendações de políticas decorrentes dessas teorias.

Este movimento pode ser analisado à escala portuguesa, onde se assiste recentemente ao surgimento de um conjunto de políticas desenhadas a partir de conceitos como “sistemas nacionais de inovação” ou “economia de missão”. No entanto, estas políticas são frequentemente baseadas em quadros teóricos incompletos ou até contraditórios, ignorando aspectos que podem ser fundamentais para o seu sucesso.

Esta constatação tem implicações importantes para o acompanhamento e avaliação destas medidas. Nesta comunicação, argumenta-se que a lente da economia política é relevante para o processo de avaliação de medidas de política industrial, permitindo explicitar um conjunto de aspectos frequentemente colocados fora do debate. Seguindo Chang e Andreoni, analisamos uma das medidas-bandeira do Plano de Recuperação e Resiliência – as Agendas Mobilizadoras para a Inovação Empresarial - procurando compreender de que modo o seu racional de intervenção dá resposta a preocupações com o contexto e capacidades institucionais, a existência de dependências interestruturais, e a necessidade de alinhamento dinâmico de políticas e gestão de conflitos latentes. Deste exercício, retiram-se pistas para a realização de uma avaliação deste instrumento utilizando métodos de avaliação baseada na teoria.

PALAVRAS-CHAVE

economia política, política industrial, avaliação baseada na teoria



THE POLITICAL ECOLOGY OF FOREST FIRES

NEOLIBERAL FIRES: FOREST PLANTATIONS AND THE PRIVATISATION OF FIRE-FIGHTING INFRASTRUCTURE

Amedeo Policante
policante@gmail.com

RESUMO

In the last twenty years, global forests have suffered recurrent and ever more violent fires. This permanent state of emergency has gone hand in hand with a double process of neoliberal privatization of 'forest fires'. On the one hand, traditional forests have been increasingly substituted by corporate-owned and privately-managed "forest plantations". On the other hand, fire-fighting has been increasingly outsourced to private companies. As a result, forest fires have been turned into an opportunity for capital accumulation. As climate change progresses, fire suppression is becoming a major business, especially for private contractors. This paper will try to map the emerging firefighting business - focusing on its corporate geographies the US, Italy and Portugal - while interrogating the ways in which these neoliberal privatization strategies reshape the ways in which fire is valued and governed.

PALAVRAS-CHAVE



THE ANTI-FIRE PARADOX: MEMORIES OF LITTLE FIRES EVERYWHERE AND THE IMPOSITION OF A WILDFIRE ECONOMY IN SERRA DE MONCHIQUE, PORTUGAL

Joana Vaz Sousa
joanasousa@ces.uc.pt

RESUMO

Fire use was the basis of rural livelihoods in southern Portugal until recently. In Serra de Monchique, both historical literature and social memory frame fire as central to agriculture, cattle raising, charcoal-making, distilling, food processing, and ritual. Fire was abundant and its energy accessible to the reproduction of livelihoods and wellbeing of people in the Serra. Small and slow fires shaped the landscape as their energy was used in food production and processing and incorporated into the bodies and lives of peasant peoples. While some of these practices ended, others persist, as economies based on sharecropping shifted to contract-based eucalyptus plantations. Rockroses, lentisk, and heath were once consumed in the slow, managed fires of the Serra. Today they grow in the few mountain hills not fully covered by eucalyptus plantations. The plantations and the unmanaged vegetation provides the fuel feeding the large and accelerated fires recorded today. As the outdoor production of fire became increasingly criminalized during the 20th century, fire suppression has also been increasingly centralized. Practices of participative fire suppression persisted until the fire of 2018, when local participation was banned, leading to residents evading the authorities in an effort to protect their livelihoods. Current fire management is portrayed by people living in Serra de Monchique as part of an obscure economy of fire suppression that ignores local knowledge, dismisses loss and trauma, and is guided by concerns about voting trends and private interests dependent on the current fire suppression regime.

PALAVRAS-CHAVE



FIRE AS CRISIS: CONTRADICTIONS OF CAPITALISM, PERIPHERIES, PRIMITIVE ACCUMULATION AND NATURE

Jonas Van Vossole
jonas.vanvossole@ces.uc.pt

RESUMO

The concept of crisis plays a pivotal role in critical theory. Crises, within this framework, have the potential to expose the fundamental contradictions inherent in social processes and relations. In this paper, by examining fire as a crisis of capitalism, the author seeks to employ the critical dimension of crisis in political theory to understand the interplay between capitalism and forest fires. Specifically, the paper explores how fire, as a crisis, exposes the contradictions of private property, acts as a form of primitive accumulation and creative destruction, fosters colonial dynamics, and shapes the relationship between humans and nature. While fire as crisis is a product of capitalism, and exposes the contradictions and weaknesses of its political economy; it also manifests itself as an opportunity; both for capitalism to renew itself with new investment opportunities, but also as a possible political awakening of the affected.

PALAVRAS-CHAVE



THE FOREST BURNS, PROFITS ARE PRIVATE, LOSSES ARE PUBLIC

Maria Carolina Varela
mariacarolinavarela@yahoo.ca

RESUMO

The Mediterranean climate is the defining structural factor behind forest fires in Portugal. Despite its location along Europe's Atlantic facade, mainland Portugal experiences a predominantly Mediterranean climate, characterized by hot, dry, and prolonged summers that often extend into autumn. However, it is the composition and structure of the forest landscape that serve as the contingent factors contributing to the outbreak and spread of the violent and devastating fires that affect Portuguese forests. Among these factors—tree species composition, fragmented land ownership, absenteeism, agricultural abandonment, the dismantling of the Forest Services, and others—the key driver is the species composition of the forest. Forest fires only began to reach significant proportions in the 20th century, following large-scale reforestation programs with maritime pine. In the 1970s, the unchecked and rapid expansion of eucalyptus began, making it the dominant species in Portuguese forests today. In just over 50 years, eucalyptus has replaced about half of the pine forest area, encroaching on native forests, heathlands that once supported meager grain cultivation and grazing, agricultural lands, and riparian zones. As eucalyptus plantations have expanded, encircling villages and urban areas, fires have become more frequent, massive, and catastrophic, destroying homes and livelihoods. Until the 20th century, mainland Portugal's native forests were primarily composed of oaks, interspersed with patches of maritime pine and valleys with riparian species. Fires occurred in this landscape, but they were moderate in both intensity and spread, unlike the devastating fires that now rage through vast areas of highly flammable species like eucalyptus and pine. These species must be managed judiciously and responsibly to ensure they serve as a source of wealth, rather than a form of exploitative "mining" where profits are privatized and losses are borne by the public. Unless the factors that fuel these massive fires are fundamentally addressed, Portugal will continue to burn with relentless devastation. Such changes require technical expertise and national sovereignty—namely, the courage to confront the exploitative and predatory interests that profit from Portugal's forests, whether they are alive or reduced to ashes.

PALAVRAS-CHAVE

VAI FICAR MESMO TUDO BEM? A IDEOLOGIA IMPLÍCITA DA RESILIÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NOS REGIMES DE PROTEÇÃO SOCIAL

Alexandre Calado
alexandre.calado@iscte-iul.pt

RESUMO

A ascensão do neoliberalismo ao longo da década de 1980 despoletou um debate alargado nos campos académico e político sobre a sustentabilidade dos sistemas de proteção social nos países desenvolvidos. Neste contexto, apontaram-se os riscos decorrentes das transformações nas tendências demográficas, na divisão sexual do trabalho e da terciarização da economia. O que unem estes debates é, por um lado, o foco nos fatores macroestruturais e, por outro lado, que tais mudanças colocam em risco um modelo de proteção social generoso e extensivo. No entanto, no período que se seguiu assistiu-se à expansão do Estado Social e a crescente liberalização da economia global. Este equilíbrio instável voltou a estar sob exame com o despoletar da Grande Recessão em 2007, mais particularmente na Europa em 2010 com a crise das dívidas nacionais. Só que desta vez foi posto em causa o presente do Estado Social e o diagnóstico desviou-se dos fatores macroestruturais para se concentrar no comportamento dos atores, fossem estes coletivos ou individuais, notabilizado pela sigla PIGS e pela narrativa do “viver acima das possibilidades”. Este contexto de depressão económica e de crise social foi propício para a emergência e expansão das abordagens da resiliência social nos campos académico e político. A resiliência rapidamente é estabelecida como um mantra para as respostas ao contexto de crise, propondo um novo sujeito que emerge desta crise interiorizando a insegurança socio-material, a inevitabilidade da flexibilidade e a predisposição para a assunção do risco. Apesar das críticas, acusando a noção de vazia ou de embuste, no rescaldo da crise a promoção da resiliência das famílias e dos sistemas económicos constitui uma prioridade das políticas europeias. A presente comunicação visa dar conta do processo de institucionalização da perspetiva da resiliência na agenda social europeia, ocupando hoje um lugar central na narrativa que suporta as políticas e os respetivos instrumentos financeiros. A partir da análise do desenvolvimento teórico-conceptual destas abordagens aos fenómenos socioeconómicos e da agenda social europeia desde a Grande Recessão, propomos explicitar a sua ideologia implícita e as consequências na orientação das políticas e dos arranjos institucionais que estruturam os sistemas de proteção social na Europa. Finalmente, argumentar-se-á que a atração da resiliência pelo campo político deve-se à proposição de um sistema social capaz de integrar as crises nos planos individual e sistémico, propondo as bases para uma proteção social mínima compatível com as necessidades e princípios do neoliberalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Grande Recessão, Resiliência, Estado Social, União Europeia, Pobreza



RENDIMENTO BÁSICO INCONDICIONAL OU DEMOCRACIA NO LOCAL DE TRABALHO? UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS PROPOSTAS PARA A PROMOÇÃO DO PODER DE DECISÃO DOS TRABALHADORES

Hugo Rajão
hugorajao@gmail.com

RESUMO

Uma das virtudes atribuídas à implementação de um Rendimento Básico Incondicional (RBI) reside nos efeitos benéficos que este traria para os trabalhadores, no que concerne a um maior equilíbrio de poder dentro do local de trabalho, na relação trabalhador – patrão. Assumindo que todos os membros da sociedade teriam acesso, de forma incondicional, a um rendimento pelo menos suficiente para suprir algumas das necessidades básicas, os trabalhadores ganhariam assim uma verdadeira alternativa, que não a simples privação material, para recusar condições de trabalho que considerem injustas, o que refletir-se-ia num maior poder de negociação para granjear condições de trabalho mais alinhadas com os seus interesses. Consequentemente, o RBI, por si só, seria suficiente para elevar o poder de decisão dos trabalhadores, não havendo necessidade de reformar os mecanismos de governação da empresa, de modo a atribuir aos trabalhadores direitos democráticos de participação nos processos de decisão da mesma – tal como defendido pelas propostas de Democracia no local de trabalho (Workplace Democracy). Nesta apresentação, procura-se analisar o potencial do RBI em comparação com as propostas de Democracia no Local de Trabalho (DLT), no que diz respeito ao seu impacto no poder de decisão dos trabalhadores. A apresentação encontra-se dividida em três secções. A secção I explora as eventuais desvantagens do RBI em relação à DLT, abordando: 1) custos financeiros de implementação; 2) compatibilidade com o princípio da reciprocidade; 3) previsão do comportamento dos agentes envolvidos; 4) confiança nas contingências. A secção II pretende demonstrar que duas supostas vantagens da UBI em relação à DLT são sobrevalorizadas: 5) exequibilidade da implementação; 6) potencial para lidar com a automação e uma potencial mudança para uma sociedade sem trabalho. A secção III destaca as limitações da DLT, que o RBI, como medida complementar, poderia potencialmente resolver: 7) promoção do poder económico dos não-trabalhadores; 8) reconhecimento de tipos de trabalho não contemplados pelo mercado; 9) garantia de uma opção de escape, mesmo num contexto democrático. Por fim, conclui-se com os desafios que a tentativa de combinar ambas as propostas, em vez de as colocar em oposição, pode suscitar, nomeadamente no que diz respeito à objeção da reciprocidade.

PALAVRAS-CHAVE

Rendimento Básico Incondicional (RBI), Democracia no Local de Trabalho (DLT), Poder de negociação, Automação, Reciprocidade



REFORMAS DO FINANCIAMENTO DA SEGURANÇA SOCIAL E A EROSÃO DA PROTEÇÃO SOCIAL DOS TRABALHADORES

Maria Clara Murteira
murteira@fe.uc.pt

RESUMO

Esta comunicação analisa a trajetória de reformas do financiamento do sistema de segurança social, a partir da segunda metade dos anos 80, em Portugal, salientando o modo como as sucessivas alterações no domínio do financiamento foram decisivas nas reformas dos regimes das prestações sociais e na reorientação das políticas de emprego. A investigação desenvolvida baseia-se na análise sistemática das alterações regulamentares introduzidas no domínio do financiamento, a partir de 1986, ano de introdução da TSU. Identificam-se os momentos fundamentais de mudança de orientação no regime do financiamento da segurança social e examinam-se criticamente as medidas introduzidas. Analisa-se, depois, o modo como as alterações do financiamento se articularam com as reformas das pensões (o exemplo escolhido, por ser o programa com maior peso na estrutura da despesa) e com as políticas de emprego. O estudo dessas articulações permite esclarecer os mecanismos através dos quais as reformas do financiamento produziram impacto nos regimes das prestações sociais e nas políticas conduzidas em nome do emprego. Permite também caracterizar de forma mais precisa o sentido (na dupla aceção de orientação e significado) da mudança operada na organização destes dois domínios da proteção social dos trabalhadores. No que respeita aos regimes das prestações sociais, a partir de 1986, um conjunto de alterações regulamentares no esquema de financiamento induziu a redução do fluxo de receita consignada ao pagamento das prestações sociais substitutivas do salário, o que favoreceu a execução (e a legitimação) das reformas orientadas para a contenção da despesa. Em paralelo, o aumento do peso da receita fiscal na estrutura do financiamento favoreceu o desenvolvimento de prestações do regime não contributivo. No que respeita ao domínio das políticas conduzidas em nome do emprego, a alteração das normas relativas ao financiamento por contribuição social tem sido um elemento fulcral no conjunto das políticas que visam reduzir o custo do trabalho para os empregadores. A comunicação sublinha os efeitos destas políticas em três domínios: a distribuição do rendimento (reduz-se a massa salarial afeta ao financiamento das prestações sociais substitutivas do salário); a natureza dos recursos dos trabalhadores abrangidos por medidas de ativação (a inserção do emprego associa-se a formas de remuneração equivalentes a “salário subsidiado”); o envolvimento crescente do Estado na construção da relação salarial.

PALAVRAS-CHAVE

Segurança Social, Reforma das Pensões, Ativação, Contribuição Social



TÃO LONGE E TÃO PERTO: ATIVAÇÃO DA PROTEÇÃO SOCIAL EM PORTUGAL E NO CHILE

Maria Clara Oliveira, Jorge Caleiras
c.oliveira@fe.uc.pt, jorge.caleiras@colabor.pt

RESUMO

A proposta de associação de medidas de ativação laboral a programas que visam garantir um rendimento mínimo à população mais vulnerável tem vindo a ganhar força e a influenciar decisões políticas. No entanto, estas propostas podem traduzir-se de diferentes modos consoante o contexto. Esta comunicação explora a associação de medidas de ativação laboral a programas de garantia mínima de rendimento e a programas de transferência monetária condicionada, presentes na Europa e na América Latina, respetivamente. Recorre-se à análise comparada de dois programas: o Rendimento Mínimo Garantido (RMG)/Rendimento Social de Inserção (RSI) em Portugal e o Chile Solidário (ChS)/Ingreso Ético Familiar (IEF) no Chile. O olhar cruzado para os dois estudos de caso permite identificar diferenças, mas também características semelhantes (visões, discursos, práticas), tendo como pano de fundo as condições específicas de cada país, da capacidade de os respetivos mercados de trabalho absorverem novos trabalhadores de forma digna, e do equilíbrio entre incentivos à ativação e garantia de uma rede de proteção social que assegure condições mínimas de vida. O estudo mostra que a evolução destes programas incorpora uma tendência crescente e “reformadora” da agenda de ativação da proteção social nos dois países, impulsionada por fatores ideológicos e económicos que levam ao fortalecimento dos requisitos destinados a promover a entrada dos beneficiários no mercado de trabalho formal. Além disso, para ambos os casos, levantam-se questões sobre a qualidade do emprego oferecido aos beneficiários, as condições estruturais de desigualdade ou o papel do Estado na garantia de bem-estar social. O estudo contribui duplamente para os debates sobre a complexa dinâmica das políticas de bem-estar à escala internacional. Por um lado, dialoga com estudos sobre políticas sociais globais, dado que os dois casos – e também as duas regiões – apresentam algumas tendências semelhantes, o que sugere a possibilidade de atores e ideias semelhantes informarem o desenho e a mudança de políticas. Por outro lado, demonstra que as reformas foram legitimadas por promessas de acesso ao emprego, erradicação da pobreza e da exclusão social, que não parecem estar a ser cumpridas e aponta a necessidade de conhecer melhor os efeitos reais na vida dos beneficiários.

PALAVRAS-CHAVE

Rendimento Mínimo Garantido, Transferências Monetárias Condicionadas, Ativação, Portugal, Chile



A PROTEÇÃO E A EMANCIPAÇÃO NO TEMPO LONGO

Renato Miguel Do Carmo
renato.carmo@iscte-iul.pt

RESUMO

Tendo por base o livro publicado recentemente, intitulado “Direito ao Mundo da Vida: Esboços Teóricos para Políticas Amplas”, aprofundar-se-á a ideia de construção de um movimento único de proteção e de emancipação como contraposição aos fatores de mercadorização, exploração e extorsão que constituem o capitalismo contemporâneo. Partindo do referencial de um pequeno texto de Nancy Fraser (2017), onde esta propõe uma análise complexa e dialética capaz de cruzar os contributos de dois conceituados ‘Karl’, Marx e Polanyi, esboçar-se-ão algumas bases para a construção coletiva de um movimento aglutinador que alie as políticas de proteção às de emancipação, e que, simultaneamente, as inscreva no espaço-tempo das cidades e de outros territórios. Traçam-se possibilidades teóricas, necessariamente incompletas, mas suficientemente consistentes para alicerçar a discussão em torno de políticas mais amplas e pensadas para o tempo longo.

PALAVRAS-CHAVE

Políticas de proteção; Emancipação; Tempo; Capitalismo contemporâneo



COMBATE À POBREZA PELA EXTREMA-DIREITA? DISPUTAS POLÍTICAS, IDEACIONAIS E ELEITORAIS NA SUBSTITUIÇÃO DO BOLSA FAMÍLIA NO BRASIL SOB BOLSONARO

Sérgio Simoni Jr., Maria Clara Oliveira
sergiojr_ssj@hotmail.com, c.oliveira@fe.uc.pt

RESUMO

Qual é a relação entre políticas de bem-estar social e governos/partidos populistas de direita ou extrema-direita (Rathgeb e Busemeyer, 2021; Afonso e Rennwald, 2018)? Se décadas atrás partidos de direita se caracterizavam por governos de orientação liberal que propugnavam corte de gastos (Pierson, 1994), e a emergência de partidos populistas era explicada principal ou exclusivamente pela via das mudanças culturais, parte dos estudos começou a incorporar as propostas e a implementação de políticas sociais dos partidos de extrema-direita de modo a entender sua força crescente. De modo geral, a literatura chama atenção que as políticas sociais defendidas pela direita populista são pautadas pela ideia de merecimento, que valoriza trabalhadores ativos e aposentados/idosos em detrimento de grupos com inserção mais precária no mercado de trabalho, como mulheres, trabalhadores temporários, desempregados e vulneráveis (Rathgeb e Busemeyer, 2021; Enggist and Pingerra, 2021) e por concepções chauvinistas e nacionalistas, que busca excluir os imigrantes do acesso aos direitos sociais. No entanto, o foco no caso europeu ou norte-americano – com estados de bem-estar social mais ou menos consolidados, nos quais grande parte das pessoas de fora do sistema de proteção social (outsiders) são imigrantes - implica em lacunas importantes na literatura. Primeiro, em contextos como a América Latina, parte dos estados de bem-estar social são restritos (Holland, 2018) e/ou grande parte dos eleitores se encontra no mercado de trabalho informal. Segundo, existem evidências de que a base eleitoral dos partidos populistas na Europa e nos EUA são parcelas do eleitorado pobre, enquanto no Brasil, em particular, são pessoas de classe média e classe alta. No Brasil, em 2018 foi eleito Jair Bolsonaro, um dos principais expoentes da extrema-direita mundial e tradicional crítico do Programa Bolsa Família (PBF), programa de transferência de renda condicionada criado em 2003 responsável por impactos socioeconômicos e eleitorais pró Partido dos Trabalhadores (PT), principal adversário de Bolsonaro. Na campanha, no entanto, o futuro vencedor prometeu que não apenas manteria o PBF, como também criaria uma parcela adicional de benefícios. Ao final de seu mandato, Bolsonaro foi além: propôs e logrou aprovar no Congresso a substituição do PBF pelo Programa Auxílio Brasil (PAB), alterando alguns aspectos do desenho do programa e elevando fortemente o valor do benefício. Neste artigo, propõe-se analisar os argumentos e as concepções de política social expostos nos debates parlamentares pela base de Bolsonaro e pela oposição de esquerda a partir do enquadramento teórico acima apresentado.

PALAVRAS-CHAVE

Políticas sociais, Transferência de renda, Extrema-direita, Brasil



ONDE VAMOS MORAR? PARA UMA REFLEXÃO SOBRE HABITAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

RENTISMO IMOBILIÁRIO E DESIGUALDADES EM PORTUGAL

Ana Cordeiro Santos
anacsantos@ces.uc.pt

RESUMO

O crescimento desproporcional dos preços e das rendas da habitação relativamente ao valor dos salários, tornando-a progressivamente inacessível às gerações mais jovens e aos grupos de baixo e médio rendimento, tem vindo a dinamizar o mercado de arrendamento privado nas economias capitalistas contemporâneas (Aalbers et al., 2021). Esta evolução tem estimulado o investimento imobiliário que transforma a habitação numa fonte de ganhos de capital e obtenção de rendas em detrimento da sua função social (Santos e Ribeiro, 2022), isto é, do seu uso enquanto abrigo e espaço de segurança para as famílias, dando forma ao que Ryan-Collins e Murray (2021) denominam por “rentismo habitacional”. À medida que a habitação se torna cada vez mais inacessível para um conjunto cada vez mais amplo da população, os proprietários enriquecem com a valorização das casas e a acumulação de rendas, acentuando as desigualdades de rendimento e patrimoniais. Perante uma crise habitacional que se agrava os governos são forçados a adotar novas medidas para mitigar os seus efeitos, mas que acentuam as desigualdades sociais, quer seja através de apoios à compra de casa para quem se encontra numa posição mais favorável, quer seja através de subsídios para auxiliar o pagamento das rendas que acabam por sustentar o crescimento imparável das rendas. Nesta comunicação ir-se-á debater os diversos mecanismos de reprodução das desigualdades em Portugal subjacentes às políticas públicas mais recentes que se centram nos efeitos e não nas causas da crise habitacional.

Referências:

- Aalbers, M.B., Hochstenbach, C., Bosma, J. e Fernandez, R. (2021) The death and life of private landlordism: How financialized homeownership gave birth to the buy-to-let market, *Housing, Theory and Society*, 38, pp. 541–563.
- Ryan-Collins, J. & Murray, C. (2021) When homes earn more than jobs: the rentierization of the Australian housing market, *Housing Studies*, 38 (10), pp. 1888-1917.
- Santos, A. C. & Ribeiro, R. (2022) Bringing the Concept of Property as a Social Function into the Housing Debate: The Case of Portugal, *Housing, Theory and Society*, 39 (4), pp. 464-483.

PALAVRAS-CHAVE

habitação, rentismo, políticas públicas, desigualdades



A ARQUITECTURA MORA NA POLÍTICA. E A CASA? É CONFORTÁVEL?

José António Bandeirinha
jabandeirinha@uc.pt

RESUMO

Com esta comunicação propõe-se partilhar uma reflexão sobre o campo disciplinar da arquitectura nas suas intersecções com a actividade política. Tomando como ponto de referência SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), uma iniciativa governamental liderada por Nuno Portas após o 25 de Abril de 1974, visa-se reflectir sobre o direito à cidade, o direito à arquitectura e o papel a desenvolver pelas políticas públicas na prossecução desses objectivos. À semelhança do que era o contexto português na década de 1970, marcado pelas condições de habitação extremamente precárias da maioria da sociedade portuguesa, também hoje vivemos uma crise habitacional que, ainda que com contornos distintos, nos permite, ultrapassando a linha do tempo, reflectir sobre esse estranho relacionamento de amor-ódio entre a arquitetura e o poder político. E nestas intersecções encontramos os arquitectos e a sua formação académica, em que medida os estaremos a capacitar para o trabalho nesse equilíbrio instável entre tecnologia, cultura, política e cidadania.

PALAVRAS-CHAVE

arquitectura, arquitectos, SAAL, política, cidadania



O SAAL EM GRÂNDOLA E O DIREITO À HABITAÇÃO: PROPOSTA DE REFLEXÃO EM TORNO DE UMA EXPERIÊNCIA EXPOSITIVA

Luísa Veloso
luisa.veloso@iscte-iul.pt

RESUMO

“Quando vou construir num lugar, numa ‘paisagem’ (...) julgo que nunca digo ‘o que é que eu vou fazer aqui’, mas sim ‘como é que eu vou fazer isto aqui’”, diz-nos Manuel Tainha, o arquitecto responsável pelos dois bairros edificados no quadro do SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) em Grândola: Vale Pereiro I e II e Canal Caveira. Conscientes da degradação das condições habitacionais das populações, e, mesmo, a sua ausência, os poderes públicos avançaram com um programa de escala nacional liderado por Nuno Portas logo após o 25 de Abril de 1974. Um habitat discutido e planeado com brigadas SAAL (como foram, na altura, designadas), nas quais primou o papel de arquitetos e arquitetas no desenho de habitação, mas, também, na edificação de território e de densidade social. Há cerca de dois anos, apresentei, juntamente com João Lima, à Biblioteca e à Câmara Municipal de Grândola uma proposta, integrada nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974, de uma exposição e um conjunto de eventos paralelos de modo a pensar a participação cívica e o direito à habitação. Nesta comunicação propõe-se uma reflexão sobre o que foi conceber esta proposta e o que dela tem resultado. Uma reflexão sobre “como é que fizemos isto” – o SAAL em Grândola e o direito à habitação – “aqui” – em Grândola.

PALAVRAS-CHAVE

arquitectura, Manuel Tainha, habitação, SAAL, cidadania



PROCESSO SAAL – QUE ENSINAMENTOS PARA A CIDADE DEMOCRÁTICA DE HOJE?

Rosa Arma, Andréa Arruda, Carlotta Monini, Rita Silva
rossellaarma@gmail.com
afarruda@gmail.com
ritasilva@ces.uc.pt

RESUMO

Os processos de realojamento em Portugal evoluíram, paradoxalmente (ou não) ao longo dos últimos 50 anos de democracia no sentido inverso da participação dos moradores no desenvolvimento de soluções de alojamento/realojamento e construção de cidade. Nos primeiros anos de democracia houve experiências de grande mobilização popular promovidas não só por políticas do Estado, como o programa SAAL, mas também por iniciativa direta das bases através de amplas ocupações, bem como pela cooperação entre as duas partes com o desenvolvimento de formas de cooperativas de habitação. Apesar do grande potencial e alcance em termos territoriais dessas ações, tiveram um período curto, sendo logo substituídas por processos mais limitados de participação, por vezes, com laivos autoritários. O PER (Programa Especial de Realojamento) foi um dos exemplos de realojamento, apesar de ser voltado para o atendimento de populações que habitavam em situação de precariedade e maior vulnerabilidade, o programa trouxe em parte constrangimentos significativos a partir das ações de despejos em seu nome. No momento atual, perante a intensificação da crise de habitação, os temas da autoconstrução da habitação e da situação de precariedade voltaram a crescer. Apesar dos dispositivos recentes (LBH; 1º Direito) incluírem o princípio fundamental da participação e outros que devem orientar as soluções habitacionais, os programas de realojamento decorrentes das Estratégias Locais de Habitação parecem ter saltado esse passo fundamental, mantendo-se coerentes com o a abordagem do PER e centrando-se na erradicação dos núcleos autoproduzidos, no realojamento e dispersão dos seus residentes pelos mais longínquos conjuntos habitacionais da AML. A partir de alguns exemplos do que tem acontecido em territórios da AML nos últimos anos, pretende-se explorar e analisar a nova realidade da autoprodução habitacional, as práticas e abordagens dos respetivos municípios e os processos de participação dos habitantes. Serão observados os riscos atuais de se repetir os mesmos erros do passado, mas sobretudo debatidas as oportunidades em curso para a co-produção de processos de realojamento que tragam à mesa atual uma participação de alta intensidade de volta no desenvolvimento de soluções habitacionais, integrando a cooperação tripartida - do estado, do conhecimento técnico especializado e engajado e do conhecimento de base popular.

PALAVRAS-CHAVE

habitação, participação, democracia, auto e co-produção



NEOLIBERALISMO E SEUS DESCONTENTES

MODELOS DE DESARROLLO, RECURSOS NATURALES, DESIGUALDAD Y REGÍMENES POLÍTICOS. ARGENTINA EN UNA FASE DE SAQUEO

Andrés Musacchio
andresmusacchio@hotmail.com

RESUMO

El proceso de transformación contemporáneo reabre algunos viejos debates. Las transformaciones están lideradas por países que no poseen recursos naturales críticos en cantidad suficiente y deben obtenerlos por medio del comercio internacional y las inversiones externas. Esa demanda coloca en el centro de interés a los países que disponen de tales recursos y que deben definir políticas de largo plazo que regulen su apropiación y explotación. ¿Qué grados de libertad tiene un país periférico y endeudado para diseñar una política de desarrollo autosostenida? ¿Puede utilizar sus recursos para impulsar un nuevo modelo de desarrollo endodirigido o sólo está en condiciones de insertarse como proveedor de materias primas, a la sobra de las políticas trazadas por las grandes potencias, como la “Global Gateway de la Unión Europea”? ¿Qué beneficios y problemas traen consigo las diferentes alternativas?

Es el caso de Argentina, que dispone de grandes reservas de gas y condiciones inmejorables para la producción de energía eólica y solar, lo cual permite exportar gas para la transición energética y acelerar la producción de hidrógeno verde. Paralelamente, dispone en conjunto con Chile y Bolivia, de la principal reserva mundial de litio. Simultáneamente, padece una abultada deuda externa y una fragilidad notoria en su cuenta corriente, arrastrando un período de estancamiento de una década, que muestra el agotamiento de su modelo productivo.

Las posibilidades abiertas por su dotación de recursos permiten pensar, desde el punto de vista analítico en tres modelos de desarrollo diferentes. Sin embargo, la opción por uno de ellos depende del régimen político existente y de las condicionalidades que la normativa sobre la que se construye el modelo impongan hacia el futuro en forma de irreversibilidades.

El presente trabajo se propone esquematizar los posibles modelos analíticos y confrontarlos con las nuevas reglas legales y normas sociales impuestas por el nuevo gobierno de ultraderecha encabezado por Javier Milei. En especial, se pondrá el acento sobre el nuevo Régimen de Incentivo a las Grandes Inversiones (RIGI), pieza clave para atraer inversores externos en los sectores prioritarios, y su operacionalidad a partir de un renovado esquema de represión estatal para evitar resistencias sociales. A partir de sus efectos sobre las condiciones sociales y tecnoproductivas procuraremos discutir se trata de un modelo de desarrollo o simplemente de un saqueo abierto de los recursos naturales. Paralelamente, se tratará de abrir un espacio de reflexión para pensar políticas de desarrollo desde una perspectiva periférica.



PALAVRAS-CHAVE

Desarrollo, Recursos naturales, regímenes políticos, RIGI



ADAM SMITH EM “A RIQUEZA DAS NAÇÕES”: PONTOS E CONTRAPONTO EM RELAÇÃO À ATUAL GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL.

João Jerónimo Machadinha Maia
joao.maia@uc.pt

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivos realçar semelhanças e divergências da teoria económica presente na obra de Adam Smith, “A Riqueza das Nações”, em relação aos resultados da atual globalização neoliberal. Neste sentido, também se pretende delimitar ideias da referida obra que poderão contribuir para a redução das assimetrias sociais e económicas do mundo atual.

Desde do fim da Guerra Fria implementou-se um modelo global de desenvolvimento dependente de um gerencialismo imposto a partir do chamado “Consenso de Washington” e perpetrado por organizações internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Na base deste paradigma estão dez princípios de ação fundamentais: disciplina fiscal, prioridades na despesa pública, reforma fiscal, liberalização financeira, taxas de câmbio, liberalização do comércio, investimento estrangeiro direto, privatização, desregulação e direitos de propriedade. Este modelo tem, no entanto, sofrido críticas pois em muitos casos tem levado ao aumento das desigualdades sociais e económicas, tem favorecido a formação de monopólios e oligopólios empresariais e tem-se revelado incapaz de mitigar a instabilidade política, social e militar bem como a crise ecológica que o planeta atravessa.

Por seu turno, Adam Smith, vulto incontornável da escola clássica e do liberalismo económico, na sua obra “A Riqueza das Nações” desenvolveu ideias no campo da teoria económica que em grande parte serviram de base aos trabalhos de economistas dos séculos vindouros. Embora, muito daquilo que é a apologia neoliberal procure fundamentos na teoria de Smith, é possível encontrar pontos de tensão entre esta aplicação contemporânea e os referidos trabalhos percursores. Assim, esta comunicação confrontará os resultados da globalização neoliberal com a obra de Adam Smith, “A Riqueza das Nações”, em questões como a regulação económica, concentração e aumento da riqueza, saldo da balança comercial, equilíbrio entre consumo/produção, liberdade e expansão comercial, relação emprego/salários, preços e custo de vida, taxas de lucro.

Em suma, poderemos delimitar determinadas ideias programáticas, que numa base social-liberal, possam contribuir para a correção dos malefícios da globalização, não esquecendo, no entanto, por um lado, a relação entre o autor e o seu contexto histórico, e, por outro lado, as problemáticas atuais de âmbito ecológico que se colocam a nível mundial.

PALAVRAS-CHAVE

Globalização; Adam Smith; liberalismo; assimetrias.



REACÇÃO ESPONTÂNEA: UM CICLO DE PROTESTO CONTRA A DIRECÇÃO DE UM CLUBE DESPORTIVO

Rahul Kumar
rahul.m.kumar@gmail.com

RESUMO

Entre 2005 e 2013, a direcção de um dos maiores clubes desportivos portugueses, o Sporting Clube de Portugal, enfrentou um movimento de protesto dos seus próprios adeptos. Esta comunicação tem como objetivo analisar as reivindicações e a trajetória deste movimento. Descreverá o repertório de protesto, bem como as estruturas de mobilização dos adeptos, e irá procurar articular as mudanças neste repertório com as transformações económicas e políticas observadas no país, mas também com as mudanças observadas nos quadros organizacionais e nos modelos de representação dos adeptos no futebol português. Para além da análise dos episódios de confronto, este trabalho procura também reconstruir as narrativas que articulam estas interações conflituosas entre a direcção do clube e um número cada vez maior de sócios. Ao longo deste período, circularam nas comunidades de adeptos do clube uma série de textos e manifestos - o principal material empírico deste trabalho - que permitem compreender melhor a economia moral dos adeptos e como um conjunto de valores e experiências partilhadas foram fundamentais na construção de um movimento de contestação ao chamado “Projeto Roquette”, ou seja, ao projeto neoliberal de transformação do clube em Sociedade Anónima Desportiva. O conceito de duplo movimento de Karl Polanyi é utilizado como infraestrutura conceptual para reconstruir o contexto político e económico que informa as mobilizações - nomeadamente, a ideia crucial de que a expansão das instituições de mercado gera uma “reação espontânea” de diferentes grupos a instituições sociais. A teoria da confronto político de Charles Tilly e Sidney Tarrow é a principal inspiração para a análise empírica deste ciclo de protestos.

PALAVRAS-CHAVE

neoliberalismo, duplo movimento, ciclo de protesto, desporto



TECHNOLOGY AND CAPITALISM

DATA REVOLUTION IN THE RETAIL SECTOR – SOCIOTECHNICAL IMAGINARIES OF AUTONOMOUS STORES

Ana Viseu, João Pereira, Ana Delicado, Paulo Nuno Vicente
jpgpa1@iscte-iul.pt

RESUMO

‘Autonomous stores’ are often characterized in the media as the future of shopping: smart physical environments augmented through digital technologies (Viseu 2003) that can process data automatically, seamlessly, and without the need for workers, identifying both consumers and their actions. References to autonomy and automation conjure a set of imaginaries of technology in the service of innovation and progress: for consumers these novel environments are purported to mean gains in convenience, whereby saving time is saving money. For retailers, they mean the possibility of gathering significant amounts of information on the behaviour of the customers in a store environment, thus being another manifestation of what Zuboff (2019) calls ‘Surveillance Capitalism’. Despite being hailed as autonomous, these spaces are vast digital assemblages that rely upon networked infrastructures composed of people, knowledges, and numerous technological entities (such as, AI, sensors, algorithms, computer vision, cameras). Portugal is one of the leaders in this future-making endeavour: in 2019, SENSEI, a Portuguese “unicorn” specialized in the development of autonomous stores technologies, partnered with SONAE, one of the largest Portuguese retail chains, to open ‘Continente Labs’ an autonomous store in Lisbon.

This paper draws upon a thematic analysis of data generated from a media analysis of Portuguese and international newspaper and magazine articles from 2016 until 2023 (which also includes opinion and paid content). We pay particular attention to the discourses through which they are built: Who is pushing for them? Why? What are the main issues that are being discussed both in terms of advantages and problems? Who is included/excluded? And, finally, what futures are being built? This will then allow us to shed light on the concepts that underlie these spaces – What are “autonomy” and “smartness” in autonomous stores?

Bibliography:

Viseu, A. (2003). Simulation and Augmentation: Issues of Wearable Computers. *Journal of Ethics and Information Technology*, 5 (1): 17-26. DOI: 10.1023/A:1024928320234

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: Public Affairs, 2019.

PALAVRAS-CHAVE

Sociotechnical imaginaries; autonomous stores; media; retail.



THE ICT LONG WAVE AND INDUSTRIAL DYNAMICS IN PORTUGAL, 1986-2018: UNRAVELLING THE SCHUMPETERIAN PARADOX

Ernesto Nieto-Carrillo
enietoc@fe.uc.pt

RESUMO

Following Schumpeter (1939) and Kondratiev (1935), several authors have shown that development operates in long waves (Freeman & Louçã, 2001; Mandel, 1980; Perez, 2002). However, the discontinuity of technical progress often goes unnoticed in current debates on secular stagnation and concentration.

We argue that the long-wave trajectory of a technological revolution, by shaping innovation opportunities, investment returns, and the creation of firms and markets, conditions rent-seeking behaviour and, consequently, the efficiency of market share allocation. Intense efficiency-driven competition is expected in the revolution's early stages, as new markets sharply arise and new players exploit technological opportunities to challenge dominant firms. However, as the technological paradigm approaches saturation, industrial maturity becomes predominant, with economies of scale and rising structural barriers favouring large incumbents. Rent-seeking behaviour can occur at any stage but, critically, is deterred by higher innovation returns and market contestability during the ascending phase, in contrast with the declining phase. In this context, the outcome turns out paradoxical: the productivity-driven concentration of the revolution's initial stages ultimately becomes a non-Schumpeterian rent-seeking-biased process.

Using a unique dataset covering the population of Portuguese firms from 1986 to 2018, we test these hypotheses by examining industrial dynamics throughout the ICT revolution. Two structural breaks were identified: an upswing in 1993 and a downturn in 2003. Estimated trends suggest that the advent of the ICT revolution reactivated creative destruction at the end of the 20th century, characterised by high firm and job turnover rates, a strong incidence of young firms, and sharp industry deconcentration, especially in emerging industries. However, the new century has seen a rise in inefficient (non-Schumpeterian) concentration amidst market stagnation, widening technological dispersion and declining productivity growth among leaders and followers, signalling the decline of the paradigm. Counterfactual regressions suggest these patterns are driven by the increased exit risk of young firms and the adverse effect of industrial concentration on market selection and leaders' productivity growth during the paradigm's exhaustion stage.

With diminishing returns to investment and rising entry costs, expansion without productive investment becomes, therefore, dominant. This implies that while technological progress and industrial dynamics follow a long-wave pattern, rent-seeking traces a long-U-shaped curve, with value extraction being the most likely outcome in the depressive phase of a technological revolution.

PALAVRAS-CHAVE



Long-waves; Market Concentration; Secular stagnation; Rent-seeking



THE ROLE OF TECHNOLOGY IN VEBLÉN AND BAUDRILLARD'S ANALYSIS OF CAPITALISM

Ferudun Yilmaz
fyilmaz@uludag.edu.tr

RESUMO

Veblen's critical analysis of capitalism proceeds from two dimensions: production and consumption. Unlike the individualist methodology of mainstream economics, Veblen emphasizes the social nature of both production and consumption. In the production process there has been a conflictual relationship between industrial class that contribute directly to production and the pecuniary class that act on the basis of speculation. This conflictual relationship determines the historical course of capitalism. Industrial class has the ability to increase the economic welfare of society with the help of technology. Pecuniary class, on the other hand, have a speculative character, that may lead a decrease in production end welfare. Veblen argues that as the mechanical process becomes dominant, society will produce more welfare and a justice of distribution will be possible. In this respect, he attributes a positive meaning to technology and thinks that distributive justice will be possible through technology. He even believes that a "soviet of technicians" can make society more prosperous. According to Veblen, the motivation that determines consumption is conspicuous consumption rather than rationality. Consumers emulate the consumption patterns of the higher classes. By the inspiration of Veblen, Baudrillard argues that individuals receive their identity in relation to others not primarily from their work but from the signs and meanings they consume. Baudrillard asserts the importance of consumption goods as social signifiers, not as material objects. While Veblen emphasizes production and machine process, Baudrillard puts consumption at the center of his analysis. In his analysis there is a shift from the primacy of production to the primacy of exchange and consumption. This shift has been facilitated by the development of new technologies, such as television and internet. While Veblen put technology at the heart of his analysis of capitalism and always attributed a positive meaning to it, Baudrillard, who was greatly influenced by Veblen in his analysis of consumption behavior, is more cautious about the new sociality that emerges from the consumption possibilities offered by developing technology. In this study, the place of technology in Veblen's and Baudrillard's analyses of capitalism will be critically and comparatively discussed. It will be argued that technology may not be the guarantee of both high welfare and a justice in distribution.

PALAVRAS-CHAVE

Veblen, Baudrillard, technology, consumption, political economy



PAINEL DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA ECONOMIA POLÍTICA

A ÉTICA ECONÓMICA E A QUESTÃO DO TEMPO

Conceição Soares
msoares@ucp.pt

RESUMO

A relação entre ética e economia remonta, pelo menos no Ocidente, à filosofia de Aristóteles. Aristóteles pensa esta relação no âmbito de uma reflexão sobre o papel da moeda e da criação da riqueza, mediante uma discussão sobre uma crematística positiva e negativa. Através desta reflexão compreendemos que no coração da própria economia reside uma violência fundamental que consiste na possibilidade em ultrapassar o limite. Essa é a possibilidade sempre latente de uma crematística negativa, desvinculada dos seus fins últimos e inebriada com a especulação sem limites. Deste modo, a figura do círculo que para Aristóteles era o garante do limite, pode sempre a qualquer momento ser quebrado, integrando em si todas as falhas e todas as restrições do próprio sistema.

Pensar a ética na economia requer que sejamos capazes de pensar a questão essencial que é a questão da crematística, como adquirir e garantir as riquezas e simultaneamente pensar a forma como o nosso sistema económico se relaciona com o tempo. A questão do tempo poderá ser a chave para que a possibilidade sempre em aberto de uma especulação sem limites, que gera violência, não aconteça de um modo tão imediato, mas para isso teremos de ser capazes de questionar o tempo linear e pensar uma temporalidade relacional capaz de criar circuitos de longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE

ética económica, crematística, violência, moeda, tempo



METAPHYSICAL STATUS OF MONEY AND SUSTAINABLE ORGANIZATIONS AND ECOSYSTEMS

Tiago Cardao-Pito
tcp@iseg.ulisboa.pt

RESUMO

The current economic and societal production system gives money a magnified importance, overlooking other essential flows necessary for human survival and existence. It focuses on monetary indicators like profits, dividends, and GDPs to evaluate organizational production, while often disregarding outputs that harm the biosphere. Money is treated as the constitutive being (ousia) and attributed undemonstrated explanatory properties. Intangible flow theory helps eliminate this metaphysical status of money by recognizing that monetary flows are just one of many necessary flows for human survival and existence. Organizations deliver product-flows that require input-flows from and send output-flows back to the encompassing biosphere, whether they explicitly engage in environmentally friendly activities or not. Therefore, every organization is an ecological entity because it has a relationship with the biosphere, which participates in the manner through which humans integrate into their surrounding environment and relate to other living beings. Eliminating the metaphysical status of money integrates every organization in the biosphere, making organizations accountable for environmental harm caused by their activities. This can be achieved by deconstructing the metaphysical status of money in business models

PALAVRAS-CHAVE

externality; biosphere; ecological entity; corporate social responsibility; metaphysical status of money; competitive advantage; intangible flow theory; profit motive; circular economy; business model.



A CONSTRUÇÃO DA ORTODOXIA MONETÁRIA NO SÉCULO XIX

Tiago Pereira Santos

RESUMO

A teoria económica convencional tende a reduzir a importância política da moeda (apresentada como neutra), do sistema monetário (encimado por um Banco Central independente) e do sistema financeiro (com bancos e outras instituições financeiras, vistas como meros intermediários num sistema eficiente). Todo este enquadramento institucional tem, no entanto, importantes implicações. Para os Estados, que dependem dos mercados financeiros para se financiarem em caso de necessidade, mas também para indivíduos ou empresas, que destas instituições dependem para financiarem os seus projetos, sujeitando-se às suas restrições ao crédito e à taxa de juro cobrada. Para a teoria monetária ortodoxa, o aparato institucional de criação de moeda e subsequente alocação de capital pelos mercados financeiros é apresentado como o resultado de um processo de apuramento onde se foram descortinando as soluções ótimas para o seu funcionamento. No entanto, principalmente desde a crise iniciada em 2007-2008, muitos autores têm vindo a analisar esta questão considerando as origens políticas e históricas das instituições monetárias existentes. Esta análise tem permitido compreender a sua origem histórica e politicamente determinada e, principalmente, o papel que a teoria económica tendeu a assumir, de justificação a posteriori, comumente assente em preconceitos normativos alinhados com as lutas políticas e económicas de cada época. Este trabalho pretende, em particular, evidenciar uma das etapas deste processo, com a consolidação da ortodoxia monetária na economia política clássica. Nesta altura, as ideias em torno da naturalização da moeda e a sua identificação com uma quantidade de metal tornam-se hegemónicas, limitando as perspetivas relativas ao papel da moeda para a história do pensamento económico subsequente. Estas ideias foram defendidas por alguns dos principais economistas do século XIX como Ricardo, Malthus ou Mill, culminando, primeiro, na defesa do sistema do padrão-ouro, e depois, na teoria quantitativa da moeda. Em ambos os casos, alinhados com os interesses da classe capitalista industrial que beneficiava da limitação da oferta de moeda, da estabilidade da taxa de câmbio e da limitação da ação do Estado no sistema monetário. Na última página da sua Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, Keynes (1936) escreveu que “[p]ractical men, who believe themselves to be quite exempt from any intellectual influences, are usually the slaves of some defunct economist.” Esta história intelectual pretende, portanto, acrescentar à citação de Keynes, que também os defuntos economistas não seriam menos “escravos” dos interesses dos homens práticos do seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE

moeda; ortodoxia monetária; padrão-ouro; teoria quantitativa da moeda



AS FINALIDADES DO AGIR HUMANO NOS MANUAIS DE ECONOMIA: A DICOTOMIA MEIOS-FINS EM QUESTÃO

Vítor Neves
vneves@fe.uc.pt

RESUMO

A afirmação de Robbins segundo a qual o economista não se preocupa com os fins da ação humana enquanto tal, mas sim com o modo como esses fins podem ser atingidos através do uso de meios limitados e com usos alternativos, é uma das “verdades” mais difundidas e ensinadas aos estudantes de Economia, desde os primeiros anos da sua formação, como parte da aprendizagem para “pensarem como economistas”. Ela permite separar os domínios da análise e da avaliação económica – a teoria e a política. Contudo, vários autores – Sen é certamente um dos mais proeminentes – têm levantado sérias dúvidas relativamente à razoabilidade da dicotomia entre meios e fins. Esta separação, pode-se argumentar, não é tão clara quanto geralmente se supõe, fins e meios constituem um continuum e isso torna tal dicotomia dificilmente sustentável. Infelizmente, a Economia dominante continua relutante quanto à necessidade de trazer esta discussão filosófica de volta ao cerne do estudo da disciplina.

Os manuais de Economia têm sido um veículo particularmente importante na difusão desta dicotomia meios-fins. Na verdade, os manuais constituem uma excelente montra do que é visto como a “ciência normal” num determinado momento (o cânone). Eles “definem” a disciplina, expressam um modo particular de “ver” e “pensar” o mundo (um determinado mindset), sistematizam o “estado da arte” e dão conta do que é considerado “verdade”, apresentando, de forma mais ou menos explícita, a “norma” – as heurísticas positivas e negativas – na profissão. Constituem, dessa forma, um importante meio de transmissão da identidade dos seus profissionais, sendo também um instrumento para moldar as mentes da próxima geração de líderes políticos, empresariais, opinion-makers e outros membros das elites dirigentes. A sua importância ficou bem expressa na muito citada afirmação de Samuelson: “Não me importa quem escreve as leis de uma nação – ou elabora os seus tratados avançados – se posso escrever os seus manuais de Economia”. Os manuais são, por isso, um importante objeto de investigação sobre a “visão” (ou “visões”) e “modos de pensar” dos/as economistas, designadamente sobre o modo como estes têm vindo a lidar com a questão das finalidades do agir humano.

O propósito desta comunicação é discutir a dicotomia meios-fins na Economia tomando como ponto de partida o modo como os principais manuais de Economia, portugueses e estrangeiros, “mainstream” e “heterodoxos”, têm tratado a questão das finalidades do agir humano. Mostrar-se-á que a discussão dos fins é, inexoravelmente, parte do trabalho do economista e que este não pode deixar de ser filosoficamente informado. Analisar-se-ão ainda alguns princípios que uma sólida reintrodução dos fins no estudo da Economia deverá subscrever.



PALAVRAS-CHAVE

Filosofia da Economia, fins, dicotomia meios-fins, manuais de Economia



LABOUR AND EXPLOITATION

SKILL DIFFERENCES AND WAGE-EFFORT RELATIONSHIP: WHO ARE MORE EXPLOITED, HIGH-SKILLED OR LOW-SKILLED WORKERS?

Dong-Min Rieu
rieudm@cnu.ac.kr

RESUMO

Who are more exploited, high-skilled or low-skilled workers? We address this question using the efficiency wage model with skill differentials incorporated under a restrictive assumption that the wealthier workers acquire a more advanced skill and also achieve a lower loss of welfare during unemployment than lower-skilled workers do. We find that, first, in the Nash equilibrium, higher-skilled workers are offered higher wages but exert less effort, and in particular the skill-wage relationship matches the observed data on wage inequality of the U.S. This is due to their higher fallback positions which provide them with stronger negotiation power vis-à-vis their employers. Second, we employ two measures of the degree of exploitation. On the one hand, the ratio between effort and wage that higher-skilled workers experience is lower than that of lower-skilled workers. On the other hand, in terms of the effort-wage ratio adjusted by skill, it is higher for higher-skilled workers when the range of skill is from zero to around 80th percentile, but thereafter the ratio falls precipitously as the skill level rises. The workers with the highest level of skill experience zero degree of exploitation in terms of both measures.

PALAVRAS-CHAVE

exploitation, efficiency wage model, skill, effort

4DW: MORE HAPPINESS OR MORE INEQUALITY? A PRELIMINARY CRITICAL ASSESSMENT

Gabriel Leite Mota
gabriel.mota@issp.pt

RESUMO

Several authors and institutions (4 Day Week Global, Autonomy, 4dayweek Campaign, Juliet Schor, Wen Fan, Guolin Gu, Will Stronge, Kyle Lewis, Anna Coote, Aidan Harper, Alfie Stirling, Pedro Gomes, among others) are studying and advocating for the implementation of a four-day workweek. Building upon the progress achieved in the 20th century regarding workers' rights and the regulation of work hours (see (Spencer 2024) or (Veal 2023)), the proponents of the four-day workweek argue that society is now ready to take another step forward by reducing the workweek by an additional day.

The ongoing increase in GDP and labor productivity provides the necessary economic foundation for such societal adjustments without compromising economic prospects. In fact, reducing the workweek is seen as a means to achieve better balance between work and family life, alleviate stress and burnout, and ultimately enhance overall well-being and productivity (see (Kelly, Orla et al. 2022) or (Schor, Juliet B., Fan, Wen, e Gu, Guolin 2023) or (Kamerāde et al. 2019)) . Moreover, the additional free time would create opportunities in the leisure industry, thereby bolstering the economy. Taken together, these factors point towards increased job satisfaction, a shift towards a consumption structure emphasizing experiences, and overall improvements in life satisfaction . Additionally, it is argued that these changes could have positive effects on environmental issues (namely due to a reduction in commuting activities).

However, there are several reasons why this initiative may encounter challenges, particularly concerning inequality. Firstly, different sectors vary in their capacity to adapt to a shortened workweek, as evidenced by pilot programs (see, for instance, (Lewis, Kyle et al. 2023)). Secondly, while some individuals would enjoy leisure activities, others would be required to work simultaneously, leading to coordination difficulties. Moreover, trends in the labor market, such as declining union influence, globalization, the rise of platform-based employment, and the prevalence of 24/7 service industries, pose significant obstacles to widespread implementation of the four-day workweek (see critical analysis by (Burchell et al. 2024), (Chung 2022), (Devetter e Valentin 2024), (Fernández Massi e Longo 2024), (Mullens e Glorieux 2024), (Pulignano et al. 2024) or (Spencer 2022)). Finally, and contrary to the 20th century, where industrial schedules were dominant and union power was substantial, the current dynamics of the labor market raise doubts about the feasibility of such a transition in the modern era.

PALAVRAS-CHAVE



inequality; happiness; job satisfaction; four-day workweek



CALCULATION OF THE RATE OF SURPLUS VALUE OF THE PORTUGUESE ECONOMY: AN EMPIRICAL APPROACH BASED ON THE MARXIST LABOR THEORY OF VALUE

Miguel Viegas
mlbv@ua.pt

RESUMO

The labor theory of value states that the value of a good or service is determined by the “socially necessary labor time” required to produce it. David Ricardo was the first economist to place the labor theory of value at the center of economic theory. As stated in his major work (Ricardo, 1927), Ricardo argues that the value of goods is explained by the amount of labor required for their production, a theory that he considered valid for any form of economic organization, and even more so in the capitalist system, which was already in place at the time. Karl Marx used the labor theory of value to critique capitalism, arguing that workers are exploited because they don't receive the full value of their labor (Marx, 2011). Ricardo, on the other hand, used it to explain how prices are determined in a market economy. Both Marx and Ricardo believed that labor is the ultimate source of value in an economy. But they considered not just the individual labor time an individual input, but the “average” amount of time it takes, considering the prevailing technology and skills, for society to produce a good.

Empirical research on the labor theory of value is challenging (Basu, 2018; Gouverneur, 2005). Many of the variables needed to estimate the socially necessary labor are unobservable and, therefore, not available in the national statistical databases. In this paper, we inspire ourselves in the works of (Gouverneur, 1990; Mohun, 2005; Moseley, 2000; Paitaridis & Tsoulfidis, 2012; Wolff et al., 1982) to estimate the equivalent hourly value (also known as the monetary expression of value) of the Portuguese economy as well as its evolution between 1995 and 2022. From this estimation, we calculate the surplus value rate and observe its evolution in the same period, comparing it with its three macroeconomic determinants: working hours, real wages and productivity. The results point to an increase in the degree of exploitation of the labor force and confirm a growing transfer of income from the labor factor to capital.

PALAVRAS-CHAVE

Value; labor; surplus value rate.



NOVA ORDEM ECONÓMICA INTERNACIONAL: PASSADO, PRESENTE E FUTUROS

THE NEW INTERNATIONAL ECONOMIC ORDER: CONVERGENCE AND DIVERGENCE IN THE NON-ALIGNED MOVEMENT DURING THE 1970'S POLY-CRISIS

Dinis Santiago
dinis.santiago@gmail.com

RESUMO

A unitary initiative from a fragmented epoch, the NIEO represented a concerted effort to challenge the unequal global economic structures shaped by centuries of colonialism and avoid the emergence and endurance of neocolonialist practices. Largely comprised of post-colonial states, this collective state effort was organized departing from the notion that political independence was inseparable from economic independence, that true sovereignty would only materialize if both were guaranteed. After the hard-fought conquest of political independence by various post-colonial nations, economic independence required the reconfiguration of international trade, finance, technology transfer, a means to dismantle existing and developing dependencies and to facilitate self-determination, sovereignty, and development. The NIEO, within the context of the crises of the 1970s, characterized by global economic instability and shifting geopolitical power dynamics, was considered fertile ground for Non-Aligned Movement nations to plant their hopes of an independent development of humanity. However, the proposal was not met without resistance. The emerging class struggles within recently independent states, in which national elites viewed the NIEO as an opportunity to assert greater control over their economies, reduce dependency on Western capital, while the working classes and peasantry in these countries perceived it as a potential pathway toward improved living conditions and economic justice resulted in the emergence of contradictions that led national elites to often prioritize their own interests, leading to internal class tensions that complicated the broader goals of economic restructuring. Moreover, former colonizer and imperialist nations from the Global North resisted the NIEO, which underscores the entrenchment of capital's interests at the international level, reflecting a broader dynamic of global class struggle – however not void of national struggles – wherein the peripheries' push for a more equitable world order was met with sustained efforts to preserve the structures of global capitalism and imperialism. This communication aims to highlight how NAM countries attempted to transition from their peripheral positions by advocating for structural changes that would reorient the global economy towards their interests. Moreover, this communication argues that the NIEO's failure to fully materialize was the result of both external resistance from imperialist powers and internal contradictions within the class dynamics of developing nations. Nonetheless, the NIEO remains a crucial moment of convergence and divergence in the global struggle against imperialism and highlights the enduring relevance of class analysis in understanding global economic governance.

PALAVRAS-CHAVE



New International Economic Order; Global South; Development; Poly-crisis



A RECEÇÃO DA NOVA ORDEM ECONÓMICA INTERNACIONAL NO NORTE GLOBAL: O CASO DE PORTUGAL

Diogo Duarte Silva
diogoduartesilva@hotmail.com

RESUMO

1974 foi um ano notável: ao mesmo tempo que Portugal punha fim ao regime fascista do Estado Novo, abrindo assim o caminho para a democratização e para a independência das suas colónias, o Sul Global conquistou um importante marco na ONU, com a adoção de uma resolução que apelava a uma Nova Ordem Económica Internacional, assinalando um possível reequilíbrio do sistema internacional. Enquanto que a reação do Norte Global variou entre um ligeiro envolvimento e uma negação agressiva, Portugal nos primeiros anos após a Revolução de 1974 parece ter tomado outro caminho e apoiado explicitamente este movimento, procurando também limpar a sua imagem diplomática e apresentar-se como uma ponte entre a Europa e o Sul Global. Destacam-se neste esforço figuras como a Primeira-Ministra Maria de Lourdes Pintasilgo, o Presidente Ramalho Eanes e Ernesto Melo Antunes. Pretende-se, então, abordar a reação e o envolvimento de Portugal com o movimento por uma Nova Ordem Económica Internacional e os seus princípios, o progressivo abandono deste apoio na década de 1980 ao mesmo tempo que a unidade do Sul Global em torno da causa começou a fragmentar, e ainda a forma como alguns desses princípios ficaram cristalizados na política externa portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE

Nova Ordem Económica Internacional; Desenvolvimento; 25 de Abril; Portugal



UMA NOVA ORDEM ECONÓMICA INTERNACIONAL NO SÉCULO XXI?

Marina Barbosa
marinabarbosabz@gmail.com

RESUMO

Cinquenta anos não foram suficientes para que uma “Nova Ordem Económica Internacional” fosse de facto construída. Apesar da declaração da ONU de 1974, a divisão entre o Norte e o Sul Global persiste sob diversas nuances. A riqueza global, por exemplo, ainda é distribuída de forma desigual, bem como o acesso a recursos básicos como água e vacinas e a espaços de poder em organizações multilaterais como a própria ONU. O chamado mundo em desenvolvimento detém uma parcela crescente da economia e da população mundial e, perante a falta de reformas nas instituições tradicionais, tem-se fortalecido a partir do estabelecimento das suas próprias instituições. Por isso, hoje pressiona para que a Nova Ordem Económica Internacional enfim seja construída e que assim o seja de acordo com os desafios e as oportunidades do século XXI. Esta comunicação pretende, portanto, analisar o contexto do momento de policrise que se formou nos últimos anos e que ajudou ao ressurgimento de um movimento no Sul Global que apela a uma Nova Ordem Económica Internacional, assim como os moldes que este movimento está a tomar, num momento em que a ordem liberal internacional se fractura e que a hostilidade do Norte Global contra o Sul aumenta.

PALAVRAS-CHAVE

Nova Ordem Económica Internacional; Sul Global; Desenvolvimento; Policrise



RENDIMENTOS E SALÁRIOS EM PORTUGAL

REPARTIÇÃO FUNCIONAL DO RENDIMENTO EM PORTUGAL, 1959/2020: UMA ABORDAGEM MACROECONÓMICA E SETORIAL

João Carlos Lopes, Pedro Leão, Vítor Escária
jcflopes@iseg.ulisboa.pt, vescaria@iseg.ulisboa.pt

RESUMO

Uma repartição pessoal do rendimento equitativa, condição essencial para uma sociedade justa, depende da repartição funcional (ou primária) do rendimento e da sua subsequente redistribuição, por via fiscal ou através das transferências, diretas e indiretas, da Segurança Social. Dados os limites de magnitude (por questões orçamentais e outras) das medidas de política redistributiva, é crucial que a repartição funcional do rendimento não seja desigual, isto é, seja o mais possível favorável aos rendimentos do trabalho. Nesta comunicação, estuda-se a evolução histórica da repartição funcional do rendimento (PIB a custo de fatores) entre Remunerações e Lucros (mais precisamente, Excedente Bruto de Exploração - EBE) em Portugal. Para além do chamado labour share global (ou macroeconómico), será dada particular atenção à evolução deste indicador a nível setorial (em 19 grandes ramos de atividade) e às alterações na estrutura produtiva (peso relativo de cada setor). Através da aplicação da metodologia Input-Output (IO), será ainda quantificado o conteúdo em Remunerações e EBE das diversas componentes da Procura Final (Consumo Privado, Consumo Público, Investimento e Exportações), com base numa série de matrizes IO (comparáveis) que cobrem o longo período estudado: 1959 – 2020.

PALAVRAS-CHAVE

Repartição funcional do rendimento; Labour share; Análise Input-Output; Portugal.



PARA UMA POLÍTICA DE SALÁRIO DIGNO: FUNDAMENTOS ÉTICOS E ECONÓMICOS E VIABILIDADE POLÍTICA EM PORTUGAL

José António Correia Pereirinha
pereirin@iseg.ulisboa.pt

RESUMO

Entendido como o nível salarial que garante uma vida digna aos trabalhadores e às suas famílias, a temática do “Salário Digno” (Living Wage) é muito antiga no pensamento filosófico, na literatura da economia política e nos movimentos sociais no Reino Unido desde o final do sec. XIX, tendo recentemente ganho relevância na agenda política da União Europeia (no Pilar Europeu dos Direitos Sociais e na recente directiva sobre os salários mínimos adequados) e também retomado a sua importância na discussão sobre políticas salariais na Organização Internacional do Trabalho. O objectivo desta comunicação é a de centrar a discussão desta temática em torno de três tópicos: a) identificar as dimensões ética e económica do conceito de salário digno que estão na origem histórica da defesa deste princípio de fixação dos salários, e a actual argumentação da sua defesa na literatura da economia política; b) discutir a necessidade de uma política de salário digno em Portugal, identificando as variáveis de acção desta política e os trade-off que se identificam na elaboração desta política; c) analisar a viabilidade de uma política de salário digno em Portugal, em termos da adequação dos salários, da exequibilidade económica dos custos desta política e da sua aceitabilidade social. Esta análise é suportada em entrevistas sobre estes temas feitos pelos autores desta comunicação aos parceiros sociais (confederações patronais e centrais sindicais) e em dados obtidos por um inquérito dirigido a empresas portuguesas.

PALAVRAS-CHAVE

salário digno, living wage, salarios adequados, Portugal



DINÂMICAS DA FORÇA DE TRABALHO NAS REGIÕES PORTUGUESAS

Patrícia Martins, Leonida Correia
lcorreia@utad.pt

RESUMO

O envelhecimento da população em idade ativa é uma tendência geral dos países europeus com um impacto negativo na estabilidade e no equilíbrio dos respetivos mercados de trabalho. Em simultâneo, as migrações têm vindo a assumir um papel importante na alteração da estrutura demográfica e no restabelecimento do equilíbrio demográfico de vários países e regiões. Neste artigo exploram-se empiricamente as dinâmicas populacionais e económicas que determinaram a evolução do índice de renovação da população em idade ativa nas sete regiões portuguesas (NUTS II, classificação de 2024), ao longo do período 2009-2022. Para o efeito foram definidas diferentes especificações de um modelo de dados agrupados (panel data), estimadas pelo método de efeitos fixos. Em geral, e ao contrário do esperado, os resultados mostram que as migrações parecem não ter contribuído para a renovação da força de trabalho na maioria das regiões. De modo diferente, a criação de riqueza e a procura de trabalho assumiram um papel importante na explicação da renovação da população em idade ativa na região do Alentejo. A compreensão da estrutura demográfica e económica das regiões deve ser uma prioridade dos respetivos decisores, no sentido de perceber quais as políticas mais adequadas para reforçar a força de trabalho e, por conseguinte, a sua capacidade produtiva e crescimento económico.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04011/2020.

PALAVRAS-CHAVE

Dinâmicas demográficas, população ativa, mercado de trabalho, regiões portuguesas



BITE AND SPILLOVERS: THE EFFECTS OF MINIMUM WAGE INCREASES ACROSS LOW-PAY SECTORS IN PORTUGAL OVER THE LAST DECADE

Rui Branco, João Monteiro
joao.macedo.monteiro@gmail.com

RESUMO

The evolution of wages in Portugal in the period of economic recovery following the sovereign debt crisis and the Troika adjustment program has been marked by the low elasticity between wages and economic growth together with increases in the statutory minimum wage (SMW) at higher rate than average wages. These increases are driving a compression of the wage distribution and to a burgeoning share of SMW workers. However, a nuanced look at the evolution of collectively agreed wages and the share of SMW earners reveals a distinct picture between the sectors manufacture of food & drink and home & residential care. The evolution of wages in those sectors in Portugal from 2015 to 2022 displays a large employment spike at the bottom of the wage distribution, characteristic of a SMW bite effect on collectively agreed wages, as well as SMW spillover effects concentrated on the lower half of the distribution which vary across sectors and over time. In the social care sector, the spillover was never in line with the SMW increases leading to wage compression throughout the period. In turn, the sector of manufacture of food & beverages evinces spillover effects muted over time. Via semi-structured qualitative interviews with social actors and government representatives, and desk research on the evolution of wage grids included in collective labour contracts, we aim at explaining how changes to SMW affect collectively agreed wages and the collective bargaining landscape in low-pay sectors over the last decade. Drawing on the literature on minimum wage regimes, we argue that the extant pattern of direct interaction between SMW and collectively agreed wages is to be understood with reference to institutional characteristics and power resources. The overlap between SMW and collectively agreed wages in the sector of social care services is partially explained by state intervention on wage formation following a corporative logic, whereas in the sector manufacture of foods & beverages is partially the result of the proliferation of small enterprises and price-led product competition coupled with simple forms of work organization. In addition, the effects of SMW increases on the wage structure relate to other labor market institutions and power differentials between employers and unions. In the Portuguese case, muted spillover effects result from SMW increases not being accompanied by the strengthening of other regulatory pillars, which undermine union power resources in a landscape already characterised by union competition, fragmentation and low density.

PALAVRAS-CHAVE

bite effect; collective bargaining; minimum wages; spillover effect.



GREEN TRANSITIONS

INTERNATIONAL SOCIAL STANDARDS AND GREEN FINANCE IN THE EU AS ENTRY POINTS FOR GLOBAL PROGRESSIVE STRUGGLES?

Johannes Jäger
johannes.jaeger@fh-vie.ac.at

RESUMO

Given the highly unequal over-use of global natural resources and the ecological and social disasters going along with this, the paper analyses the potential for progressive strategies adopting a critical political economy framework. Thereby, the paper critically analysis two areas at the EU-level aiming at addressing environmental and social problems. Firstly, it focusses on the initiatives and approaches to international green finance in the EU. Secondly, it analyses the attempts at the EU-level to force European and large international companies to comply with human rights standards and ecological standards in the global periphery, referred to as the European Corporate Sustainability Due Diligence Directive (EU-CSDDD). Both, the debate around green finance as well as the reemerging discussion on global social and environmental standards in the context of the EU-CSDDD potentially provide entry points to for a critical questioning of contemporary capitalist structures. However, capitalism and its global uneven structures have not been put into question within these debates yet. The following questions arise: How could reformist progressive strategies be fostered? Who could be the proponents for more substantial reforms? The paper concludes that creating international solidarity among working classes and progressive social forces is a key for combatting effectively inequality and environmental problems and for achieving more substantial progressive changes. Although constructing international solidarity is currently very much threatened by rising geopolitical strategies and at the best at an incipient stage, the initiatives and struggles in these areas deserve a more detailed analysis given their potentially progressive transformative capacity.

PALAVRAS-CHAVE

EU CSDDD, Green Finance, EU, Critical Political Economy

MINING GLOBAL DECARBONISATION FOR DEVELOPMENT IN AFRICA? REGIONAL GEOPOLITICS AND THE QUESTION OF SOUTH AFRICA IN AFRICA

Michael Nassen Smith
michael.smith@uct.ac.za

RESUMO

Research into the geopolitics of 'critical' mineral mining is expanding, with a predominant focus on conflicts related to access and control of renewable energy supply chains among global powers, and the dynamics of green (neo) colonialism and imperialism. However, there remains a notable dearth of analysis concerned with addressing how the geopolitics of global decarbonisation relates to regional relations, inequalities and configurations of power within the periphery. This absence is concerning given the relatively widespread acceptance that regional development strategies should be embraced by peripheral economies seeking to leverage their transition minerals for industrialisation. This paper revisits the debate on character and role of the South African state in Africa, from the vantage point of the mineral intensity of global decarbonisation and the competitive dynamics of the contemporary global political economy. The paper critically assesses the view that South African state should be seen as a sub-imperialist actor in the maintenance of global neoliberalism. By examining South Africa's role in contemporary Zambia in the context of increasing international competition for access and control of Zambia's 'critical' mineral reserves, the paper highlights the ambiguity of South African state action and the evolving and dynamic relations it forges with domestic and international class and state forces.

PALAVRAS-CHAVE

geopolitics, decarbonisation, imperialism



FROM PETROMODERNITY TO THE GREEN TRANSITION. A GLOBAL HISTORY OF THE SINES AREA PROJECT (1971-2024)

Ricardo Noronha
ricardonoronha@fcsh.unl.pt

RESUMO

The Sines Port project was conceived in the early 1970s, under the inspiration of growth pole theory (Perroux 1955), when the Suez Canal was closed, and oil prices were at a historically low level. It consisted of a deep water harbor, specifically designed for super oil tankers, with a large oil refinery and a very large petrochemical complex attached. The 'Oil shock' of 1973, and the re-opening of the Suez Canal, in 1975, along with the revolutionary crisis that followed the military coup of 25 April 1974, all had a profound impact over its financial viability. However, since many investments had already been made and the engineering work was underway, the new government authorities decided to keep on with the project, which would be successively altered until its failure was finally admitted in the mid-1980s. In 1999, the existing facilities were leased to the PSA, a transnational logistics company based in Singapore, and the harbor was expanded, now as a hub for shipping containers, with the ambition of supplying both Portugal and center/southern Spain. Fifty years on, Sines continues to be the subject of successive large investment plans, from green hydrogen and lithium batteries to data centers. This paper will offer a Historical political economy assessment of the projects elaborated from the 1970s until the recent present, mapping both continuities and changes over the course of time.

PALAVRAS-CHAVE

Oil, Shipping, Logistics, High modernism, Growth Pole Theory



DEPENDENT CAPITALISM AND DEVELOPMENT

FROM “DEPENDENCY” TO “DECOLONIALITY”? THE ENDURING RELEVANCE OF MATERIALIST POLITICAL ECONOMY AND THE PROBLEMS OF A “DECOLONIAL” ALTERNATIVE

Claire-Anne Lester
clairel@sun.ac.za

RESUMO

Traditions within development thought sceptical of market-led development and which emphasise the unevenness and instabilities of global capitalism are experiencing some renewed interest. One such tradition is dependency studies: a school of thought once prominent in the field of development. We critically review the dependency tradition alongside a more recent branch of critical inquiry into development, namely decoloniality. The decolonial school also presents itself as a progressive lens that seeks to dismantle unjust colonial relations of power. One of our core contributions is to clarify what makes the decolonial tradition substantially distinct from dependency and other traditions in development thought. We locate decoloniality in the context of the “cultural turn” that swept through social theory from the 1970s. Our paper problematises decoloniality’s critique of Modernity as inherently colonial and oppressive and finds that its core features are idealism and the strong risk of cultural relativism. We assert that the substantive commitments of the dependency tradition are its strength and reject the equivalence drawn by decolonial theorists between “Eurocentrism” and belief in Enlightenment values and methodologies. Drawing on the work of Samir Amin, we emphasise the need for development theory to retain an analytic focus on a materialist analysis of global capitalism and conclude by echoing Amin’s critique of culturalism with an endorsement of his defence of universalism.

PALAVRAS-CHAVE

Dependency theory; dependendista; decolonialist; Global South

INTERGOVERNMENTAL TRANSFERS AND FISCAL FEDERALISM: EVALUATING EQUITY IN BRAZIL'S MUNICIPAL PARTICIPATION FUND (FPM)

Tatiana de Oliveira Mota
uc2020145589@student.uc.pt

RESUMO

This study examines the role of Intergovernmental Transfers in promoting equity across Brazilian municipalities, focusing on the Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Drawing from First and Second Generation Theories of Fiscal Federalism, the research emphasises that different types of transfers provide distinct incentives and outcomes, which must be considered when evaluating equity. The analysis centres on the FPM as a key instrument in Brazil's fiscal decentralisation and assesses its effectiveness in promoting fairness in resource allocation, aligning with the concept of spatial justice.

Using demographic and economic data from 5,570 municipalities, the study investigates how population shifts have influenced FPM allocations over time. Development indicators, including the Human Development Index (HDI) and the Firjan Index of Municipal Development (IFDM), are employed to evaluate whether the FPM has reduced regional disparities and promoted a more equitable resource distribution. The Gini Index and Herfindahl-Hirschman Index (HHI) assess the concentration of FPM allocations across different municipal sizes and regions.

The results show that smaller municipalities, particularly those with fewer than 5,000 inhabitants, receive the highest per capita FPM allocations. However, greater focus is needed on municipalities with populations between 5,000 and 20,000, which face more challenges in generating revenue and exhibit slower socioeconomic progress. Although the Gini Index shows improved equity over time, with the Gini coefficient decreasing from 0.2028 in 2000 to 0.1978 in 2020, this masks disparities between population ranges.

A counterfactual analysis was conducted to explore how FPM allocations would differ if based strictly on population sizes, rather than the current formula. While this would result in a more equal Gini coefficient, it would disproportionately favour larger cities, highlighting that equity must consider both population metrics and developmental needs. This analysis illustrates how fairness in resource distribution can be understood either as equality — where resources are evenly distributed — or as equity, where allocations are adjusted to reflect the specific needs and contexts of different regions. The study calls for refining the FPM distribution, emphasising municipalities with populations between 5,000 and 20,000, where developmental needs are most acute. Also, it underscores the need for continuous reassessment of the FPM framework to ensure its alignment with fairness principles and adaptability to Brazil's changing demographics.

PALAVRAS-CHAVE



Intergovernmental Transfers, Fiscal Federalism, Equity, Fundo de Participação dos Municípios



A DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA NAS REFLEXÕES DE CELSO FURTADO E DA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA

Wilson Vieira
wilson.vieira@ie.ufrj.br

RESUMO

O objetivo da comunicação é analisar as reflexões de Celso Furtado e da teoria marxista da dependência (TMD) – cujos principais membros são Ruy Mauro Marini, Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra - sobre a dependência tecnológica, desenvolvidas a partir da década de 1960, mostrando-a como um dos fatores para a continuidade do subdesenvolvimento latino-americano. A hipótese de trabalho é a de que a dependência tecnológica contribui para a continuação do subdesenvolvimento ao limitar um desenvolvimento econômico, social e tecnológico a partir das realidades das nações subdesenvolvidas, pois ocorre, na verdade uma importação acrítica dos países desenvolvidos de paradigmas de consumo e produção, não adequados à realidade periférica. O método deste trabalho se utiliza das ferramentas analíticas da linguagem do ideário político de John Pocock, da sociologia do conhecimento de Karl Mannheim e do materialismo histórico-dialético de Karl Marx. Isto significa que se levará em consideração o contexto histórico-material-político-linguístico no qual Furtado e a TMD produzem suas reflexões, localizando-o no debate sobre o desenvolvimento latino-americano e os seus desafios.

PALAVRAS-CHAVE

Dependência tecnológica; Pensamento de Celso Furtado; Teoria Marxista da Dependência; Subdesenvolvimento latino-americano



HABITAÇÃO E FINANCEIRIZAÇÃO

O ARRENDAMENTO HABITACIONAL NA AML: UM MERCADO SEGMENTADO, INACESSÍVEL E INSEGURO

Carlotta Monini, Raquel Ribeiro, Ana Cordeiro Santos, Rita Silva
rossellaarma@gmail.com, afarruda@gmail.com, ritasilva@ces.uc.pt

RESUMO

O crescimento acelerado do preço das casas relativamente ao dos salários, tornando-as progressivamente inacessíveis às gerações mais jovens e aos grupos de baixo e médio rendimento, tem vindo a pressionar o mercado do arrendamento privado nas economias capitalistas contemporâneas. Portugal destaca-se, entre o conjunto dos países da OCDE e da União Europeia, por ser um dos países cujos preços da habitação e das rendas mais cresceram face ao rendimento das famílias, em particular na Área Metropolitana de Lisboa.

Nesta comunicação apresentam-se os principais resultados de um inquérito à população inquilina da Área Metropolitana de Lisboa, realizado em 2023. O estudo identifica um mercado de arrendamento tripartido. Com maior peso, encontra-se o segmento do mercado liberalizado, que se destina sobretudo a uma população em idade ativa e que suporta uma elevada sobrecarga com os custos habitacionais, a que se associa um nível elevado de instabilidade contratual devido a contratos de arrendamento de curta duração e a uma evolução desregulada dos valores das rendas. Em recuo, encontra-se o segmento do mercado protegido dos contratos anteriores a 1990, que confere um nível superior de proteção contratual, mas que concentra más condições de habitabilidade, por vezes degradadas, e alberga uma população inquilina que não tem condições financeiras para transitar para o mercado liberalizado. Ainda que correspondendo a um segmento com menor expressão, mas eventualmente em crescimento, encontra-se o mercado informal que concentra as condições habitacionais mais instáveis para satisfazer uma população que acumula precariedade laboral, habitacional e de cidadania. No seu conjunto, emerge um retrato de uma crise habitacional que é transversal a um conjunto alargado da população inquilina, ainda que com significados distintos em cada segmento de mercado.

A análise do mercado de arrendamento revela que a crise habitacional traduz não só um aumento do hiato entre os agregados arrendatários e os agregados proprietários da residência familiar, relativamente ao acesso, à segurança e ao grau de satisfação com a habitação, mas também entre os diversos segmentos, tornando a habitação num fator cada vez mais relevante de reprodução de desigualdades sociais, incluindo as determinantes de classe social, idade, género, nacionalidade ou etnia.

PALAVRAS-CHAVE

rentismo, habitação, arrendamento, desigualdades



O PAPEL DO ESTADO NA TRANSFORMAÇÃO DA HABITAÇÃO EM ACTIVO FINANCEIRO NO CENTRO E NA PERIFERIA EUROPEIA: ALEMANHA E PORTUGAL

Rita Silva
ritasilva@ces.uc.pt

RESUMO

A habitação tem sofrido alterações importantes nas últimas décadas. Se a primeira ronda de financeirização da habitação se fez através da promoção da aquisição de casa pelas famílias, desde o início do novo milénio, e sobretudo depois da crise financeira global, que novos processos de investimento têm vindo a incorporar a habitação em portfólios de investimento que actuam ao nível global, transformando esta em activo financeiro passível de transferir rendas para os mercados transnacionais.

Estes processos não decorrem apenas de novas dinâmicas nos mercados financeiros. São dependentes da ação do Estado (inter-escalar e relacional) que, de forma variegada, e de acordo com a sua posição na hierarquia global, intervém nos processos de acumulação em permanente transformação.

Pretendo apresentar os resultados da investigação que levo em curso em torno do papel do estado na transformação da habitação num activo financeiro na Alemanha e em Portugal. Analiso as relações dessa ação com o desenvolvimento de cada uma das economias nacionais, e os seus regimes de crescimento, elencando as políticas e a natureza destas em torno do favorecimento da nova vaga de investimento transnacional na habitação. Por outro lado, analiso as trajetórias de entrada dos investidores institucionais e suas estratégias em cada um dos contextos.

Pretendo desta forma contribuir para a caracterização da nova vaga de financeirização da habitação através dos processos de investimento institucional e da sua transformação em activo financeiro. E, por outro lado, procuro refletir sobre o papel do estado, em permanente mudança, face às transformações dos processos de acumulação e perante a natureza desigual e combinada do desenvolvimento do capitalismo, analisando o papel que assume em posições diferenciadas, interdependentes e subordinadas na hierarquia global.

PALAVRAS-CHAVE

Habitação, Papel do Estado, Investimento Institucional



DA POLÍTICA CENTRAL À ESPECIFICIDADE LOCAL: O IMPACTO DA IMPLEMENTAÇÃO TERRITORIAL DA BOLSA NACIONAL DE ALOJAMENTO URGENTE E TEMPORÁRIO

Sara Belém
sbelem@phd.iseg.ulisboa.pt

RESUMO

A “habitação está no epicentro da crise económica e social contemporânea” (Santos, 2022). Um dos maiores problemas que o país enfrenta é a ausência de uma resposta estruturada a necessidades urgentes de alojamento: quer seja decorrente de eventos imprevisíveis ou excecionais, ou da necessidade de alojamento urgente, de forma temporária, de pessoas que se encontrem em risco iminente de ficar privadas de habitação. As respostas sociais existentes estão subdimensionadas e são limitadas no tempo. Além disso, o parque público habitacional, dada a sua reduzida dimensão e degradação do edificado, não consegue dar uma resposta estrutural e permanente, sendo também insuficiente para acomodar as necessidades urgentes e imprevisíveis. Em 2021, foi criado o Plano Nacional de Alojamento Urgente e Temporário 2021-2026, assegurado com o Decreto-Lei n.º 26/2021, de 31 de março, responsável por criar a Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário. Tendo em vista a inclusão e proteção social, objetiva dar uma resposta estruturada e transversal para a disponibilização de soluções de alojamento de emergência ou de transição destinadas a pessoas que se encontram em situação de risco e emergência. Importa ainda referir a inserção da Bolsa na Componente da Habitação (C2) do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), que prevê um investimento de 176 milhões de euros com vista a criar mais de 2.400 respostas, sendo o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P., responsável pela sua execução.

Esta comunicação objetiva trazer um retrato nacional em curso sobre o processo de implementação da BNAUT, em particular, BNAUT Entidades (Aviso n.º 02/CO2-i02/2021). Até que ponto a coesão territorial e as especificidades locais estão a ser levadas em consideração? Há assimetrias em termos de acesso ao PRR BNAUT? Houve uma mudança de paradigma, no que à articulação pública institucional diz respeito? Em termos de estrutura, o artigo fará uma contextualização da BNAUT, seguida uma análise sistémica (Bayliss & Fine, 2020) do atual retrato em curso da sua implementação, bem como as perspetivas futuras. Como resultados, prevê-se um maior entendimento sobre os vários agentes intervenientes, além da governança e impacto territorial da BNAUT no país. Enquanto a visão dominante, sobre o atual contexto habitacional, for de que se trata de uma crise temporária, resolvida por meio de medidas isoladas e pouco integradas, esta tenderá sempre a ser entendida em termos restritos. Esta comunicação pretende contribuir para uma mudança de análise, procurando um viés mais vertical.

PALAVRAS-CHAVE



Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário; Plano de Recuperação e Resiliência (PRR);
Coesão territorial; Políticas Públicas Habitacionais

HOUSING FINANCIALIZATION IN ARGENTINA: SUBORDINATION, DEPENDENCY, INFORMALITY?

Simone Tulumello, Agustín David Wilner
simone.tulumello@ics.ulisboa.pt

RESUMO

This presentation adds to the debate on housing financialization in semi-peripheral contexts through a discussion of the peculiar, and yet paradigmatic, case of Argentina. The peculiar characters of Argentinian macroeconomic situation have, in the long run, deeply shaped national housing financialization trajectories – making, e.g., the development of financial mechanisms like mortgage debt securitization or Real Estate Investment Trusts fundamentally impossible. These peculiarities have, in turn, prompted critical scholarship to theorize Argentina as a paradigmatic example of subordinate financialization. This has been done by way of primarily analysing the case of Argentina from the viewpoint of, and in comparison to, models of financialization typical of contexts at the centre of the global division of labour. In this presentation, we use financialization, rather than as a model that gets reproduced in its expansion from the centre toward the peripheries, as an heuristic lens. In so doing, we open the field for an analysis of the concrete mechanisms through which certain financial logics have produced and produce specific modes of accumulation in the Argentinian housing sector – at the same time as we suggest the relevance of the concepts of dependency and informality to conceptualize these trajectories.

PALAVRAS-CHAVE

subordinate financialization, Latin America, semi-periphery, dependent accumulation



KEYNES, MACROECONOMICS AND POLITICAL ECONOMY

FROM THE MULTIPLIER TO NATIONAL ACCOUNTS: THE RISE OF NATIONAL INCOME ESTIMATES IN THE 1930S

Conrado Krivochein
conradokrivo@gmail.com

RESUMO

The rise of multiplier analyses in Economics during the 1930s was intricately linked with discussions surrounding the estimation of national income. This period witnessed a concerted effort not only to achieve an accurate measurement of national income but also to carefully consider the role of government in shaping these estimates. At the heart of these deliberations lay the recognition that defining national income with precision was essential not only for gauging the multiplier effect but also for understanding the broader influence of government interventions on the economy. This dual focus underscored the necessity for meticulous methodologies in estimating national income, highlighting the profound impact of the government sector on the development of analyses related to the multiplier effect and economic outcomes. Inspired by the seminal work of John Maynard Keynes and Hubert Henderson in 1929, Richard Kahn's 1931 paper played a pivotal role in advancing multiplier analysis during this period. Addressing certain arithmetical challenges encountered in Keynes and Henderson's seminal piece, "Can Lloyd George Do It?", Kahn's article, titled "The Relation of Home Investment to Unemployment," is often regarded as a statistical inquiry into the complexities of the multiplier effect. Despite being primarily perceived as such, Kahn's work delved into the nuances of interpreting secondary employment, shedding light on the intricacies of the debate. While Keynes and Henderson's intuitive estimates regarding the multiplier proved remarkably accurate, it was the availability of more robust national income estimates—largely pioneered by Colin Clark—that allowed Kahn to formulate his argument and propel the multiplier analysis forward, albeit without explicitly using the term. Clark's contributions to national accounting laid the groundwork for future developments in this field, including estimations of the multiplier, which were further pursued by figures like Richard Stone and Winifred Jenkins. However, despite their shared involvement in multiplier analysis, conceptual differences emerged among Keynes, Clark, and Kahn. Notably, Keynes and Clark disagreed not only on the multiplier approach but also on how to define national income itself. This paper offers a concise history of the interactions between these scholars as they navigated the complexities of multiplier analysis in the aftermath of the 1929 crisis. Importantly, it highlights how conceptual divergences, particularly regarding the role of government in national income estimates, played a crucial role in shaping the trajectory of national accounting, a legacy later carried forward by Richard Stone in his work with the United Nations after World War II.

PALAVRAS-CHAVE

National income, multiplier, government



100 YEARS OF "A SHORT VIEW ON RUSSIA" AND "AM I A LIBERAL?": LIBERAL POLITICAL ECONOMY OF REGULATED CAPITALISM

Felipe Rodrigues Sousa, João Rodrigues
felipesousa@ces.uc.pt

RESUMO

2025 marks the 100th year of the publication of two interesting papers by John Maynard Keynes, *A Short View on Russia* and *Am I a Liberal?*, collected with other texts and republished in his *Essay on Persuasion*. This essay offers an appraisal of these two pieces. These papers, we argue, have very different characteristics but also share some interesting, if often neglected, elements of social and moral philosophy. We aim to comment on the differences but, more importantly, to trace the social philosophy behind Keynes' thinking. Our main hypothesis is that through his criticism of the Russian October Revolution, its consequences and the British political scene, Keynes clearly showed his social thinking in its liberal clothing. Our interpretation runs against much of the past and current shallow analysis of his thinking. For in the latter, when located at the left of the political spectrum, Keynes is presented as no more than a technocrat in the service of capitalism. Things are not better when the shallow analysis instantiates to the right of the political spectrum; in this view, Keynes is an unwelcome interventionist hampering the functioning of the market system with his defence of policies aimed at supporting aggregate demand.

In contradistinction to these views, we interpret Keynes' social philosophy as an essential contribution to the liberal tradition of the early twentieth century. Thus, we are less interested in his views on Soviet Russia or the politics of early twentieth-century England per se and more in what they reveal about his interpretation of the British social philosophy inherited from the likes of John Stuart Mill, Edmund Burke and Alfred Marshall. There is, or so we defend, a matured reflection of the interplay between individuals' aims, desires and needs and those of the community. We interpret this social philosophy as a response to the main socioeconomic challenge of the early twentieth century: attending to the problems arising out of social life in an advanced industrial nation without denying, but also not idolising individual liberties. There is, however, a surprising element in his analysis of these challenges. His social philosophy was essentially based on a critical view of money's place as a social object that should not be worthy of esteem, no more than it should guide the individual within society. Ultimately, his social philosophy aimed at an Aristotelian conception of a good and just life.

PALAVRAS-CHAVE

Keynes; *Am I a Liberal?*; *A Short View on Russia*;



DETERMINANTS OF THE PORTUGUESE EXTERNAL IMBALANCES: THE LENS OF POST-KEYNESIAN ECONOMICS

João Alcobia
joaoalcobia@live.com

RESUMO

Portugal has historically displayed strong external imbalances, which have already resulted in three requests for international financial assistance from the International Monetary Fund, the European Commission and the European Central Bank. Stemming from the framework of mainstream economics literature, these institutions imposed demanding austerity measures based on internal devaluation, huge wage restraint policies and strict control on government balance in order to contain the Portuguese domestic demand and to promote Portuguese external competitiveness. Accordingly, Portuguese labour costs have registered a general decreasing trend, and government balance has substantially improved in the last four decades, but the Portuguese external imbalances remain unsolved, which suggests that we need to go beyond the conventional economic literature in order to better ascertain the right determinants of external imbalances. This paper aims to contribute to the current theoretical debate about the determinants of the external imbalances by relying on the post-Keynesian economics literature and performing a time series econometric analysis for Portugal from 1988 to 2023. Results evidence that the fall of labour costs and the surge of both stock and housing prices are the main drivers behind the Portuguese external imbalances over the last four decades

PALAVRAS-CHAVE

External Imbalances, Labour Costs, Financial and Housing Asset Prices, Portugal.



A ECONOMIA POLÍTICA DA SOBERANIA NACIONAL: O CASO DA ECONOMIA MISTA

João Rodrigues
jrodrigues@fe.uc.pt

RESUMO

Esta apresentação tenta mostrar as ligações históricas e filosóficas entre a soberania nacional, as mudanças no papel do Estado e a economia mista. Prossegue este objetivo reconstruindo e contrastando as economias políticas e morais de duas tradições que emergiram no “curto século XX”: a tradição neoliberal, no quadro austríaco (Mises-Hayek) e a tradição socialista democrática da economia mista (Polanyi-Keynes). Os primeiros consideravam a economia mista como a “pântano do meio”, ou evoluindo para o capitalismo ou degenerando para o socialismo, um sistema totalitário sem cálculo económico e conhecimento. Os segundos consideram a economia mista como parte da experimentação social e democrática após os fracassos do liberalismo clássico, na esperança de articular liberdade e igualdade. Os primeiros consideravam a soberania nacional, e a sua concretização institucional, o Estado-nação, uma fera a ser enjaulada através de um acordo supranacional e em conformidade com o mercado. Os segundos consideravam a soberania nacional como uma condição necessária para uma ordem internacional pós-liberal mais democrática e estável. Este contraste ilumina os contornos de uma ordem pós-neoliberal no espírito conjunto de Polanyi (2001 [1944]: 262) – “colaboração dos governos no plano económico e a liberdade de cada país de organizar como entender a vida nacional” – e Keynes (1973 [1933]: 236) – “as ideias, o conhecimento, a arte, a hospitalidade – são coisas que deveriam, pela sua natureza, ser internacionais (...) que os bens sejam produzidos nacionalmente sempre que for razoável e convenientemente possível e, acima de tudo, que as finanças sejam nacionais”.

PALAVRAS-CHAVE

Soberania, economia mista, neoliberalismo



PAINEL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – SAÚDE E INOVAÇÃO

PARA DESREIFICAR A SAÚDE MENTAL. SOBRE A SUPERESTRUTURA EMOCIONAL DO CAPITALISMO NEOLIBERAL

Diogo Silva da Cunha
diogo.cunha@colabor.pt

RESUMO

A vida mental emergiu como elemento fundamental da organização das relações económicas, ao contrário do que seria previsível tendo em conta a oposição romântica entre cálculo e sentimento. A presente comunicação explora e discute a tese da emergência e institucionalização de um sistema neoliberal de construção, cuidado e gestão de si apoiado na noção de saúde mental. Propõe-se um tratamento histórico-social da saúde mental a partir de duas dinâmicas contraditórias. Por um lado, uma atenção ao processo de formação conceptual médico revela que uma dimensão mental no conceito de saúde é recente e alarga a extensão deste conceito com implicações epistemológicas. Por outro lado, no entanto, num contexto de crescente diagnóstico de patologias relacionadas com o cansaço, observa-se o processo de génese de um conjunto de campos de conhecimento e ação que, embora sejam diversos, cooperam num processo de reificação da saúde mental. São exemplo destes campos os da psicologia positiva, inteligência emocional, gestão de conflitos, autoajuda e desenvolvimento pessoal, coaching (emocional ou de performance), programação neurolinguística, mindfulness ou comunicação não-violenta. Conforme uma lógica reificante de medicalização e psiquiatrização, as questões sociais, políticas e económicas são nesses âmbitos reduzidas a problemas da vida mental. Esta redução decorre da apropriação de categorias de construção, conhecimento e cuidado de si que são historicamente anteriores à revolução industrial e à transformação da qual emergiu a esfera económica contemporânea e formam parte do património filosófico e sociológico ocidental. Essa redução contraria o conceito de saúde da OMS e o modelo biopsicossocial considerado nos estudos de medicina, cujas extensões não permitem entender questões mentais em termos estritamente mentais. Ela contribui ainda para a corrosão do ethos da ciência, não cumprindo os mais básicos requisitos epistemológicos das ciências naturais ou sociais. A perspectiva crítica apresentada converge parcialmente com o estudo dos processos de subjectivação neoliberal orientados pela crítica da governamentalidade, mas distancia-se do carácter construtivista pressuposto em tal perspectiva. A presente comunicação converge, também parcialmente, com a tese que sustenta a existência de um capitalismo emocional. Porém, afasta-se de tal visão na medida em que, por um lado, não se equaciona um mero processo de capitalização das emoções, mas um universo simbólico no qual as emoções são uma peça central. Por outro lado, argumenta-se que estas não constituem, em termos marxianos, parte da infraestrutura económica da sociedade, antes se entende que reformam a superestrutura, transmutando o elemento idealista num elemento emocional.



PALAVRAS-CHAVE

Saúde mental, medicalização, reificação, capitalismo emocional



TRANSIÇÃO ECOLÓGICA E ECONOMIA DE BAIXO CARBONO: O PAPEL DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Euzébio Jorge Silveira de Sousa

RESUMO

Esta comunicação abordará como o Brasil pode promover uma transição ecológica baseada em ciência, tecnologia e inovação, focando no Plano Nova Indústria Brasil, que visa à modernização do setor industrial brasileiro com investimentos em energias renováveis, eletrificação do transporte e descarbonização, integrando tecnologias digitais e a indústria 4.0. Com metas claras para reduzir emissões de carbono e melhorar a eficiência energética, o plano pretende impulsionar uma economia de baixo carbono. A discussão será assentada no estruturalismo latino-americano e na teoria do subdesenvolvimento, destacando como o Brasil, historicamente dependente de setores primários, pode romper com seu padrão de inserção subordinada nas cadeias globais de valor. A transição ecológica é vista como uma oportunidade para diversificar a economia, promovendo sustentabilidade e inovação. A comunicação destacará, ademais, a importância da cooperação entre governo, academia e setor privado, além da necessidade de estratégias de financiamento que integrem recursos nacionais e internacionais. O objetivo é discutir como a ciência e a tecnologia podem contribuir para o desenvolvimento econômico e a redução das desigualdades no Brasil, criando um ambiente favorável à inovação e ao crescimento sustentável.

PALAVRAS-CHAVE

ALGORITMOS E COORDENAÇÃO SOCIAL: A SUBORDINAÇÃO DA COMUNICAÇÃO HUMANA E A METACOORDENAÇÃO DE MENTES ESTENDIDAS

Henrique Siqueira
pintocoelhoenrique@gmail.com

RESUMO

O acoplamento de objetos a mentes humanas permite que parte do processo cognitivo seja realizado fora do corpo, estendendo a cognição ao ambiente. Atualmente, a literatura sobre mente estendida destaca a necessidade de investigações acerca do acoplamento de mentes com smartphones, utilizados para estender a cognição no tempo e no espaço. Entre os processos cognitivos que os smartphones “colonizaram”, a percepção é o mais marcante. As mentes humanas não têm a capacidade cognitiva para interpretar tudo o que a percepção estendida (via smartphones) alcança. Nesse contexto, artefatos algorítmicos acabam cumprindo uma função privilegiada, que é, além de intermediar a percepção (para aumentá-la através do design de plataformas digitais), interpretar e resumir o que é mais ou menos relevante, por meio de sistemas de recomendação das plataformas. Deste modo, devido à sobrecarga de informação à qual os usuários estão expostos, a comunicação acaba dependendo dos algoritmos das plataformas para tornar cognoscível (através da hierarquização por relevância e sumarização) toda a informação recebida. Considerando que a comunicação é a base de toda coordenação entre os agentes, os algoritmos assumem um papel central na sociedade, atuando como mediadores de sistemas cibernéticos de múltiplos agentes. Essa dependência é problemática, pois sistemas algorítmicos autônomos, embora não sejam inteligentes, reproduzem a racionalidade de quem os codificou. Ou seja, sistemas algorítmicos automatizam instituições por meio de processos concebidos pelos agentes que os criaram. Assim, instituições, tanto formais quanto informais, são codificadas por agentes que controlam os sistemas algorítmicos e, portanto, estes sistemas reproduzem os interesses de seus criadores através dos códigos. A cibernética mostra que os sistemas sociais são sistemas abertos. Da mesma forma, os sistemas algorítmicos, por sua natureza sociotécnica, também são abertos e integrados aos sistemas sociais. Isto faz com que se retroalimentem e se influenciem mutuamente. Baseada nesta abordagem cibernética, esta comunicação analisa, em nível teórico, o elo entre a intermediação da percepção e da comunicação via algoritmos na coordenação entre agentes sociais. O objetivo é apresentar informações sobre como a subordinação da comunicação aos algoritmos permite uma metacoordenação social dos agentes da rede. O aprofundamento das dinâmicas de coordenação social é essencial para a superação dos desafios em direção a instituições e vidas mais justas.

PALAVRAS-CHAVE

Algoritmos, Cibernética, Instituições

NEGLECTED TROPICAL DISEASES AND THE BRAZILIAN PHARMACEUTICAL INNOVATION SECTOR: HOW INNOVATIVE IS BRAZIL TO DEAL WITH ITS PROBLEMS?

Vitor Tresse, Tiago Santos Pereira, Vitor Neves
vneves@fe.uc.pt

RESUMO

Neglected Tropical Diseases (NTDs) is a concept used to define a group of diseases that primarily affect the poor, have inadequate or nonexistent treatment options, do not demand the necessary interest on the part of the governments, and do not attract the private sector for research and drug production. This public health problem is usually framed as a market and public policy failures and based on this many initiatives were constructed to ensure the right to health of millions around the world. The United Nations Agenda for Sustainable Development expressly stated their elimination by 2030 as its third goal, for example. In this sense, fact is that the research, development and marketing of medicines necessary for fight a disease occurs in a particular context of institutional, innovative and economic relations. And considering the literature that studies the Brazilian Health Innovation System (Gadelha, 2003 et seq.), this work aims to investigate the elements that collaborate to explain why NTDs are one particularity of the Brazilian economic-innovation health system. Its hypothesis is that the low innovative capacity of its main entrepreneurial actors is one of the reasons for the existence of this failure. To verify this, I will compare the competitive and innovative dynamics of the Brazilian pharmaceutical industry, as described in specialized literature, with the latest “Pesquisa de Inovação” (PINTEC) data from “Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística” (IBGE). This comparison will focus on several important elements, including the R&D intensity and the number of innovative enterprises within the sector. With this communication I intend to contribute to the discussion on how the problem of NTDs is thought and the potential/limits of the measures constructed from that to fight them. It is one result of the PhD research named “Neglected diseases and the right to health: What is the negligence to be eradicated?”, conducted at Faculty of Economics and Centre for Social Studies, both from University of Coimbra. The communication is structured in four moments. First, I will present the concept of the NTDs and the general context of the PhD research. After, the characteristics of Brazilian Pharmaceutical Innovation Sector will be explored. Third, I will show the data obtained from PINTEC. Finally, I conclude relating the findings with the PhD research.

PALAVRAS-CHAVE

Neglected Tropical Diseases. Innovation. Brazilian Pharmaceutical Industry



O PAPEL DA REPRODUÇÃO SOCIAL NA ESTRUTURA DAS DESIGUALDADES

CRISE DOS CUIDADOS E POLÍTICAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL NA ANDALUZIA

Cristina del Villar Toribio

RESUMO

Esta apresentação tem como objetivo analisar como as políticas implementadas para atenuar os efeitos da crise de reprodução social na Andaluzia não abordam adequadamente as necessidades das mulheres migrantes racializadas. A crise dos cuidados refere-se à crescente dificuldade em garantir a reprodução social num contexto caracterizado por profundas desigualdades de género, classe e raça.

Nesse contexto, será examinada uma medida adotada em 2020 que exclui dos subsídios para o primeiro ciclo de educação infantil (0 a 3 anos) as famílias cujos membros não possuam um título de residência válido. Esta normativa não só ignora as necessidades específicas das mulheres migrantes, mas também perpetua desigualdades estruturais, afetando de forma desproporcionada as mulheres migrantes racializadas, que enfrentam múltiplas barreiras no acesso a recursos essenciais.

A partir deste caso, serão debatidas as limitações do feminismo hegemónico na inclusão das realidades das mulheres migrantes. Muitas vezes, as vozes e necessidades dessas mulheres são invisibilizadas nas políticas de cuidados, evidenciando uma falta de interseccionalidade no enfoque feminista predominante. Além disso, será realizada uma análise do trabalho produtivo e reprodutivo, destacando como a falta de políticas inclusivas não só afeta as mulheres migrantes, mas também tem repercussões no tecido social como um todo.

PALAVRAS-CHAVE

Crise de cuidados, Reprodução social, Mulheres migrantes



O COOPERATIVISMO À LUZ DA TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL: ETNOGRAFIA DE UMA COOPERATIVA DE MULHERES NO ALENTEJO, PORTUGAL

Daniela Miranda
Daniela.bmp@gmail.com

RESUMO

A Fraternidade Cooperativa de Tapetes de Arraiolos foi fundada em 1974 por um grupo de mulheres de Arraiolos, no Alentejo, que ficaram desempregadas após os ajustamentos do salário mínimo na sequência da revolução de abril. Na década de 1980, a cooperativa passou a reunir a quase 200 mulheres. O presente estudo é uma etnografia realizada em 2023 com as suas últimas 12 sócias e utiliza a lente analítica da Teoria da Reprodução Social (TSR). A Economia Política Feminista tem vindo a promover a TSR como uma lente adequada para analisar os processos de produção e reprodução nas empresas tradicionais, mas tem prestado menos atenção às entidades da Economia Social e Solidária.

O objetivo deste estudo foi analisar o potencial emancipatório do cooperativismo entre mulheres, explorando as tensões sócio-reprodutivas e as possibilidades de ação que emergiram para elas depois de formar a cooperativa. Os resultados sugerem que, embora a criação da cooperativa não tenha sido necessariamente motivada pela busca de formas de produção mais solidárias, a possibilidade de conciliar tarefas produtivas e reprodutivas foi, de facto, um dos incentivos para a adesão das mulheres. Os elementos de solidariedade, por outro lado, encontram-se em agentes externos, como os sindicatos têxteis, que no surto revolucionário de abril promoveram este tipo de iniciativas como solução para a perda de postos de trabalho. Cinquenta anos depois da revolução de abril, esta etnografia fornece elementos que nos permitem refletir sobre a situação das mulheres trabalhadoras numa zona rural de Portugal e sobre a forma como o processo revolucionário estruturou as oportunidades de emprego na vila de Arraiolos.

PALAVRAS-CHAVE

Reprodução social, Cooperativismo, Economia Feminista



UM DIÁLOGO ENTRE A ECONOMIA POLÍTICA FEMINISTA E OS ECOFEMINISMOS: CONTRIBUTOS DO SUL GLOBAL

Djamila Andrade
djamilandrade@gmail.com

RESUMO

A economia é uma disciplina que dialoga frequentemente com pensadores brancos e masculinos do Norte global. A economia política feminista tem procurado remediar esta tendência, destacando os contributos de diferentes mulheres economistas do século XX (e mesmo do século XIX), mas não tem escapado à tendência para dialogar com o olhar do “Norte”. Neste artigo, reunimos as contribuições de economistas feministas do sul global, especialmente da América Latina, e colocamo-las em diálogo com outra corrente de pensamento com forte presença no sul global: o ecofeminismo. Argumentamos que é possível encontrar ligações entre ambas a partir do conceito de “sustentabilidade da vida”, uma proposta analítica da Economia Política Feminista Ibero-americana que nos convida a alargar a ideia de economia como disciplina, deslocando a análise da observação dos mercados e dos fluxos monetários para todos aqueles processos que nos permitem dar sustentabilidade a uma “vida que é para ser vivida” em termos humanos, sociais e ecológicos. Argumentamos também que a Economia Política Feminista e o ecofeminismo do Sul se encontram através do conhecimento situado e da observação das consequências de certos modelos de desenvolvimento - como o extractivismo - nas suas regiões. Concluimos que a raiz comum no feminismo gera uma linha de pensamento própria entre autores do Sul global que nos convida a repensar os quadros analíticos que têm sido utilizados para analisar os processos económicos no Sul.

PALAVRAS-CHAVE

Ecofeminismo, Sul Global, Reprodução social



ECONOMIA POLÍTICA DA UNIÃO EUROPEIA

O ESVAZIAMENTO E O ENDURECIMENTO DOS ESTADOS: O ESTADO-MEMBRO ENQUANTO PARADIGMA

Catarina Príncipe
catarinaprincipe@gmail.com

RESUMO

O desfecho da Crise Financeira Global de 2007-8 revelou e acentuou um padrão até então maioritariamente debatido em círculos restritos: o de que a União Europeia não é um projeto de ou para os povos da Europa, mas um projeto neoliberal de e para as elites europeias. Este facto tornou-se evidente com o tratamento dado pelas instituições internacionais, como a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional, aos países periféricos, como Portugal e a Grécia: altamente endividados, estes países foram obrigados a pagar a dívida através de medidas de austeridade draconianas que conduziram a um aumento vertiginoso do desemprego, da pobreza e da emigração.

Este momento provocou debates vibrantes que giraram em torno da saída da zona euro (ou mesmo da UE) ou da sua reforma. As duas principais tendências baseavam-se em entendimentos fundamentalmente diferentes do projeto europeu: para os defensores da permanência e reforma, a União Europeia retém um carácter progressista e anti-nacionalista original que pode ser preservado se as suas instituições forem reformadas; para os defensores da saída, a zona euro e a União Europeia foram concebidas de forma antidemocrática e não haverá, por isso, possibilidade ou capacidade de as transformar.

O problema fundamental que esta apresentação pretende abordar é o seguinte: o que há de particular no projeto europeu que torna tão difícil para os Estados - nomeadamente os periféricos - simultaneamente prosperar e sair? Haverá algo de essencialmente parcial na conceção do projeto europeu que impõe tomada de decisões não democráticas e uma estrutura económica desigual? E, em caso afirmativo, como é que ela se desenvolveu? Utilizando a proposta da transformação dos “Estados-nação” em “Estados-membro” de Christopher Bickerton, interessa nesta apresentação explorar a ruptura nonexo Estado-Sociedade que serve de base à transformação de todos os Estados no processo de integração europeia, bem como os seus efeitos, as suas dificuldades e, potencialmente, as formas de o reverter.

PALAVRAS-CHAVE

Estado-membro; integração europeia; teoria de Estado; soberania



DEVEM A "RELATEDNESS" E A COMPLEXIDADE ECONÓMICA DETERMINAR A POLÍTICA INDUSTRIAL?

Cristina Pinheiro
cvcpinheiro@gmail.com

RESUMO

A utilização da teoria e métricas da "relatedness" e complexidade económica para formular recomendações de política industrial tem vindo a difundir-se. O Growth Lab da Universidade de Harvard tem aconselhado os governos de vários países e regiões do mundo sobre estratégias de desenvolvimento produtivo ancoradas nessa abordagem. Na Europa, académicos da literatura sobre variedade relacionada (da escola de geografia económica evolucionista da Universidade de Utrecht) e staff do Joint Research Centre da Comissão Europeia têm vindo a advogar o seu uso para efeitos de definição das Estratégias de Especialização Inteligente dos países e regiões da União Europeia (que constituem uma condicionalidade no acesso aos fundos comunitários na área da investigação, desenvolvimento e inovação). De um modo geral, essa utilização conduz à recomendação de (não) apoiar actividades que (não) sejam consideradas relacionadas com as vantagens comparativas existentes.

As limitações de tal abordagem não têm sido suficientemente assinaladas. Com base em literatura sobre o Estado desenvolvimentista e sobre inovação, identifiquei duas razões que justificam cautela na utilização destas ferramentas para efeitos de formulação de políticas públicas. Primeiro, o catching-up tecnológico e económico pode requerer o desenvolvimento de actividades não relacionadas com as vantagens comparativas existentes. Em segundo lugar, esta abordagem centra-se exclusivamente na oferta interna, ignorando o papel da procura e da concorrência internacional. Além disso, saliento importantes limitações conceptuais e metodológicas que são susceptíveis de afetar as suas implicações políticas. Em particular, a magnitude e a significância da "relatedness" poderão estar a ser sobrestimadas, enquanto o contributo passado das políticas públicas para a evolução dos perfis produtivos é ignorado.

Embora as métricas de diversificação relacionada e complexidade económica possam fornecer informação valiosa sobre padrões de mudança estrutural, a sua utilização na definição da política industrial não dispensa a avaliação simultânea de outros elementos cruciais, incluindo a pegada ambiental das diferentes opções de diversificação e a dinâmica da oferta e procura internacional.

PALAVRAS-CHAVE

"Relatedness", complexidade económica, "product space", especialização inteligente



A APROXIMAÇÃO DA EUROPA DO SUL ÀS ECONOMIAS DE MERCADO DEPENDENTES - APESAR DOS RISCOS E RESULTADOS

Henrique Baltazar
henrique.baltazar@phd.iseg.ulisboa.pt

RESUMO

O elevado crescimento económico dos países da Europa Central e Oriental (ECO) - Polónia, Chéquia, Eslováquia e Hungria -, em contraponto com o das economias da Europa do Sul (ESU) - Portugal, Espanha, Itália e Grécia -, levou a que tanto a nível académico como político (incluindo organizações internacionais) fosse sugerido que a ESU deveria seguir o modelo económico dos países da ECO.

Estes têm sido designados por Economias de Mercado Dependentes (Nölke e Vliegenthart, 2009), constituindo uma forma específica de integração económica que depende fortemente do investimento direto estrangeiro (IDE). Além da proximidade geográfica aos principais mercados e centros industriais da Europa, possuem estruturas institucionais que facilitam a atração de IDE e a participação nas cadeias de valor industriais globais, em particular devido às baixas taxas de impostos, mercados de trabalho flexíveis, boas qualificações técnicas de nível médio e custos laborais baixos.

Nas economias da ESU, que têm sido classificadas como Economias Mistas de Mercado (Molina e Rhodes, 2007), existe uma forte intervenção estatal, o Estado desempenha o papel de coordenação, os mercados de trabalho são mais regulamentados, existe forte tradição de negociação coletiva e os direitos laborais são mais protegidos através de legislação.

As diferenças entre estes modelos de capitalismo e as complementaridades institucionais de cada um levam a que a transição das economias da ESU para DME seja não apenas muito difícil como também bastante arriscada.

Iria requerer i) reformas no mercado de trabalho que enfrentariam grande resistência social e política (Walter, 2016); ii) a aposta em qualificações técnicas de nível médio, alterando a política das últimas décadas de elevada qualificação como investimento de longo prazo para a criação de valor nos setores de serviços e alta tecnologia (Hall, 2018); iii) reduções significativas de impostos, colocando em causa as funções do Estado social que é um elemento fundamental na economia política da ESU (Schmidt, 2002); iv) diminuição dos níveis salariais, o que já levou a crises políticas e sociais profundas (Blyth, 2013).

Apesar das dificuldades e riscos, é possível mostrar que tem havido uma aproximação em algumas áreas, desde logo porque parte importante das medidas introduzidas na sequência da crise financeira não foram revertidas - flexibilização laboral, redução do peso do Estado na economia, diminuição dos impostos sobre as empresas - mas também porque algumas políticas continuaram a ser prosseguidas. Os custos laborais têm convergido devido à maior subida dos salários na ECO, sendo de notar que o salário mínimo na Polónia é já superior ao português e grego.



Apesar de a aproximação não estar a produzir os resultados esperados pelos defensores da aproximação (forte aumento do IDE industrial), as políticas de aproximação continuam, colocando em risco o modelo social dos países da ESU.

A análise baseia-se na literatura das Variedades de Capitalismo (VoC) e em outras contribuições relevantes no campo da economia política comparada.

PALAVRAS-CHAVE

Variedades Modelos Capitalismo Europa



A DESPESA PÚBLICA SOCIAL E OS DESAFIOS DEMOGRÁFICOS NA UNIÃO EUROPEIA

Patrícia Martins, Leonida Correia
smartins@utad.pt

RESUMO

A União Europeia (UE) enfrenta importantes desafios demográficos, sociais, ambientais e geopolíticos aos quais tem de dar resposta num contexto em rápida transformação. Em apenas quatro anos, a UE atravessou a pandemia de Covid-19, a guerra da Rússia contra a Ucrânia, uma crise energética, uma inflação recorde, o reacender das tensões no Médio Oriente e o agravamento dos efeitos das alterações climáticas. A resposta a estes desafios apela a uma maior intervenção do Estado, nomeadamente ao nível da despesa social, da despesa em defesa e na proteção do ambiente.

Neste artigo, destacam-se os desafios demográficos que resultam do quadro de grande complexidade social que se verifica atualmente na Europa, com o envelhecimento da população, usualmente designado como “inverno demográfico”, e os movimentos migratórios, alguns descontrolados. Estes desafios aumentam a pressão política sobre a despesa pública social, ao nível da saúde, proteção social e educação. Contudo, as decisões de política social concorrem com as outras funções do Estado porque existe um quadro orçamental supranacional, o qual visa garantir a sustentabilidade da dívida pública através do acompanhamento da evolução plurianual da despesa pública primária (desde a reforma do Pacto de Estabilidade e Crescimento em abril de 2024).

O principal objetivo do presente trabalho é investigar se a evolução da despesa social tem acompanhado as necessidades decorrentes de uma Europa mais envelhecida e que acolhe um número crescente de trabalhadores estrangeiros e respetivas famílias. Assim, é estudada a relação entre a despesa pública social e estes fenómenos demográficos, nos 27 países da UE ao longo do período de 1999 a 2022, aplicando modelos de dados agrupados (panel data).

A necessidade de comprometimento com uma trajetória sustentável de dívida pública, para garantir o normal funcionamento da União Económica e Monetária, tem conduzido os países e os seus governos a repensar as suas escolhas políticas relativamente à dimensão do Estado Social e à respetiva carga fiscal. Essas escolhas desempenham um papel importante no futuro da Europa porque determinam a coesão social e o apoio dos eleitores a políticas democráticas.

PALAVRAS-CHAVE

Estado social, demografia, despesa pública, UE



ALTERNATIVAS ECONÓMICAS LOCAIS

DISPOSIÇÕES PRÁTICAS NA PEQUENA EMPRESARIALIDADE: SOBERANIA PRODUTIVA E RAZOABILIDADE ECONÓMICA

Ana Alves da Silva
ana77silva@gmail.com

RESUMO

O empreendedorismo e a criação de empresas estão, há várias décadas, no centro do discurso político-mediático. Pese embora se tenham tornado objetos de uma prolífica ciência social, os estudos que sobre eles se debruçam reproduzem um matiz normativo neoliberal, escasseando análises críticas sobre o fenómeno e, sobretudo, trabalhos de investigação sob a lente de uma sociologia das classes e do trabalho que recuperem uma outra economia política do fenómeno. Nesta linha, a presente comunicação apoia-se numa investigação de tipo qualitativo da pequena empresarialidade, versando sobre as dialéticas que se estabelecem entre um conjunto de codeterminantes das suas condições objetivas. A abordagem metodológica, ancorada na realização de entrevistas semiestruturadas e narrativas, acabou por desvelar um conjunto de disposições práticas para a empresarialidade que enceta um contraditório com as teses clássicas e neoclássicas dos incentivos ao empreendedorismo. Esta comunicação versará sobre esse diálogo entre o senso prático de um empresariado real, observado no contexto português, e um empresariado ideal que, desde R. Cantillon a A. Marx e J. Schumpeter, perpassa o discurso de uma certa economia e sociologia económica. O dissenso nele emergente suporta um debate sobre as contradições em que estão envoltas disposições práticas relativas à experiência de riscos empresariais, gestores e empregatícios, revelando-os numa complexa teia de disposições motivacionais e modais para o trabalho por conta própria e a empresarialidade, em que a dissuasão da incerteza do ganho é calibrada pela procura de um senso de soberania produtiva e de recuperação do espaço social para a construção de “coisa própria”. Esta, por sua vez, parece ter muito menos que ver com um sentido de ambição económica, de perseguição pela constituição ou incremento de propriedade económica real, e muito mais com a valorização do controlo sobre o processo de trabalho (ou posse) e a preservação da identidade ocupacional. É esse sistema de razões práticas para e na empresarialidade que esta comunicação reconstruirá, numa leitura sociológica da razoabilidade económica que os entrevistados conferem a trajetórias próprias, por vezes tão precárias quanto aparentemente isentas de “racionalidade económica”.

PALAVRAS-CHAVE

Empresarialidade, disposições, riscos, soberania produtiva,



LA HOJA DE COCA COMO RECURSO POTENCIAL PARA EL FOMENTO DE UNA NUEVA PRÁCTICA POLÍTICA-ECONÓMICA

Cindy Lorena Valderrama Parra, Dharma Gómez Leguizamón
cvalderrama@unal.edu.co, dhgomezl@unal.edu.co

RESUMO

La relación humano-planta es uno de los elementos fundamentales en la cosmovisión de los pueblos originarios. La forma de nombrar, representar e interactuar con las plantas pertenece a sus sistemas de saberes, que a su vez conforman sus lenguajes, sus culturas y multiplicidad de concepciones. Por tal motivo, la ingesta de hoja de coca y sus derivados es para muchas comunidades indígenas mesoamericanas, una costumbre ancestral, que preserva sus tradiciones y visiones del mundo frente al saber occidental.

De esta manera, esta investigación se plantea en el marco del VIII Encuentro Anual de Economía Política de la Universidad de Coimbra bajo el planteamiento de Andrés Escobar (2015) quien presenta las bases del enfoque de la práctica política ontológica como (...) el encuentro de las luchas por un mundo en el que quepan muchos mundos; la defensa por el pluriverso frente a las formas dominantes de la modernidad -capitalista, liberal y secular- que ha extendido su campo de influencia en el mundo desde el colonialismo hasta impactar en la normativa nacional antidrogas enfocada en la sustitución y erradicación de plantaciones de hoja de coca considerados como cultivos pertenecientes a la economía ilícita.

Con base en lo anterior, es prudente preguntarse, ¿Cómo la perspectiva de la práctica política ontológica de la comunidad indígena Nasa y la comunidad mestiza del Lerma brinda una alternativa económico-política ante la colonialidad del saber presente en la normativa de la política pública antidrogas enfocada en la sustitución y erradicación de los cultivos de hoja de coca en el Cauca colombiano 1991-2016? Para ello, se acudirá a una metodología cualitativa, mediante herramientas de texto, entrevistas y análisis de datos que pretenden respaldar argumentativamente los análisis presentados.

La industrialización de los usos alternativos de la hoja de coca dan cuenta de la potencialidad de una economía legal basada en el reconocimiento de los saberes ancestrales de las comunidades étnicas y mestizas que padecen una guerra cotidiana que fractura su identificación con el territorio y sus prácticas ontológicas relacionales que los lleva a la estigmatización de sus formas de vida no-occidentales. Así, la presente investigación reconoce el papel de la hoja de coca como un recurso de cohesión y construcción de paz para el fomento de una nueva práctica política-económica.

PALAVRAS-CHAVE



INOVAÇÕES, DESENVOLVIMENTO URBANO E DIREITO À CIDADE: UMA ANÁLISE DAS INOVAÇÕES FINANCEIRAS DOS BANCOS COMUNITÁRIOS E MOEDAS SOCIAIS NO RIO DE JANEIRO

Regina Tunes
tunesregina@gmail.com

RESUMO

A problemática central dessa comunicação é discutir a relação entre inovação e desenvolvimento urbano a partir de uma perspectiva crítica e calcada no território. A questão central que se pretende debater é em que medida a realização de processos de inovação têm a potencialidade de contribuir para o desenvolvimento urbano e o direito à cidade. O conceito de inovação que mobilizamos nessa pesquisa dista das perspectivas essencialmente econômicas para incorporar outras dimensões como as inovações sociais, em políticas públicas e financeiras que se configuram em novas práticas sociais e políticas para a resolução de problemas da realidade. Do ponto de vista do conceito de direito à cidade nos alinhamos com a abordagem de Henri Lefebvre que trata do direito à cidade como um direito acima de todos os demais. Especificamente, analisa-se nessa comunicação as inovações financeiras ligadas aos Bancos Comunitários de Desenvolvimento e a criação de moedas sociais, que se vinculam com o paradigma das finanças solidárias a partir da Rede Rio de Bancos Comunitários, no estado do Rio de Janeiro, Brasil. A Rede é formada por 10 bancos comunitários municipais do estado do Rio de Janeiro, localizados em municípios de distintos tamanhos e complexidades sociais e econômicas, que viabilizam operações financeiras com base nos princípios da Economia Social e Solidária. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa realizou levantamento bibliográfico sobre o conceito de inovação, o paradigma das finanças solidárias, os pilares da Economia Solidária e o direito à cidade. Além disso, foram levantadas e sistematizadas as legislações de cada banco, assim como a legislação federal que credita esse tipo de agente financeiro. Trabalhos de campo foram realizados nos municípios com observação da paisagem para identificação e análise das transações financeiras envolvendo as moedas sociais, além de entrevistas com moradores, comerciantes e gestores dos bancos e das respectivas prefeituras locais. Acredita-se que a inovação pode se apresentar como importante componente das estratégias de desenvolvimento urbano que garantam o direito à cidade desde que se afaste da perspectiva que considera a cidade como negócio e se vinculem como um projeto emancipatório e contra-hegemônico que tem, como nesse caso, a premissa da Economia Social e Solidária.

PALAVRAS-CHAVE

inovação financeira; desenvolvimento urbano; economia solidária



¿ADIÓS ECONOMÍA? DEL VALOR DE LAS COSAS AL VALOR DE LA VIDA (BUENA)

Rene Ramírez
eltumulto@yahoo.com

RESUMO

La clave de la crítica al capitalismo radica en la revalorización del concepto de valor. El significado del valor ha evolucionado a lo largo del tiempo: en el mercantilismo, el énfasis estaba en el comercio y el tesoro; para los fisiócratas, en la agricultura; en los economistas clásicos, en el valor trabajo; y, para los marginalistas, en las preferencias subjetivas individuales. En esta última perspectiva, el valor no se asocia primordialmente a la satisfacción de necesidades humanas (valor de uso), sino al precio de mercado (valor de cambio), es decir, a la ganancia. Todas estas perspectivas comparten un centro de análisis: el valor de las cosas. El presente texto propone un cambio epistemológico y ético que sitúe la vida buena como el núcleo de la revalorización del valor, en el cual la economía queda integrada y subsumida dentro de la socioecología política de la vida (buena). Esta propuesta pone en el núcleo del conflicto el debate del tiempo (en tanto cronos y kairos), en donde la gran transición valorativa implica pasar del “time is money” al tiempo como vida (buena) durante todo su ciclo; es decir, desde la siembra, pasando por el cuidado, hasta el florecimiento de una vida socialmente buena (que incluye una muerte digna y recuerdos bellos). Este debate epistemológico implica rupturas paradigmáticas con la perspectiva normativa de la ciencia hegemónica (la economía). El artículo presentará los principales conflictos epistémicos a superar, así como una propuesta metodológica que vincula vida y tiempo, ofreciendo ejemplos empíricos concretos que ilustran la importancia de cambiar la perspectiva analítica al momento de la deliberación y toma de decisiones. Desde una perspectiva colectiva, se discute la necesidad de transitar del tiempo de la productividad del capital hacia una que construya una vida democrática en todas sus esferas: pública, privada y comunitaria. Finalmente, se aborda el impacto de la crisis del capitalismo tardío del siglo XXI en las economías periféricas y su amenaza para configurar la materialidad que de sustento a un sentido común que permita la revalorización del valor en función de la vida buena.

PALAVRAS-CHAVE

Valor, tiempo, vida (buena), cosas



ECONOMIA E ECOLOGIA POLÍTICAS

ACUMULAÇÃO PRIMITIVA COMO UMA PERSPETIVA SOBRE NATUREZA, RAÇA E GÉNERO

Marcela Uchoa, Jonas Van Vossole
maruchoa@gmail.com

RESUMO

This text systematizes Marx's approach of primitive accumulation and Rosa Luxemburg's approach of imperialism as a tool to re-understand nature, race and gender as a relation between capital, the state and its boundaries. It analyses how the capitalist mode of production is reflected in the Modern relation between Nature and Labour, and how Race and Gender are produced as Nature. By applying Luxemburg's approach to analyze the relationship between the state, borders, nature, and politics within the context of capitalism—and using the framework of primitive accumulation/accumulation by dispossession to understand race and gender—this paper aims to explore different forms of exploitation and discrimination through the lens of value theory. This approach provides a means of understanding capitalism that fosters unified forms of anti-capitalist struggle and solidarity.

PALAVRAS-CHAVE

Capitalismo, imperialismo, acumulação primitiva, natureza



DESENVOLVIMENTO(S) E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA: BALANÇO TEÓRICO-CONCEPTUAL À LUZ DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO EUROPEU

Raquel Miranda, Leonida Correia, Octávio Sacramento
raquel.miranda.00@gmail.com

RESUMO

A energia é determinante na história da União Europeia. A operacionalização de conceitos teóricos como o conceito de desenvolvimento(s) e o conceito de transições encontra-se materializada no extenso acervo de direito comunitário que regula a sustentabilidade e a transição energética nas sociedades dos estados membros. Na base deste acervo encontramos orientações ideológicas, político-económicas e geopolíticas que procuramos identificar a partir de um balanço teórico-conceptual sobre a evolução do conceito de desenvolvimento tendo subjacente a centralidade do papel da energia.

Neste trabalho procuramos estabelecer um paralelo entre a história do conceito de desenvolvimento e a história da União Europeia, questionando se traduzem os mesmos raciais do passado recente. A nossa análise, de carácter exploratório, é conduzida a partir do acervo da União Europeia, com maior incidência nas publicações em matéria de desenvolvimento e transições, com foco na energia, considerando o período posterior a 2019. Para análise de documentos relevantes usamos uma abordagem mista de pesquisa bibliográfica e bibliométrica.

A problematização dos raciais presentes na construção europeia e nos conceitos-chave da sua operacionalização permitem esboçar algumas ideias centrais. A construção europeia desenvolveu-se a partir do conceito de desenvolvimento fundado na gestão da energia e das matérias-primas. Na história seminal do conceito tratava-se, apenas, da energia, do arranjo geopolítico necessário à busca pela independência energética por parte de uma Europa esmagadoramente dependente de importações.

A partir do século XXI, a construção europeia sofre profundas alterações que culminam no regime de desenvolvimento sustentável, o qual não se esgota na gestão da energia, abarcando, antes, todos os domínios da sociedade, numa escala sem precedentes, a partir do consenso político-científico sobre o aquecimento global.

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais, através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia ao abrigo do projeto UIDB/04011/2020.

PALAVRAS-CHAVE

Desenvolvimento, Transições, Energia, União Europeia.



ESTRATÉGIAS DE COOPERAÇÃO PARA A CRISE CLIMÁTICA EM CONTEXTO DE ACRASIA COLETIVA

Rui Sousa Basto
ruibasto@oxys.pt

RESUMO

A ineficácia do combate às alterações climáticas que tem vindo a ser observada pela comunidade científica sugere a possibilidade de existência de um estado de acrasia coletiva à escala planetária, no qual os agentes políticos, económicos e financeiros que governam os Estados não fazem o que deveria ser feito, mesmo sabendo que o que deveria ser feito serviria melhor os interesses dos cidadãos e os seus próprios interesses. De uma maneira geral, os próprios cidadãos parecem estar pouco preocupados com as consequências anunciadas da crise climática. Em situações de incerteza e risco, como é o caso das alterações climáticas, a função de utilidade de Von Neumann-Morgenstern é uma ferramenta útil para ajudar a explicar as escolhas e decisões tomadas por governos, empresas e indivíduos. Neste contexto, a Teoria dos Jogos e a Teoria da Cooperação são uma primeira abordagem ao diagnóstico do que parece ser uma patologia da humanidade. No clássico Dilema dos Prisioneiros, o Equilíbrio de Nash é alcançado quando ambos os prisioneiros escolhem confessar, traindo o outro, mostrando que a racionalidade da decisão individual nem sempre leva ao melhor resultado coletivo. A aplicação do Dilema dos Prisioneiros à escala global pode explicar a dificuldade de coordenação no combate às alterações climáticas, mesmo quando a cooperação seria a melhor solução para todos os países envolvidos. Apesar disso, a desconfiança e o incentivo para "trair" pode estar a levar os países a adotar comportamentos egoístas de curto-prazo, num Equilíbrio de Nash subótimo. O modelo de jogos de Bens Públicos é uma extensão do Dilema dos Prisioneiros que se aplica ao caso em análise, na medida em que contribui para a compreensão de como agentes relutantes em cooperar podem ser incentivados a participar em acordos. Nesta investigação, propomo-nos estudar estratégias que possam romper o Equilíbrio de Nash e concorram para a criação de mecanismos que, por um lado, incentivem a cooperação internacional e, por outro lado, desencorajem o comportamento egoísta de curto-prazo, combatendo o estado de acrasia coletiva que se tem observado em relação à crise climática.

PALAVRAS-CHAVE

Acrasia coletiva; Bens Públicos; Teoria dos Jogos; Teoria da Cooperação.



PAINEL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – TECNOLOGIA E A ECONOMIA DIGITAL

KEEPING UP WITH AUTOMATION: FIRM AND WORKER OUTCOMES

Ana Oliveira
a.i.mourafriasdeoliveira@uu.nl

RESUMO

A growing strand of literature has tried to assess the impact of adopting automation technology on both firms and workers. While many papers look at robot adoption at the industry level (e.g., Graetz & Michaels, 2018; Acemoglu & Restrepo, 2020, 2022; Boustan et al., 2022), evidence at the firm level is still scarce. Following the empirical strategy developed by Bessen et al. (2020), I use Portuguese administrative balance sheet firm-level data, international trade data, and employee-employer matching data to study firm and worker-level outcomes of software adoption spikes and robot adoption between 2006 and 2019. Regarding firms that automate, I explore outcomes such as their employment, average wage, labor share, sales, and market share up to four years after the automation event. Regarding workers employed in those firms, I look at their monthly income, hours worked and probability of separation from the firm that automates. Expanding existing analysis on heterogeneous impacts across demographic groups (e.g., Acemoglu & Restrepo, 2020), I assess whether automation adoption impacts workers in different occupations differently. Preliminary results show that automation-adopting firms reduce employment, while other outcomes remain unchanged. Workers employed in these firms are more likely to separate, face a period of unemployment, and suffer from wage losses. This research's findings, based on cutting-edge econometric causal analysis, have relevant labor market policy implications in times when automation-driven job displacement is profoundly debated. In particular, addressing the heterogeneous impacts of technology adoption across demographic groups and occupations can contribute to better-targeting upskilling and social welfare policies for workers more exposed to unemployment and income losses due to automation adoption.

PALAVRAS-CHAVE

Automation adoption; Labor market outcomes; Occupational Heterogeneity



ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA E SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE A GIG ECONOMY

Michelle Moraes et al.

mlmoraes@iscal.ipl.pt, juliana.cmt@ufma.br, jlobo@esev.ipv.pt, mamontepsico@gmail.com

RESUMO

A crise de 2008 impulsionou uma nova reestruturação produtiva que está levando à retração da empregabilidade no mercado de trabalho formal. As alternativas da classe trabalhadora se individualizam e, pela ótica marcada pela plataformização da economia, os trabalhos temporários, autônomos ou de microempreendimentos têm se proliferado. A Gig Economy passa a ser um termo utilizado para exprimir a realidade de uma fração de trabalhadores neste contexto que flutua entre a flexibilização e a precarização. Dada a importância da referida temática, considerou-se relevante a sistematização da literatura académica sobre a Gig Economy através de uma análise bibliométrica e sistemática da literatura relacionada ao tema. Neste sentido, utilizou-se o software VOSviewer, além de uma base de dados composta por 145 artigos indexados à Web of Science que possuem o termo “Gig Economy” entre os seus tópicos. O principal resultado deste estudo é a caracterização da referida literatura em termos de origem dos trabalhos (país e revista), clusters das co-citações e dos termos mais recorrentes, além da sistematização dos seus principais resultados.

PALAVRAS-CHAVE

Análise Bibliométrica; Análise Sistemática; Gig Economy



DIGITAL-ONLY BANKS: OVERVIEW AND PERSPECTIVES FOR LATIN AMERICA

Sérgio Páez

RESUMO

In recent decades, the financial sector in Latin America has undergone significant transformation due to digitalization and the rise of fintech companies. This study examines the impact of fintech and digital-only banks (DoBs) on the region's banking system within the context of financialization and the subordinate position of Latin American economies in the global financial architecture. The central question investigated was whether neobanks and DoBs act as direct competitors or strategic partners for traditional banks. The hypothesis is that, despite their nascent stage, fintech companies may eventually form conglomerates that alter the existing oligopolistic structure. This study employs a methodology combining a literature review, empirical analysis of financial data, and an examination of regulatory approaches in 10 Latin American countries. The results indicate that pressures for regulatory liberalization and the need to attract investments shape sector development, while technological innovation faces the challenge of balancing financial stability and inclusion. This study contributes to understanding the emerging dynamics in the financial sector and provides insights into the future potential of fintech companies in the region.

PALAVRAS-CHAVE

Fintechs; Banking Services; DoBs; Latin America



ECONOMICS, EDUCATION AND POLICY

UNVEILING THE CORE DRIVERS OF LEARNING DEPRIVATION INEQUALITY AND THEIR GEOGRAPHIC DISPARITIES

Harvey Spencer Sánchez-Restrepo
harvey@aleph.la

RESUMO

This study conducts a secondary analysis of a comprehensive multivariate dataset derived from a large-scale assessment in Nuevo León, Mexico, involving over 840,000 students. The research aims to estimate the distribution of learning outcomes across the state using sociological concepts of absolute and relative deprivation, alongside innovative indexes. It provides robust evidence of significant inequalities in learning outcomes among different population groups.

Employing empirical analysis within a global pedagogical framework, this research utilizes statistical and geostatistical techniques to apply the sociological concepts of deprivation and poverty to education. By treating learning levels as a continuous index with a threshold defining access to the right to education, the study elucidates the complex relationships between geographic, socioeconomic, and educational determinants.

The findings highlight substantial gaps in learning outcomes linked to students' socioeconomic status, the type of area where their school is located, and various educational factors. These disparities underscore how profound inequities have evolved into structural inequalities, perpetuating the intergenerational transmission of cognitive and cultural skills (Hanushek, E. A., et al., 2021), generating new knowledge with significant social implications.

PALAVRAS-CHAVE

Learning poverty, Educational Deprivation, Structural inequality, Socioeconomic gaps



SOCIAL POLICIES AND HUMAN CAPITAL AVAILABILITY IN THE OECD

Marta Simões
mcsimoes@fe.uc.pt

RESUMO

Social policy refers to the set of government actions aimed at providing for human and societal needs and promote wellbeing through interventions at varied levels. Among the main outcomes of social policy is human capital formation for the wide range impacts it may have. In the presence of human capital externalities because there is under-investment in education and in turn human capital, the rectification of which justifies that many governments devote an important share of national resources to finance education. Besides government spending on education, national resources devoted to other social policies will likely have an influence on human capital formation. In other words, other types of social spending may promote human capital investment by increasing access to education and improving learning outcomes. Education spending has been shown to positively influence human capital availability. As yet, however, few studies have examined whether increasing other types of social expenditure leads to human capital development. This study investigates the relevance of education spending vis-a-vis spending in diverse social policy domains for human capital availability. Panel data covering ten domains of social expenditure for 28 OECD countries between 1980 and 2018 were used to estimate the associations between government spending on education, old age, survivors, incapacity, healthcare, family, unemployment, active labour market policies, housing and other social policy welfare programs and human capital using fixed effects with the Newey-West and the Driscoll and Kraay corrected standard errors and IV-2SLS procedures. Controlling for other influences and government education expenditures, the results obtained show that spending in family, ALMP, unemployment, incapacity and old age welfare programs contribute to gains in human capital. These results suggest that governments must pay attention to spending on other areas besides education as a means to increase human capital availability. Conceiving social spending as part of education policy should constitute a promising approach to foster human capital formation.

PALAVRAS-CHAVE

social policies, education, human capital, OECD

ECONOMICS STUDENTS AND IDEOLOGICAL BIAS: EVIDENCE FROM AN INTERNATIONAL RANDOMIZED CONTROLLED EXPERIMENT

Mohsen Javdani
mjavdani@sfu.ca

RESUMO

Mainstream Economists wield significant influence in shaping public discourse and hold a distinctive position of power among social scientists. Neoclassical orthodoxy consistently asserts that this unique standing results from the discipline's "uniquely scientific" and "superior" nature. Critics, however, contend that mainstream economic views are influenced by strong yet obfuscated ideological underpinnings of the dominant Neoclassical discourse. Despite these critiques, the mainstream establishment remains dismissive. This paper delves into the role of economics education as a key conduit for disseminating economic discourse and shaping students' ideological biases. Using an innovative online randomized controlled experiment involving 2,735 economics students in 10 countries, we examine the effect of ideological bias on students' views. Participants evaluated statements from prominent economists on diverse topics, while source attribution for each statement was randomized without participants' knowledge. For each statement, participants either received a mainstream source, an ideologically different less-/non-mainstream source, or no source. We find that changing source attributions from mainstream to less-/non-mainstream, or removing them, significantly reduces students' reported agreement with statements. Intriguingly, this contradicts the image these students have/project of themselves, with 67% expressing a preference for evaluating a claim solely on its merits. This effect is consistent across undergraduate, master's, and PhD students, though the impact is more pronounced among the latter group. Political orientation further shapes students' evaluations, revealing much larger biases as we move to the right end of the spectrum. PhD students exhibit heightened sensitivity to political orientation in response to source alterations, challenging the assumption that advanced education fosters independence of thought. Our results underscore the influential role of ideological and authority biases in shaping students' perceptions of economic knowledge, prompting critical reflections on pedagogical approaches in economics.

PALAVRAS-CHAVE

Economics and Ideology, Economics Education, Economics Students, Ideological Bias.



MONETARY THEORY AND PRACTICE

DECONSTRUCTING MONETARY UTOPIAS: IDEAS AND PRACTICES OF VOLUNTARY DISENGAGEMENT FROM THE BANKING AND FINANCIAL SYSTEM

Eduardo Coltre Ferraciolli
ec.ferraciolli@gmail.com

RESUMO

Based on preliminary results of an ongoing investigation with financial outsiders and proponents of alternative monetary arrangements in Europe and the United States, this paper explores motivations, trajectories, aspirations and difficulties involved in different attempts to overcome the traditional monetary and banking systems. Through qualitative analysis of dozens of semi-structured interviews, two ethnographic observations, and related supplementary material, we report findings related to, broadly, three different types of experience:

- “Moneyless” activists, including individual attempts to live without money and radical movements exploring alternative social, legal or technological arrangements for economic provision;
- Money Reformers: Users and designers of community and social currencies that attempt to transform societal and economic realities from a collective/cooperative point of action, often through the fostering of networks of trust and reciprocity;
- Crypto- “opt outers” that, following escapist impulses, try to opt out of work-based forms of subsistence adopting more financialized/speculative practices through crypto trading to change their lives and live outside the mainstream economy.

We pay special attention to the relationship with crisis that appears as a frequent driver of these experiences and to the “exit strategies” employed by different attempts to sidestep conventional money.

As part of a wider project focused on involuntary distancing from the monetary and banking system (as in the case of refugees, homeless or prison populations), our findings raise a stark contrast between, on the one hand, the precarity that often characterizes the lived experience of individuals excluded from typical financial infrastructures, and, on the other, the ambition that is often outlined by people who voluntarily want to abandon, reinvent or reform mainstream financial structures. Based on these results, we revisit theoretical discussions over the utopian aspirations that seem to be constitutive of so many attempts to create, manage or overcome monetary systems.

PALAVRAS-CHAVE

financial outsiders, complementary currencies, money and utopia, marginal trajectories



BETWEEN COMPLEXITIES - MONEY AMONG FORMER HOMELESS PEOPLE IN LISBON

Felipe Rodrigues Sousa
felipesousa@ces.uc.pt

RESUMO

In this essay, I aim to investigate how money affects the lives of a marginalised group of formerly homeless people based in Lisbon, Portugal. Almost all of them were part of a Housing First project conducted by an ONG called Crescer.

The complexities alluded to in the title stem from a lack of consensuality concerning the key concepts mobilised in this research (former) homelessness and money and from the fact that both can and usually are analysed in the dichotomy agency/structure. In both cases, the theoretical dimension struggles to keep up with the diversity of the relevant social phenomena.

In the homeless research tradition, problems arise from different (national) contexts and political agendas. As it stands, there is no shared definition of homelessness, and it follows that to be a former homeless person only adds a modifier - expressing both temporality and positionality - to a non-consensual concept, potentially compounding the complexity. Different ideological biases also inform different approaches to the problem. Individualistic perspectives see homelessness as an agency-risk-capacity problem, while a structuralist one will emphasise macroeconomic and macro-sociological elements as the primary explanans of homelessness.

As it concerns money, even after being used for over four thousand years, this social object still amazes laypeople and social scientists alike. And despite the revitalised interest in money as a social phenomenon, no single line of thought outside mainstream economics has been able to advance a dominant definition of what money is. If we turn to money's nature, there is no dominant position. The individualistic approach to money sees it as the solution to the double coincidence of wants - an individual problem. Structuralists, for their part, see money as the social result of power struggles between different social groups competing for prominence in the determination and distribution of abstract economic value.

All of these elements influenced my thinking about the research question. Nonetheless, my views tend to converge with those at the structuralist end of the theoretical spectrum, and I approach homelessness as an extreme form of social exclusion which is traversed by socially constructed monetary poverty. If we cannot ignore an individual's biography in explaining why someone becomes homeless and how s/he can exit this position, we must seek causal explanatory mechanisms (and solutions) in the broader socioeconomy of a capitalistic form, where money is socially produced and distributed.

PALAVRAS-CHAVE

Homelessness; Money; Lisbon; Ethnography



MUNDELL'S OPTIMUM CURRENCY AREAS: THE INTELLECTUAL INFLUENCES THAT SHAPED A THEORY

João Serrasqueiro
joao.serrasqueiro@ubi.pt

RESUMO

This essay explores the intellectual foundations and influences behind Robert Mundell's seminal theory of Optimum Currency Areas (OCA), a key contribution to the field of monetary integration. By examining Mundell's academic journey, particularly his time at the London School of Economics and the University of Chicago, the essay highlights the key thinkers who shaped his work, including James Meade, Milton Friedman, and Charles Kindleberger. It traces the evolution of Mundell's ideas through a series of interconnected papers, originally conceived as a single article, that address the dynamics of exchange rates, capital mobility, and balance of payments equilibrium. By situating the OCA theory within this broader intellectual context, the essay argues that Mundell's work on currency areas should be understood as an integral part of his wider economic framework, offering crucial insights into the challenges of monetary integration.

PALAVRAS-CHAVE

Monetary Integration; Currency Areas



ECONOMIA POLÍTICA DO TERRITÓRIO

QUEM SÃO, E O QUE MOVE OS JOVENS EMPREENDEDORES EM REGIÕES DE BAIXA DENSIDADE

Carlos Lacerda

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE



O CADASTRO SIMPLIFICADO DA PROPRIEDADE RÚSTICA: UM ESTUDO DAS PERCEÇÕES DOS STAKEHOLDERS QUANTO AOS RESULTADOS E IMPACTOS DO BUPi

Catarina Frade, Ernesto de Deus, Fernanda Jesus, Liliana Pimentel, Micaela Antunes, Patrícia Moura e Sá, Rita Martins, Rui Lourenço
cfrade@fe.uc.pt

RESUMO

A desertificação acentuada dos territórios do interior de Portugal é um dos principais desafios que se colocam às políticas públicas com impacto no território. A alteração dos padrões de ocupação e uso dos solos que se vem observando tem posto em evidência os constrangimentos e obstáculos que a enorme fragmentação da propriedade rústica, nomeadamente a norte do rio Tejo, coloca à prevenção e mitigação de certos riscos ambientais e outros.

Para tentar contrariar esta tendência têm vindo a ser propostas diversas políticas públicas, visando, sobretudo, fixar as populações e promover a valorização dos territórios. No quadro dessas medidas, o cadastro simplificado da propriedade rústica (BUPi) é transversalmente reconhecido como uma medida fundamental. Tirando partido da digitalização, o BUPi constitui uma plataforma destinada à georreferenciação dos prédios e, conseqüentemente, à identificação dos respetivos proprietários, procurando constituir-se como estrutura de conhecimento de base do território.

A partir da camada primária de informação dada pelo BUPi (titularidade dos prédios e representação georreferenciada) ambiciona-se, segundo os objetivos políticos traçados, promover uma gestão mais eficaz e sustentável dos territórios, favorecendo a mitigação dos seus riscos e vulnerabilidades.

Decorridos sete anos desde a implementação do piloto do BUPi e três sobre a sua expansão nacional, quisemos saber como esta medida é percecionada pelos stakeholders mais relevantes. Nesse sentido, a presente comunicação reporta alguns resultados de um estudo envolvendo quatro municípios da Região Centro, apoiado em entrevistas realizadas em 2023, no qual se procurou avaliar as perceções dos inquiridos quanto aos resultados e impactos, observados e esperados, da medida.

Os dados recolhidos revelam que a criação do cadastro da propriedade, assente num registo único centralizado, é um modelo meritório para os inquiridos. No entanto, apontam para expectativas relativamente modestas quanto ao modo como o cadastro pode vir a ser utilizado, considerando os objetivos políticos traçados. A identificação de proprietários/as incumpridores das obrigações de limpeza dos terrenos é o resultado esperado mais assinalado. Já novas oportunidades de aproveitamento económico das parcelas não são antecipadas. Por outro lado, o estudo fornece indicações de que o valor simbólico da propriedade possa estar a aumentar, o que coloca desafios adicionais a objetivos de emparcelamento ou gestão agrupada.

Com base nestes resultados, recomenda-se que sejam reforçadas algumas das estratégias de mobilização e comunicação utilizadas, e que outras sejam revistas ou introduzidas.



PALAVRAS-CHAVE

Fragmentação da propriedade, gestão florestal integrada, abandono florestal, prevenção de incêndios



BEM-ESTAR, GOVERNANÇA E DESCENTRALIZAÇÃO: DA PERSPETIVA INTERNACIONAL À VISÃO PORTUGUESA DA RELAÇÃO

Cristina Pereira, Herminia Gonçalves, Teresa Sequeira
al72732@alunos.utad.pt, hgoncalves@utad.pt, tsequeir@utad.pt

RESUMO

O objetivo do artigo é explicitar a relação entre a governança da ação política e a utilização de indicadores de bem-estar em Portugal. Pretende-se compreender como a governança influencia a dinâmica da distribuição territorial do bem-estar, identificando os indicadores utilizados e as diferenças territoriais observadas.

Método: Realizámos uma revisão narrativa da literatura, utilizando como fontes primárias bases de dados científicas e produção académica nacional. Considerámos estudos que abordam a governança multinível, indicadores de bem-estar e sua interação com políticas públicas. Paralelamente, realizámos uma análise documental de fontes secundárias, incluindo relatórios de entidades independentes, nacionais e internacionais, e documentos oficiais.

Resultados: Os resultados destacam melhorias notáveis nos indicadores de bem-estar em Portugal entre 2011 e 2021, especialmente na participação cívica, bem-estar económico, condições materiais de vida, emprego e segurança pessoal. No entanto, observaram-se aumentos na vulnerabilidade económica e desequilíbrio vida-trabalho, apontando áreas que ainda enfrentam desafios significativos. A análise regional revelou disparidades consideráveis no bem-estar entre diferentes regiões de Portugal, com variações significativas em rendimento, educação, acessibilidade a serviços e satisfação com a vida.

Conclusão: A relação entre governança multinível e bem-estar em Portugal é crucial, com a qualidade das instituições e do capital social dos territórios influenciando a valorização dos indicadores de bem-estar. Embora existam avanços, persistem desafios na integração e monitorização eficaz destes indicadores nas decisões regionais ou municipais. As disparidades territoriais no bem-estar exigem uma abordagem política baseada em dados científicos e uma governança mais transparente e participativa para promover a coesão territorial e o bem-estar de todas as comunidades.

PALAVRAS-CHAVE

território, bem-estar, políticas sociais, governança, coesão, descentralização

DESAFIOS DE POLÍTICAS DE PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS PERANTE A REALIDADE FUNDIÁRIA EM TERRITÓRIOS RURAIS

Ernesto de Deus, Catarina Frade, Joaquim Sande Silva
ernestodeus@ces.uc.pt
cfrade@fe.uc.pt

RESUMO

Grande parte do território rústico em Portugal Continental é de propriedade privada ou comunitária. No entanto, numa porção considerável do país, desconhecem-se os proprietários e os limites das propriedades rústicas, em especial nas regiões Centro e Norte, onde predomina também o minifúndio associado a uma elevada perigosidade de incêndio rural.

Em 2017, foram implementados o Sistema de Informação Cadastral Simplificada (SICS) e o Balcão Único do Prédio (BUPI), com o intuito de promover e agilizar a identificação da estrutura fundiária e da titularidade dos prédios rústicos, em especial nos municípios sem qualquer cadastro de propriedade rústica, concentrados principalmente nas regiões Centro e Norte.

O desenvolvimento deste cadastro da propriedade rústica nestas regiões reforçou as ambições de gestão do território rural e de prevenção de incêndios, em parte sustentadas pela responsabilidade atribuída aos proprietários na gestão de áreas envolventes a estradas ou edificações, enquadradas na chamada Rede Secundária de Faixas de Gestão de Combustíveis. A falta de gestão nestas áreas é frequentemente criticada, sobretudo após perdas humanas ou materiais por incêndios. Por outro lado, vários proprietários contestam as exigências e os custos associados à gestão.

Com cerca de 30% do território rústico já cadastrado e 2,3 milhões de prédios delimitados, é possível ter uma visão mais clara da realidade fundiária subjacente a estas políticas.

Esta comunicação apresenta os resultados de um estudo que analisou a estrutura fundiária associada à Rede Secundária nas regiões Centro e Norte, com base em análises com Sistemas de Informação Geográfica e num levantamento extensivo via Google Street View para caracterização destes prédios rústicos. Estes resultados contribuem para a discussão sobre os desafios e as tensões originados por medidas políticas que confrontam com a realidade fundiária do território.

PALAVRAS-CHAVE

rede secundária de faixas de gestão de combustíveis, cadastro da propriedade rústica, BUPI, gestão florestal



SOBERANIA DA TERRA COMO FERRAMENTA EMANCIPATÓRIA PARA AGRO-TERRITÓRIOS DEPRIMIDOS E CONTESTADOS

Lanka Horstink, Kaya Schwemmlin, Gabriela Abrahão Masson

RESUMO

Para as regiões rurais do mundo, o acesso à terra é essencial para garantir uma vida digna, auto-suficiência, e bem-estar. Este recurso produtivo não apenas proporciona o acesso a outros recursos críticos como a água, as florestas, o solo, e as sementes, como também é a fonte da identidade e sentido de pertença dos povos rurais. Para povos rurais e os seus defensores, a terra é um bem comum, ao qual todas as pessoas deveriam ter direito. Mas num mundo altamente globalizado e neoliberalizado, a terra é entendida pelos actores capitalistas hegemónicos como propriedade e mercadoria, sujeita a mercantilização e financeirização. O relatório de 2024 do projecto Land Matrix alerta para a aceleração das pressões sobre as terras férteis, incluindo as florestas: a maioria das novas aquisições de terra desde 2012 são para a agricultura comercial (os ditos "cash crops" para alimentação animal, processamento alimentar e energia: sementes para óleo, cereais e culturas para açúcar, etc.). Adicionalmente, as suas actividades visam exclusivamente o mercado de exportação e tendem a causar stress nos agro-ecossistemas onde se instalam, devido às suas elevadas necessidades de insumos e de infraestruturas para escoar os seus produtos para fora dos territórios, bem como a poluição e esgotamento resultantes das suas práticas intensivas. A posse de terra está intimamente ligada a dinâmicas de poder, ao historial colonialista e à questão agrária não resolvida. O acesso à terra e ecossistemas saudáveis é um dos principais marcadores de exclusão social e desigualdade. Por essa razão, hoje investigadores e praticantes da soberania alimentar e agroecologia perguntam não apenas quem tem acesso à terra, mas sobretudo quem deve ter acesso a ela. Quem decide e controla quem tem acesso, e com que propósito de uso? A importância das políticas fundiárias levou a FAO a incluir a governança da terra como um dos 10 elementos da transição agroecológica e motivou Borrás e Franco (2012) a destacar a soberania da terra como condição sine qua non para a realização da soberania alimentar. A soberania da terra é aqui definida como o direito dos povos rurais de aceder às suas terras e de decidir sobre o seu uso. A nossa análise crítica foca a soberania da terra em "agro-territórios deprimidos e contestados", cuja vulnerabilidade social, económica e ecológica é agravada pelo choque entre o modelo de uma economia solidária e ecologista assente na pequena agricultura tradicional e agroecologia, e o modelo hegemónico da agricultura intensiva em grande escala e do extractivismo verde. Com base em exemplos de agro-territórios violentados em Portugal, como o Litoral Alentejano, e recorrendo a uma comparação com agro-territórios igualmente ameaçados, mas com dinâmicas distintas, na América Latina, Ásia e o Norte da Europa, iremos consolidar a nossa matriz de avaliação da qualidade da soberania da terra, destacando em particular a noção da "função social da terra" como alavanca de transformação das políticas fundiárias. Deste modo, as ruralidades são evidenciadas



não apenas como espaços de conflito, mas também como espaços de resistência a um desenvolvimento hegemónico capitalista neoliberal.

Fontes:

Borras , SM Jr, Franco , JC. 2012 . A land sovereignty alternative: Toward a people's counter-enclosure . Amsterdam, the Netherlands : Transnational Institute .

Borras , SM , Franco , JC , Suárez , SM. 2015 . Land and food sovereignty . Third World Quarterly 36 (3): 600 –617 .

FAO (2018). The 10 Elements of Agroecology. Guiding the Transition to Sustainable Food and Agricultural Systems. FAO: Rome.

Horstink, L., Schwemmlin, K., & Masson, G. A. (2024). Land sovereignty in depressed and contested agro-territories: The cases of Portugal and Brazil. *Elem Sci Anth*, 12(1), 00075.

McMichael, P. (2018). The land question in the food sovereignty project. In *The Politics of Food Sovereignty* (pp. 14-31). Routledge.

Nolte, K., Chamberlain, W., & Giger, M. (2016). International land deals for agriculture: Fresh insights from the land matrix: analytical report II (p. 68). Bern Open Publ.

Speed, S. (2024). Scottish Crofting and an Alternative to Capitalism. *Capitalism Nature Socialism*, 1-19.

Wittman, H., & James, D. (2022). Land governance for agroecology. *Elem Sci Anth*, 10(1), 00100.

PALAVRAS-CHAVE



TERRITÓRIO E TRABALHO TRANSNACIONAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO TRABALHO EM TERRITÓRIOS PRODUTIVOS MARCADOS PELA PRESENÇA DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

Maria Carolina Barcellos Ferreira
mariabarcellos@id.uff.br

RESUMO

Este trabalho propõe uma investigação comparativa sobre as condições de trabalho em plantas de uma das maiores montadoras globais, com foco em três territórios greenfields: Porto Real, no estado do Rio de Janeiro (Sudeste do Brasil); Goiana, no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil); e Melfi, na região da Basilicata (Sul da Itália). O objetivo é examinar como a presença dessa transnacional impacta cada contexto local, considerando as especificidades econômicas, sociais e institucionais de cada região. A pesquisa busca identificar processos de upgrading ou downgrading das condições de trabalho, considerando aspectos como desenvolvimento econômico e social, relações laborais, negociações coletivas, políticas de remuneração, saúde e segurança no trabalho. A investigação é fundamentada na teoria das Redes Globais de Produção (RGP), em diálogo com autores como Barrientos, Gereffi e Rossi (2010; 2011), para explorar a interação entre atores econômicos e sociais — empresas, sindicatos, trabalhadores e governos — e sua relação com as melhorias econômicas e sociais em diferentes territórios. A hipótese central é que, embora a empresa adote uma estratégia global padronizada de produção, as condições locais — como o nível de desenvolvimento econômico, a atuação dos sindicatos, a legislação trabalhista e políticas regionais — influenciam significativamente o upgrading ou downgrading do trabalho. Com uma preocupação qualitativa, a investigação considerou registros estatísticos; Instrumentos Coletivos de Trabalho; Boletins sindicais; entrevistas e observações simples. Especificamente, a pesquisa vem indicando que, apesar de estarem integradas a uma rede global de produção, as plantas situam-se em regiões com características econômicas, sociais e históricas distintas, o que afeta os resultados. Em Porto Real, por exemplo, uma região industrial consolidada e economicamente desenvolvida, observa-se uma cooperação maior entre organizações locais na manutenção do emprego. Em contraste, Goiana reflete a expansão da indústria automotiva em uma área menos industrializada e historicamente marginalizada. Já Melfi, no sul da Itália, compartilha desafios econômicos com o Nordeste brasileiro, mas apresenta sinais de reconfiguração. Nesse caso, o conceito de localidade é central para o estudo, entendido não apenas como uma característica geográfica, mas como um agente ativo que interfere nos processos econômicos e empresariais (Ramalho, 2013). Assim, a localidade não deve ser vista como uma receptora passiva de decisões nacionais ou internacionais, mas como participante ativo que influencia seu próprio desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE

Redes Globais de Produção (RGP); Condições de trabalho; Desenvolvimento Regional; Indústria automotiva.



DETERMINANTES DA RESILIÊNCIA NOS MUNICÍPIOS PORTUGUESES

Maria da Conceição Rego, Gertrudes Guerreiro, Patrícia Martins, Leonida Correia
mcp@uevora.pt, gdsg@uevora.pt, smartins@utad.pt, lcorreia@utad.pt

RESUMO

Ao longo das últimas décadas, a distribuição territorial da população portuguesa concentrou-se em poucos municípios, principalmente nas áreas metropolitanas, na região costeira entre Lisboa e Braga, e no litoral sul. Considerando a diversidade de comportamento no que diz respeito à atração e retenção de população e à dinâmica económica, este estudo pretende identificar os determinantes da resiliência de alguns municípios de Portugal continental. Para o efeito, são utilizados dados estatísticos dos municípios portugueses nas duas últimas décadas. A resiliência é entendida como a capacidade de os territórios resistirem e superarem distúrbios e crises, sem alterar as suas condições estruturais. Em termos de políticas públicas, a identificação dos fatores que explicam a existência de níveis distintos de resiliência é de grande importância para a definição de estratégias de desenvolvimento e promoção da coesão territorial. Neste estudo, o Índice de Renovação da População em Idade Ativa é utilizada como proxy da resiliência territorial. Como determinantes dessa resiliência, são explorados fatores económicos, sociais e ambientais, utilizando modelos dinâmicos com dados em painel e de econometria espacial. Os resultados mostram a relevância de características relacionadas com a demografia (envelhecimento e saldos populacionais – natural e migratório), com a atividade económica (salários), com as dinâmicas sociais (proporção de beneficiários do Rendimento Social de Inserção e o Rácio Alunos /Professor) e com o domínio do ambiente (proporção de recolha seletiva de lixo e consumo de energia na indústria).

PALAVRAS-CHAVE

Resiliência, municípios, econometria espacial, população em idade ativa, desenvolvimento regional



SOLIDIFICAR POLÍTICAS PÚBLICAS DE HABITAÇÃO

Maria Manuel Rola, Aitor Varea Oro, Nuno Travasso, Ana Fernandes
mrola@arq.up.pt, avoro@arq.up.pt, ntravasso@arq.up.pt, alfernandes@arq.up.pt

RESUMO

A Nova Geração de Políticas de Habitação (RCA n.º 50-A/2018) e a Lei de Bases da Habitação (Lei n.º 83/2019) introduziram no quadro legal ferramentas de provisão de habitação. Primeiro, foi criado um programa (Decreto-Lei n.º 37/2018) relativo à habitação indigna para responder às necessidades identificadas pelo Levantamento Nacional das Necessidades de Realojamento Habitacional (IHRU, 2018) ao qual vários municípios não deram resposta por falta de relevância e procedimento explícito, assim como por indisponibilidade para o reconhecimento dos problemas habitacionais por resolver. Este programa previa ainda a definição de Estratégias Locais de Habitação (ELH) que atualizariam os dados iniciais, estas agora com critérios de identificação. Estes documentos ganharam relevância quando se tornaram essenciais no acesso a financiamento a 100% no âmbito do Plano de Recuperação Resiliência (PRR). Se o primeiro levantamento identificava 25.762 famílias, a julho de 2024 a Comissão de Acompanhamento do PRR (CNA – PRR, 2024) publicava que as ELH em vigor identificavam 136.800 famílias.

Com a Lei de Bases, o poder local ganhou competências acrescidas de provisão e planificação, introduzindo-se a articulação com Instrumentos de Gestão Territorial (IGT), nomeadamente Plano Diretor Municipal (PDM), o que implica que os municípios têm de incorporar a planificação habitacional no planeamento territorial através das Cartas Municipais de Habitação (CMH). Este tem sido um processo em que o desenvolvimento dos documentos é moroso e a adesão em grande parte dos municípios não se tem verificado, mas que poderá alterar o panorama da planificação habitacional no país.

Entre o primeiro e o segundo instrumento existem diferenças consideráveis. O caminho que os instrumentos territoriais têm tido ao longo da existência democrática – Planos Gerais e Planos Diretores -, demonstra que a vinculação da sua execução a financiamento é chave para que se convertam em realidades territoriais. Já os programas de ação como o Primeiro Direito mostram que os programas nacionais têm desenvolvido mecanismos de flexibilidade alterando recorrentemente os seus propósitos.

Esta comunicação pretende expor uma contextualização, quantificação e ponderação de cada um dos instrumentos - ELH e CMH - a partir da análise do processo legislativo, dos dados públicos sobre contratação dos documentos no BASE e no Portal da Transparência, de sessões de trabalho com municípios, de um inquérito ao qual responderam 92 Câmaras Municipais e ainda das CMH com consulta pública em Diário da República existentes.

Referências:

Comissão Nacional de Acompanhamento do PRR, 2024. Relatório 1/2024



Decreto-Lei n.º 37/2018, 4 de junho – Cria o 1.º Direito – Programa de Apoio ao Acesso à Habitação Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, 2018 Levantamento Nacional das Necessidades de Realojamento Habitacional.

Lei n.º 83/2019, de 3 de setembro – Lei de Bases da Habitação.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 50-A/2018, de 2 de maio – Nova Geração de Políticas de Habitação.

PALAVRAS-CHAVE

Habitação pública; Poder Local; Gestão Territorial; Políticas Habitacionais



TRABALHO, EMPREGO E PROTEÇÃO SOCIAL: UMA ABORDAGEM SOBRE A POPULAÇÃO JOVEM

ORIGEM SOCIAL E EFEITO-CIDADE: ENTRE AS DESIGUALDADES SOCIAIS E AS DESIGUALDADES TERRITORIAIS NOS JOVENS

Inês Tavares, Renato Miguel do Carmo
istss@iscte-iul.pt, renato.carmo@iscte-iul.pt

RESUMO

Na presente comunicação pretende-se explorar as diferentes desigualdades refletidas no trabalho e no emprego, e como estas têm uma matriz assente na origem social e territorial dos jovens. Para o efeito, elaborou-se uma análise de diferentes dimensões e indicadores (como origem social, sexo e nível de escolaridade, rendimento, perfis de inserção no mercado de trabalho, região de residência, pluriatividade e desemprego), de modo a constatar a relação entre as desigualdades existentes no mercado de trabalho jovem em Portugal e as origens sociais e territoriais dos jovens. Partindo de um estudo acerca dos jovens e o trabalho em Portugal, a presente comunicação é suportada empiricamente pelas respostas obtidas através de um questionário online aplicado entre 12 de dezembro de 2022 e 29 de janeiro de 2023, o que permitiu obter uma amostra de 5.077 jovens entre os 18 e os 35 anos. Sabendo que as desigualdades sociais no mercado de trabalho são multidimensionais e interseccionais, estas encontram-se em praticamente todos os prismas analisados. Por um lado, a reprodução das desigualdades continua a verificar-se de modo evidente e estrutural na sociedade portuguesa, assim como as suas consequências para os capitais que os jovens evidenciam. Por outro, e explorando o efeito-cidade, constata-se que persiste uma desigualdade tanto social como de inserção no mercado de trabalho entre os jovens que vivem nas grandes cidades e os que residem fora delas.

PALAVRAS-CHAVE

Jovens, Mercado de Trabalho, Território, Desigualdades sociais



JOVENS INSCRITOS NOS CENTROS DE EMPREGO DO IEFP: QUE RESPOSTAS PARA DIFERENTES PERFIS?

Paulo Marques, Maria do Carmo Botelho, Maria da Conceição Figueiredo, Rita Gui-Marães
Paulo_Miguel_Marques@iscte-iul.pt

RESUMO

Na academia como no debate político, as questões do desemprego jovem têm surgido recorrentemente associadas a elevados níveis de escolaridade e a um mismatch entre qualificações e emprego. Contudo, a realidade dos jovens desempregados em Portugal revela-se mais plural e, em larga medida, mais complexa. Com base em dados administrativos do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), este estudo debruça-se sobre os jovens inscritos à procura de emprego entre março e junho de 2023, identificando grupos com características distintas, diferentes trajetórias, e diferentes respostas por parte dos serviços públicos de emprego. Especialmente prioritários, os jovens pouco qualificados, habitualmente em idades mais avançadas, e que concluíram até ao 3º ciclo do Ensino Básico, têm um grande peso entre os desempregados e apresentam inconstâncias no contacto com os serviços de emprego. Por outro lado, os imigrantes surgem com um peso relevante, levantando novos desafios ao IEFP. Embora escasseiem políticas ativas direcionadas a este grupo, têm perfis de procura de emprego dinâmicos, tempos de inscrição no IEFP inferiores à média e são colocados habitualmente em setores económicos considerados pouco atrativos. Finalmente, em relação aos jovens mais qualificados, as dificuldades prendem-se com determinadas áreas de formação do ensino superior, predominantemente feminizadas. Ao contrário dos grupos anteriormente destacados, o IEFP oferece amplas soluções de políticas ativas para estes jovens. A análise das colocações permite, ainda, identificar setores de atividade associados a uma maior rotatividade, pouco especializados, entre os quais se destaca o das “Atividades Administrativas e Serviços de Apoio”.

PALAVRAS-CHAVE

Jovens, desemprego, políticas ativas de emprego



PLURIATIVIDADE ENQUANTO RESPOSTA DOS JOVENS À VULNERABILIDADE NO MERCADO DE TRABALHO

Ricardo Barradas, Fátima Suleman
ricardo_barradas@iscte-iul.pt

RESUMO

Os jovens tendem a procurar respostas individuais para lidar com as vulnerabilidades que enfrentam no mercado de trabalho. É sabido que os jovens apresentam elevados níveis de informalidade no mercado de trabalho, baixos níveis de proteção social, baixos salários, precariedade, excessiva dependência da proteção privada (apoio familiar), grande segmentação no mercado de trabalho e altos níveis de desigualdade, especialmente nos países da Europa do Sul, incluindo em Portugal. O envolvimento em múltiplas atividades profissionais, em simultâneo, representa, por vezes, uma estratégia de sobrevivência e um meio para completar rendimentos reduzidos provenientes de um emprego. Este estudo recorre a dados primários recolhidos através de um inquérito aos jovens para explorar os fatores que influenciam a sua decisão de se envolver em pluriatividade. Os resultados indicam que há fatores de natureza económica, como passagem por situações de desemprego, contratos de trabalho temporários, baixos salários, que aumentam a probabilidade de um jovem estar envolvido numa situação de pluriatividade. Acresce ainda que esta realidade contribui para uma dependência familiar ou de amigos que, por sua vez, conduz à procura de atividades múltiplas. Há ainda fatores de natureza sociodemográfica que também afetam essa probabilidade. Os dados mostram que as mulheres e os jovens menos escolarizados são mais prováveis na pluriatividade. A estratégia da pluriatividade é, assim, uma resposta dos jovens da amostra à incerteza de emprego e de rendimento, bem como de baixo rendimento que enfrentam no mercado de trabalho, e dependência financeira com que lidam no seu quotidiano.

PALAVRAS-CHAVE

Portugal, Jovens, Mercado de Trabalho, Pluriatividade



DESIGUALDADES, EMPREGO E (DES)PROTEÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DOS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO

Rodrigo Vieira de Assis, Inês Tavares, Renato Miguel do Carmo
renato.carmo@iscte-iul.pt

RESUMO

Apesar de a sociedade portuguesa contar com a força de trabalho juvenil mais qualificada de sempre, um conjunto de fragilidades resultantes da precarização do emprego dificultam a inserção e a permanência dos jovens no mercado de trabalho. Sendo um grupo especialmente suscetível a momentos de crise, os jovens foram os mais afetados pelo desemprego durante a pandemia de Covid-19, representando 70% dos trabalhadores que perderam o emprego entre 2019 e 2020 no país. Contudo, quais são as diferenças e desigualdades que caracterizam o mercado de trabalho jovem em Portugal? Em que medida os níveis de instabilidade no emprego e os graus de cobertura da proteção social podem se traduzir em perfis de trabalhadores jovens distintos e distintos entre si? Quais são os recursos ou apoios, formais e informais, acionados pelos jovens para lidar com as situações de vulnerabilidade social e contingências no emprego, como, por exemplo, com as dificuldades financeiras e situações de despedimento? O objetivo principal dessa comunicação é apresentar uma análise relacional dos jovens no mercado de trabalho desenvolvida a partir do exame das respostas dadas por 5.076 jovens, entre 18-35 anos, inquiridos em 2023, em Portugal. Com recurso a diferentes métodos de análise de dados, como a Análise de Correspondências Múltiplas e a Análise de Clusters, serão identificadas as dimensões estruturantes do espaço multidimensional do mercado de trabalho jovem em Portugal e examinadas as associações privilegiadas entre indicadores diversificados que colocam em evidência assimetrias no universo dos jovens trabalhadores no país. Os resultados apontam para a existência de diferentes perfis de trabalhadores jovens, os quais variam entre jovens mais vulneráveis ao desemprego, jovens menos integrados no mercado de trabalho e menos protegidos e jovens mais integrados e protegidos. Além de este estudo ser inédito em Portugal, a análise visa contribuir para o aprofundamento do conhecimento sociológico sobre uma população particularmente afetada pelas transformações do mercado de trabalho, visualizadas através das tensões atuais entre trabalho e segurança social.

PALAVRAS-CHAVE

Jovens, Mercado de Trabalho, Desigualdades, Proteção Social



INTERNATIONAL POLITICAL ECONOMY

RETHINKING GLOBALISATION, FDI, SOVEREIGNTY AND TAXES

George Perendia
dg.perendia@gmail.com

RESUMO

The central banks' models such as DSGE and similar equilibria models are useful in limited cases, such as short-to-mid term financial policies or equilibrium maintenance while heading economic systems in a particular directions of e.g growth and employment. This is not unlike making little adjustments in direction to maintain equilibrium by steering bicycles at a speed. However, political economy is there to make strategic decision such as where those “bicycles” of economic equilibria should take their directions in the mid-to-long terms.

Whilst neo-liberalism driven globalisation contributed to development and improved living standards in the poorer and less developed countries (Milanovic) it has as well enriched those already more than just well-off individual or group capital investors in those more developed ones. However, it has also left-out a large numbers of unemployed and under employed in those more developed countries. Those are the ones who lost their old jobs that have been outsourced abroad for lower-wage countries and who could not find alternative full time jobs while GDP growth in those countries slowed down.

While academic literature analyses how the profits of FDI are taxed at regular rates, or how they should be taxed on their return to the FDI source countries, they are often left untaxed as they are seldom returned but often reinvested or spent abroad so to avoid paying domestic income taxes.

In addition to the rising under and unemployment through job losses, the sovereign tax revenues have been deprived of income and diminishing and so have been the sources of social and other forms of securities expected from the states. There is also an apparent puzzle: the total of world's FDI is net-positive as many rich, developed countries have also net-positive FDI flowing into them.

On the other hand, COVID19 supply shocks have shown that just-in time import delivery cannot be guaranteed and relied upon and so many net importer countries have started rethinking the globalisation aiming to reduce their dependency on distant-path routed foreign imports of, at least, the key goods. They are considering options such as re-localisation of the production, either within their own or those other less developed but closer countries.

This paper:

- presents economic benefits of commerce re-localisation within the country or its region and,
- suggests additional tax measures for states to encourage them and both, reduce local unemployment and social aid outflows whilst improving GDP.

PALAVRAS-CHAVE

FDI, taxation, globalisation, relocalisation

DESIGNING SMART SPECIALISATION STRATEGIES IN THE EU: AN LLM-BASED APPROACH TO SUPPORT INFORMED POLICYMAKING

Ricardo Paes Mamede, Cristina Pinheiro, Matias Andrade
matiastandrade@gmail.com

RESUMO

Smart Specialisation Strategies have become an integral part of EU Cohesion Policy, but their effective operationalisation, namely in terms of prioritising areas for investment, remains challenging. This paper presents a novel methodology for capability mapping to support priority setting leveraging data classification by Large Language Models (LLM). We address key limitations of current approaches while more closely aligning with the theoretical foundations of Smart Specialisation. Our contribution is threefold. We combine both technological domains and fields of application in a taxonomy specifically developed to define potential areas of specialisation, in line with the conceptual framework of Smart Specialisation. Second, in addition to data on patents and scientific publications, we use R&D activity to map research and innovation capabilities. Third, we employ LLMs to classify accordingly a large volume of data from these three sources. We illustrate the methodology with an application to the Portuguese case.

PALAVRAS-CHAVE

innovation policy; smart specialisation strategy; priority setting; large language models



SECTORAL SHOCKS, COST-PUSH INFLATION AND STRUCTURAL ASYMMETRIES IN THE EU CORE AND PERIPHERY COUNTRIES

Vicente Ferreira, João Pedro Ferreira, Dario Guarascio, Francesco Zezza
vicente.ferreira@uniroma1.it

RESUMO

In 2022-2023, inflation in the Euro Area has risen to unprecedented levels since the beginning of the monetary union. The available data suggests that the inflationary episode has been initially driven by price increases in specific sectors – namely, in the energy sector – which then rippled through the economy, casting doubt over the adequacy of the one-size-fits-all monetary tightening approach followed by the ECB. Based on the recent contribution of Weber et al. (2024), this paper aims to assess the vulnerability of Euro Area countries to supply shocks by identifying systemically significant sectors with strong forward linkages in the economy. In this work, we use the Figaro database, an inter-country input-output model, for the year 2019 and apply the price model concept to simulate price shocks and analyze how they reverberate throughout the economy via intersectoral linkages. We then estimate how integrating forward linkages in the price affects the estimation of the consumer price index compared to the traditional way, which only considers the direct effects. Adopting a core-periphery perspective, we start by assessing different degrees of vulnerability to internal and external shocks among Core, Southern and Eastern EU countries.

PALAVRAS-CHAVE

Inflation; Input-Output; EU Core-Periphery



PARA UMA ECONOMIA POLÍTICA DE BAIXO: INVESTIGANDO O TRABALHO E A VIDA E O OCVT.UNL.PT

CONDIÇÕES LOCAIS DE VIDA: UM CASO DE BURNOUT?

Marcela Uchôa, João Matos
maruchoa@gmail.com, matosjpc@gmail.com

RESUMO

Esta comunicação investiga o termo "burnout" como apropriado pelas organizações de trabalhadores portugueses, propondo duas interpretações: uma de politização das questões psicológicas no trabalho e outra de despolitização através da psicologização. Argumenta-se a necessidade de uma reavaliação crítica do burnout, ligando-o às mudanças estruturais nas condições de trabalho e de vida.

PALAVRAS-CHAVE

Burnout, Sindicatos, Psicologização do Trabalho, Trabalho Real



ORGANIZAÇÃO GLOBAL DO TRABALHO: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

Raquel Varela
raquel_cardeira_varela@yahoo.co.uk

RESUMO

Esta comunicação analisa a reestruturação produtiva em Portugal, destacando o fim do pleno emprego, o aumento da precariedade e a intensificação do trabalho. Argumenta-se que estas mudanças afetaram criticamente a saúde e o poder de negociação da força de trabalho, sugerindo a necessidade de reconsiderar o modelo socioeconómico e de debater as demandas de transição dentro do metabolismo social.

PALAVRAS-CHAVE

Reestruturação Produtiva, Trabalho Precário, Intensificação do Trabalho, Modelos Socioeconómicos



NOVAS FORMAS DE MUDANÇA: A ANTIGA CENTRALIDADE DO TRABALHO

Roberto della Santa
beto.dellasanta@gmail.com

RESUMO

Esta comunicação explora a centralidade do trabalho em mudança, considerando a mobilização de base e o potencial para uma renovada solidariedade entre trabalhadores. Discute-se o impacto da consciência de classe no movimento laboral, defendendo uma repolitização das questões do local de trabalho como um horizonte ampliado de possibilidades, numa deslocação e condensação dentro da esfera pública.

PALAVRAS-CHAVE

Consciência de Classe, Movimentos Laborais, Centralidade do Trabalho, Esfera Pública



POLÍTICAS DO CUIDADO

O VALOR DA(S) PROXIMIDADE(S): REFLEXÕES SOBRE UMA EQUIPA COMUNITÁRIA DE SAÚDE MENTAL E SEUS CONTRIBUTOS PARA UMA ECONOMIA POLÍTICA DO CUIDADO

Cláudia Nogueira
clau.ines.nogueira@gmail.com

RESUMO

Pese embora um amplo consenso internacional em defesa de um paradigma de provisão de cuidados de saúde mental de base comunitária – consenso vertido nas agendas e diretrizes de importantes organismos multilaterais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS) –, o certo é que a maior parte dos países (independentemente do nível de desenvolvimento económico) continua a basear as respostas ao sofrimento psíquico num modelo arraigadamente hospitalocêntrico/biomédico. De acordo com um relatório recente da OMS (de 2021), a maior parte do financiamento estatal, em todo o mundo, continua a ser alocado à renovação, manutenção e até mesmo expansão de instituições hospitalares psiquiátricas e estruturas residenciais de carácter institucionalizante.

Ora, este é um cenário prevalecte também no nosso país. Com efeito, apesar de Portugal figurar como um dos países europeus que mais precocemente criou bases legais para a criação de um sistema comunitário de saúde mental, na prática, os progressos têm sido muito pouco significativos, não se verificando, ao longo dos anos, uma alteração da hegemonia do modelo hospitalocêntrico. Nesse ponto, uma das principais lacunas diz respeito à constituição de Equipas Comunitárias de Saúde Mental (ECSM).

Em Portugal, em termos retóricos, a proposta de criação de ECSM configura um dos principais pilares da política de desinstitucionalização. Com o objetivo de pôr termo a um modelo fechado, distante e fomentador de estigma e exclusão social, os documentos oficiais preconizam a criação de equipas multidisciplinares que implementem valores de proximidade, inclusão, empoderamento e capacitação das comunidades, no sentido do que se entende por uma Economia Política do Cuidado. Muito embora a constituição de ECSM seja tida como uma proposta política prioritária, o investimento público tem-se mantido, a esse nível, muito baixo, sendo muito escassas as equipas comunitárias a operar no território nacional. Igualmente escassa é a produção de conhecimento académico a respeito das mesmas.

Tendo por base uma pesquisa de natureza qualitativa/etnográfica que tomou como objeto de estudo uma das raras ECSM a operar em Portugal, a presente comunicação dá conta de alguns dos principais resultados dessa pesquisa, fazendo-os dialogar com a perspetiva teórica da Economia Política do Cuidado.

PALAVRAS-CHAVE



Equipa Comunitária de Saúde Mental; Desinstitucionalização; Políticas Públicas de Saúde Mental; Economia Política do Cuidado.



CUIDAR DO CUIDADOR: MOVIMENTOS SOCIAIS E A POÍTICA DO ESTATUTO DO CUIDADOR INFORMAL

Ester Oliveira, Rui Branco, Fátima Suleman
ecoao@iscte-iul.pt

RESUMO

The enactment of the Informal Caregiver Statute (ICS) in 2019 not only legally recognized informal care work in Portugal but also held the potential to significantly reform the country's long-term care (LTC) system. This article examines the politics driving the reform, with a special emphasis on an often-ignored factor behind social policy change, the role of social movements as they interact with the policy-making process. The paper deploys chiefly a qualitative, process-tracing approach able to triangulate differently sourced data, such as interviews, analysis of legislation and parliamentary debates. Our findings show that social movements representing informal carers were important in triggering the reform process in parliament since the onset of the legislature in 2015. The initial agenda-setting impact was followed by the assemblage of a broad reform coalition spanning the political spectrum from right to left, which faced an initially reluctant government of the Socialist Party. The final 2019 reform, the ICS, similarly to numerous other reforms over the last decade in European countries where the family is the main care provider, is geared to support informal caregivers without fundamentally challenging the role of the family as the primary provider of care. The embrace of supported familism by the ICS, despite bringing some relief, support and balance to the participation in the labor market of an overwhelmingly feminine strata of carers, does not change the muted role of the state in terms of formal care provision. Rather than path-breaking, then, the reform perpetuates the familialist character of the Portuguese LTC system. This article addresses a significant literature gap by simultaneously providing an explanation and analysis of the 2019 reform, but also by contextualizing the Portuguese case within the broader European context of LTC reform and against the theoretical literature on care regimes and regime change.

PALAVRAS-CHAVE

Informal Care; Social protection; Care Regimes; Social Movements



PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA CONDICIONADA DE RENDIMENTO E ORIENTAÇÃO POLÍTICA DOS GOVERNOS DA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DO PERÍODO 2000-2020

Marianna Rios Franco, Alexandre Abreu
alexandreabreu@iseg.ulisboa.pt

RESUMO

Nas três últimas décadas, dois fenómenos emergiram e expandiram-se em ondas na América Latina: os Programas de Transferência Condicionada de Rendimento (PCTRs) e a chegada de governos de esquerda ao poder (a chamada “maré rosa” ou “viragem à esquerda”). Estes dois fenómenos ocorreram no contexto de um período histórico de recuperação económica da região, especialmente em virtude do “boom das commodities”, que proporcionou os recursos e o espaço político necessários para se governar à esquerda e promover políticas sociais.

Esta comunicação procura investigar até que ponto é que existiu uma associação entre a orientação política dos governos latinoamericanos e a criação e expansão de PCTRs no período 2000-2020. São mapeados 32 PCTRs, implementados por 18 países da região, bem como as orientações políticas dos executivos (presidentes e governos). Para além de relatarmos a evolução da implementação deste tipo de políticas e programas sociais (incluindo alguns dos mais famosos, como o Bolsa Família do Brasil, o Plan Familias da Argentina e o Oportunidades do México), procedemos a uma análise quantitativa, a partir de bases de dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da Comissão Económica para a América Latina e Caraíbas das Nações Unidas (CEPAL), em que aferimos a relação entre os momentos de início e encerramento destes programas, bem como a evolução da cobertura de beneficiários, e a orientação política dos governos no poder em cada país e em cada momento.

PALAVRAS-CHAVE

Programas de Transferência Condicionada de Rendimento; América Latina; esquerda/direita; orientação política



PAINEL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – DESAFIOS NA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

A CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL DA “NOVA” UNIVERSIDADE

Gonçalo Leite-Velho
gonvelho@gmail.com

RESUMO

Ao longo dos últimos 30 anos a instituição Universidade tem sido alvo de sucessivas reformas, num processo de “liberalização”. Através dele, as organizações universitárias deveriam conseguir alcançar uma maior “autonomia”, num quadro institucional em que as transações passariam a ser obrigadas apenas pelos interesses próprios dos agentes nelas envolvidos.

Neste trabalho analisamos o processo destas reformas, partindo da distinção entre instituições “williamsonianas” e “durkheimianas”. Procuramos assim compreender quanto é que ele emerge exclusivamente do acordo de partes interessadas ou quanto resulta da determinação do Estado numa lógica de obrigação social. Escolhemos cinco países, que representam diferentes formas de economia política (Países Baixos, França, Finlândia, Portugal e Polónia) e que se enquadram dentro do um projeto de investigação em curso sobre a autonomia do ensino superior (HEAE-SNIT).

Concluimos que nos cinco países o processo é conduzido fundamentalmente pelo Estado, com forte participação de organizações corporativas de reitores. A economia política que preside a esta construção compreende os mecanismos de coordenação quase exclusivamente como hierarquias e mercados. O processo de reforma tem maior poder sobre a construção da primeira destas formas de coordenação, salientando as contradições entre os objetivos enunciados e o seu resultado efetivo. Das antinomias produzidas destacam-se efeitos das mudanças no modo de governação das organizações em termos de liberdade académica e autonomia universitária.

PALAVRAS-CHAVE

autonomia; construção institucional; universidade; liberalização



VAMOS DISCUTIR A NEOLIBERALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E DA CIÊNCIA?

José Luís Garcia

RESUMO

A partir das duas últimas décadas do século XX, os governos dos países mais ricos e entidades internacionais como a OCDE e a União Europeia promoveram uma reestruturação substancial do ensino superior e da ciência, submetendo-as a directrizes economicamente orientadas para a competição económica e a inovação de novos produtos, processos, serviços e mercados. Desde essa altura, e no quadro da globalização económica e da emergência de novos domínios científico-tecnológicos disruptivos, aquelas instituições passaram crescentemente a adaptar-se, como maior ou menor adesão ou resistência dos seus dirigentes e actores, a tais orientações, condicionadas por formas de controlo político e financeiro. Adoptaram a gestão managerial; impulsionaram o produtivismo em projectos, cursos, relatórios, artigos, livros e inovações com potencial comercial (onde ela era possível); estimularam a internacionalização conveniente à competição global no mercado de ensino, do conhecimento e das inovações; estabeleceram novas formas de avaliação de docentes e investigadores com base em critérios quantitativos; adaptaram-se à precarização de grandes contingentes de investigadores; assumiram a imagem de organizações empreendedoras; comprometeram-se com a transferência de conhecimento para o setor privado, facilitada por regimes flexíveis de propriedade intelectual; e estimularam todo o tipo de modos psico-sociais de subjectivação em prol de um ethos competitivo e comercial nas novas gerações de professores e cientistas. Este processo institucionalizou-se nas primeiras décadas do século XXI e ensino superior, ciência, desenvolvimento tecnológico, empresas, indústrias e mercados marcham hoje juntos de forma quase orgânica, seja quais forem as suas diferenças, e sob o estímulo do Estado. O propósito da comunicação que se pretende apresentar é duplo: discutir como o neoliberalismo se empenhou na transformação do ensino superior e na ciência e como estas se têm empenhado um papel no desenvolvimento do neoliberalismo.

PALAVRAS-CHAVE



A UNIVERSIDADE E A BARBÁRIE: OS SILÊNCIOS DAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E A QUESTÃO PALESTINIANA

Moara Crivelente, Irina Castro
belacastro@ces.uc.pt

RESUMO

Historicamente, as Universidades são centros de produção de conhecimentos, de desenvolvimento de ferramentas e técnicas que melhoraram as condições materiais das sociedades. Paralelamente as Universidades foram e são espaços de resistência contra regimes autoritários, e lugares de revolução cultural. No entanto, paradoxalmente, também atuaram, e atuam, como instituições que consolidam relações de poder, ancoradas em desigualdades, e que participam na produção de saberes e tecnologias que, ao longo da história, ampararam regimes autoritários, sistemas coloniais, opressão patriarcal e racismo, perpetuando regimes de opressão. É nesta existência contraditória das Universidades, enquanto lugares de constante disputa e transformação, que examinamos o silêncio das instituições portuguesas face à questão palestina atual. Este silêncio torna-se ainda mais estridente perante os protestos de estudantes e alguns membros da comunidade académica portuguesa, que procuram pressionar as Universidade para a tomada de uma posição de oposição, e de solidariedade real, ao regime colonial e à guerra genocida perpetrada por Israel contra o povo palestino, e agora o povo libanês. Que bloqueios impedem as Universidades portuguesas de adotarem uma posição de solidariedade real com a Palestina? Partindo de uma definição de solidariedade real, entendida no sentido guevarista, como uma prática internacionalista concreta e não apenas como um valor moral, procuramos responder a esta questão, explorando as relações entre este silêncio e os vínculos económicos e políticos entre as Universidades portuguesas e instituições israelitas. Finalmente, e por considerarmos as Universidades como agentes de relações diplomáticas, abordaremos a resposta ética e política proposta pela Campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) e o papel que as Universidades podem desempenhar, demonstrando que é possível adotar uma posição de princípio que valorize o papel transformador da Universidade ao longo da história e que reverta numa posição de solidariedade real. O silêncio das Universidades portuguesas, que mantêm relações institucionais com instituições envolvidas na ocupação israelita da palestina, revela-se moralmente insustentável e, sob a ótica luxemburguista, uma escolha implícita pela barbárie em vez da transformação e justiça social.

PALAVRAS-CHAVE

Relações Internacionais e Institucionais; Justiça e transformação social; Diplomacia científica; Solidariedade real



CAPITALISMO, IDENTIDADE E OPRESSÃO

REVELANDO CAMINHOS: ESTUDO SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO RURAL LGBTQIA+ NA REGIÃO NORDESTE

Cristiana Tristão Rodrigues
cristiana.rodrigues@ufv.br

RESUMO

Resumo:

No Brasil, observa-se que a comunidade LGBTQIA+ enfrenta grandes dificuldades, particularmente no contexto da região Nordeste, o que pode ser ainda mais desafiador quando se trata da região semiárida, sujeita a dificuldades socioeconômicas ainda maiores, devido aos desafios impostos pelo clima. Frente à quase invisibilidade da temática neste contexto, este estudo tem como objetivo realizar um diagnóstico socioeconômico da população LGBTQIA+ na região Nordeste e realizar um estudo de caso sobre o Programa Local “Formação de Jovens em Empreendedorismo Rural”, no município de Pentecostes, no Ceará. Primeiramente busca-se conhecer a situação da população LGBTQIA+ no Brasil como um todo, bem como nas suas áreas rurais e urbanas, e na região Nordeste, considerando os aspectos de educação, renda e violência, utilizando-se os dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, que inclui o quesito Orientação Sexual, e dos relatórios do Disque Direitos Humanos (DISK 100) e da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp); e por fim, realiza-se uma análise sobre violência na região semiárida de Minas, que é a única região a possuir informações sobre violência contra pessoas LGBTQIA+ se aproximando mais da realidade vivida no semiárido do Nordeste.

Constatou-se que a população LGBTQIA+ apresenta vulnerabilidades socioeconômicas e que os níveis de violência e marginalização ainda são elevados. Para avançar nesta condição, seria necessário, primeiramente, tornar esta comunidade mais visível aos programas sociais, ou seja, fomentar pesquisas de campo capaz de identificar e traçar um perfil mais fidedigno da população LGBTQIA+, principalmente, nas áreas de maior vulnerabilidade. Como segundo passo, é importante investir em capacitação e geração de renda, o que vai ao encontro da metodologia do PJER e tem o respaldo teórico da abordagem das capacitações e da Teoria dos 4 I's do crescimento econômico, utilizada neste estudo, confirmando a importância de se investir em conhecimento, crédito, redes e tecnologias. Uma vez replicada a metodologia PJER para o público LGBTQIA+ no semiárido rural, é importante que os programas observem e conheçam as especificidades e vulnerabilidades para que se possa proporcionar um bom acolhimento e inclusão. Por fim, constatou-se no estudo de caso que é importante trabalhar com as questões psicossociais para fortalecer a autoestima e empoderar os membros deste grupo, e assim, possam acreditar na sua capacidade de empreender e gerar sua própria renda de forma sustentável, sem necessidade de abandonar o semiárido.

Abstract:



In Brazil, the LGBTQIA+ community faces significant challenges, particularly in the context of the Northeast region. These challenges can be even more daunting in the semi-arid region, where socio-economic difficulties are exacerbated by the climate. Given the near invisibility of this issue in such a context, this study aims to conduct a socio-economic diagnosis of the LGBTQIA+ population in the Northeast and perform a case study on the local program "Youth Training in Rural Entrepreneurship" in the municipality of Pentecostes, Ceará. First, the study seeks to understand the situation of the LGBTQIA+ population in Brazil as a whole, as well as in rural and urban areas, and in the Northeast region, considering aspects of education, income, and violence. It utilizes data from the 2019 National Health Survey (PNS), which includes the Sexual Orientation question, and from the reports of the Human Rights Hotline (DISK 100) and the State Department of Justice and Public Security (Sejusp). Lastly, an analysis of violence in the semi-arid region of Minas Gerais is conducted, as this is the only region with information on violence against LGBTQIA+ people, providing insights into the reality in the semi-arid Northeast.

The findings indicate that the LGBTQIA+ population faces socio-economic vulnerabilities and that levels of violence and marginalization remain high. To improve this situation, it is first necessary to make this community more visible in social programs, meaning fostering field research that can identify and accurately profile the LGBTQIA+ population, especially in areas of greater vulnerability. As a second step, it is important to invest in training and income generation, which aligns with the methodology of the PJER and is supported by the theoretical framework of the capabilities approach and the Four I's of economic growth theory used in this study, confirming the importance of investing in knowledge, credit, networks, and technologies. Once the PJER methodology is replicated for the LGBTQIA+ population in the rural semi-arid region, it is crucial that programs consider the specificities and vulnerabilities of this group to provide proper support and inclusion. Lastly, the case study revealed the importance of addressing psychosocial issues to strengthen the self-esteem and empower members of this group, enabling them to believe in their ability to undertake entrepreneurship and generate sustainable income without needing to leave the semi-arid region.

PALAVRAS-CHAVE

diagnóstico socioeconômico; população LGBTQIA+; Semiárido do Nordeste do Brasil; Políticas Públicas. Socioeconomic diagnosis; LGBTQIA+ population; Semi-arid region of Northeast Brazil; Public Policies.

DISCRIMINAÇÃO DE GÉNERO NO TRABALHO: EXPERIÊNCIAS, PERCEÇÕES E ATITUDES FACE ÀS POLÍTICAS

Elsa Fontainha
elmano@iseg.ulisboa.pt

RESUMO

Em que medida as experiências pessoais e as perceções em relação à discriminação de género no trabalho (e.g. recrutamento, remuneração e carreira) influenciam as atitudes da população na EU face às políticas de promoção da igualdade de género? Procura-se contribuir para responder a esta questão usando como fonte informativa essencial os microdados do European Social Survey ESS (Round 11) de 2023 e recentemente disponibilizados para dez países (N=17.785): Áustria, Croácia, Finlândia, Alemanha, Hungria, Irlanda, Lituânia, Países-Baixos, Eslováquia e Eslovénia). No conjunto 82% das respostas indicam inexistência de experiência pessoal de discriminação no trabalho, e 43% de existir a perceção de que homens e mulheres são tratados de igual forma no trabalho. Estes valores globais diferem significativamente por género da pessoa que responde e por país de residência (para a experiência um mínimo de 73% na Croácia e 89% na Hungria; para a perceção 25% na Alemanha e 74% na Hungria). Cerca de metade dos homens consideram que não discriminação sendo a percentagem para as mulheres de 38%. Quanto à experiência pessoal de discriminação declararam não a terem experienciado 90% dos homens e 75% das mulheres. Os homens têm a perceção de que 48% e 39% das mulheres Os resultados do ESS conjugados com informação por país proveniente do Eurostat, European Institute for Gender Equality (EIGE) e International Labour Organization (ILO) permite ainda concluir sobre as distâncias entre as perceções e os indicadores quantitativos de discriminação. Existem ainda evidências de que a discriminação de género no trabalho se interseccionam com outros tipos de discriminação.

PALAVRAS-CHAVE

discriminação, género, mercado de trabalho , políticas públicas



DEBATES SOBRE O TRABALHO NO SÉCULO XXI

TELETRABALHO E OS SEUS EFEITOS CONTRADITÓRIOS: UMA REVISÃO

Ana Alves da Silva
ana.alves.silva@colabor.pt

RESUMO

Desde a pandemia por Covid-19, e apesar dos discursos de “regresso ao escritório”, os níveis de teletrabalho têm permanecido relativamente estáveis em Portugal. Não sendo uma tecnologia per se, o teletrabalho constitui uma inovação sociotécnica nos modos de organizar e prestar trabalho atraente de discursos laudatórios sobre os seus benefícios para os trabalhadores, sobretudo no que à conciliação entre a vida pessoal e familiar e a vida profissional concerne. Não obstante, os estudos atualmente existentes sobre a dispersão espaço-temporal do trabalho – uma flexibilização que produz diversos tipos de arranjos institucionais sob os quais o trabalho se realiza (e nos quais o teletrabalho se inclui) – apontam a natureza paradoxal dos seus efeitos: aos aumentos de produtividade aparecem associados incrementos de trabalho produtivo não pago; à flexibilização do horário de trabalho associam-se impulsos para conectividade permanente e uma tendência de autodeterminação da disciplina temporal do trabalho; à impossibilidade de supervisão direta em local de trabalho associa-se o recurso crescente a formas opacas de controlo técnico-burocrático, sob a forma de “bossware”; à distância física e isolamento em local privado de trabalho aparecem sociabilidades laborais estreitadas, que reinventam e expandem a experiência e o significado social da copresença; e às tendências de atomização e desfiliação sindical contrapõem-se relatos de maiores taxas de sindicalização entre trabalhadores remotos.

A presente comunicação debruçar-se-á sobre tais efeitos contraditórios, apoiando-se na revisão de literatura existente e nos resultados de trabalhos de investigação empírica disponíveis, debatendo a natureza paradoxal dos efeitos da dispersão espaço-temporal do trabalho – e do teletrabalho em particular – no quadro das relações de trabalho capitalistas. Uma atenção especial ao contexto português será atendida, enfatizando a informação disponível sobre o teletrabalho em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE

teletrabalho, inovação sociotécnica, efeitos paradoxais



ROBOTAX E SEGURANÇA SOCIAL: O REFORÇO DO PRINCÍPIO DA SOLIDARIEDADE COM UMA NOVA FONTE DE FINANCIAMENTO

Claúdia Marchetti da Silva
silva-claudia@edu.ulisboa.pt

RESUMO

A automação inteligente está transferindo parte da riqueza gerada pelo trabalho para os proprietários de robôs e tecnologias, deslocando o poder para o capital. Esse fenômeno cria a possibilidade de independência em relação ao trabalho humano, resultando em uma diminuição ou até eliminação de postos de trabalho. Como consequência, o poder de negociação dos trabalhadores é reduzido, ampliando as desigualdades econômicas. A concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos detentores de tecnologia agrava a exclusão social, exigindo a formulação de políticas públicas inovadoras para redistribuir os benefícios dessa transformação tecnológica de forma mais equitativa.

Para enfrentar essa nova realidade, é inevitável que a tributação incida sobre essas novas formas de riqueza gerada pela automação. No sistema jurídico português, o princípio da solidariedade, consagrado no artigo 1º da Constituição, orienta a formulação de normas fiscais. Conforme o artigo 8º da Lei n.º 4/2007, a segurança social é financiada por toda a sociedade, e o dever de contribuir não está limitado ao grupo de beneficiários diretos, mas sim estendido à coletividade, em virtude do dever de solidariedade social.

No âmbito tributário, a solidariedade serve como um princípio estruturante, permitindo que valores sociais sejam incorporados ao ordenamento jurídico, de modo a promover a dignidade humana. A ampliação das bases de financiamento com fundamento no reforço do princípio da solidariedade, sem comprometer as contribuições dos empregadores e trabalhadores sobre o salário, e sem propor a sua substituição por impostos, taxas ou outros tipos de contribuições, o que descaracterizaria o sistema previdenciário e seu modelo de financiamento, pode ajudar a mitigar os impactos econômicos e tecnológicos e fortalecer o tecido social diante das transformações globais.

PALAVRAS-CHAVE

Automação, imposto sobre robôs, justiça redistributiva, solidariedade

A RELAÇÃO TRABALHO, EMPREGO E PROTEÇÃO SOCIAL NA ERA DO CAPITALISMO DIGITAL: A TECNOLOGIA COMO VARIÁVEL INDEPENDENTE

Diogo Silva da Cunha, Jorge Caleiras
diogo.cunha@colabor.pt, jorge.caleiras@colabor.pt

RESUMO

A discussão sobre os impactos do processo de digitalização na proteção social tem estado muito restringida a uma dimensão instrumental de tipo solucionista dos sistemas de segurança social. As regras da UE para a coordenação da segurança social subscrevem um imperativo tecnológico segundo o qual os Estados-membros devem utilizar tecnologias digitais para acesso, tratamento e intercâmbio dos dados de segurança social. Este imperativo decorre da ideia de que a digitalização pode melhorar a coordenação dos sistemas de segurança social e favorecer uma mobilidade laboral justa. Este imperativo tem sido declinado em várias iniciativas nacionais de digitalização desses sistemas. A presente comunicação considera criticamente alguns aspetos destes desenvolvimentos e avança, de modo exploratório, ideias que inscrevem a discussão sobre os impactos do processo de digitalização na proteção social numa conceção político-económica substantiva. Para tal, argumenta-se, por um lado, que a proteção social deve ser entendida em amplo sentido e em articulação com o trabalho e o emprego e, por outro lado, que a tecnologia deve ser tomada como variável analítica relevante, até mesmo como variável independente. Em primeiro lugar, apresenta-se uma análise crítica de documentos oficiais sobre a digitalização dos sistemas de segurança social europeus. Em segundo lugar, procura evidenciar-se a existência de uma tensão, senão mesmo contradição, entre as propostas tecno-otimistas presentes nesses documentos e os resultados de investigações promovidas pelo European Parliament's Committee on Employment and Social Affairs, nomeadamente investigações sobre trabalho de plataformas. Estas investigações demonstram necessidade de repensar as ligações umbilicais entre trabalho e proteção social no atual contexto acentuado de liberalização das economias, de intensas transformações produtivas e políticas, e de discutir os efeitos gerados pelas mudanças tecnológicas aceleradas nas relações de trabalho e na cobertura da proteção social. A relação entre diagnósticos e prognósticos coloca questões epistemológicas de fundo sobre o papel das tecnologias na mudança social. Demonstram, por exemplo, a articulação entre novos sistemas tecnológicos e margens e graus de adaptabilidade dos sistemas de segurança social, nomeadamente lacunas observáveis nos modelos de proteção ao nível da combinação virtuosa de políticas. Contudo, carecem genericamente de uma análise crítica que pondere a tecnologia epistemologicamente. Conclui-se com uma reflexão sobre o modo como a tecnologia, não sendo o único elemento determinante nonexo causal trabalho-emprego-proteção social, num contexto de crescente digitalização não pode deixar de ser tomado como elemento codeterminante, como criador de espaços de consumação de vários subprocessos de um processo mais geral de deslaboralização.



PALAVRAS-CHAVE

Tecnologia; Digitalização; Trabalho; Proteção social



POTENCIAL OCUPACIONAL DE TELETRABALHO: LIÇÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL

Eugénia Fernandes Pires, Luís Manso, Tiago Teixeira
eugenia.pires@colabor.pt

RESUMO

A disseminação das tecnologias de informação e comunicação e a crescente digitalização dos processos de trabalho, a par da experiência de confinamento e teletrabalho obrigatórios que vigoraram como medidas profiláticas no combate à pandemia por Covid-19, levaram a que o teletrabalho se tornasse um aspecto valorizado quer por trabalhadores, quer por empresas. A autonomia e a flexibilidade na gestão do processo de trabalho, a par da maior agilidade de articulação entre vida pessoal e profissional são algumas das vantagens invocadas pelos trabalhadores, enquanto as empresas procuram tirar partido de poupanças com a gestão dos espaços e processos laborais, responder às solicitações dos trabalhadores, reter talento e potenciar a sua capacidade de atracção das qualificações mais procuradas pelo mercado, incluindo o internacional. Porém, o potencial ocupacional do trabalho remoto não se encontra homogêneamente distribuído, sendo fortemente predeterminado pelas qualificações profissionais, o que levanta questões de justiça social. A sua desigual distribuição apresenta claras implicações para as condições de trabalho e para as dinâmicas do mercado de trabalho. A dispersão no tempo e no espaço é potenciadora, não só, de fragmentação organizacional e sociabilidades, mas também indutora da rotinização de tarefas e da dissolução de identidades ocupacionais, com fortes riscos sobre a estabilidade das relações laborais e sobre a própria experiência individual de trabalho. Esta comunicação indaga sobre os desafios, colocados a trabalhadores e empregadores, que resultam da adopção de regimes de teletrabalho. Tendo por base os resultados de um inquérito por questionário ao universo de trabalhadores de um grande empregador sem fins lucrativos que adoptou um regime híbrido de teletrabalho, procura avaliar o potencial ocupacional de teletrabalho. O debate sobre os impactos da tecnologia sobre o conteúdo funcional e a necessidade de valorizar a composição ocupacional por tarefas são o ponto de partida, sem contudo se deter nas visões polarizadas entre visões techno-fatalistas sobre o fim do trabalho e perspectivas optimistas focadas no potencial transformador da digitalização, dados os efeitos complementares da tecnologia. Em alternativa, complementa-se aquela abordagem teórica, avaliando criticamente as dinâmicas associadas à adopção de tecnologias em contexto de trabalho heterogêneo, em particular a reconfiguração sociotecnológica que resulta da digitalização de processos e locais de trabalho, e como esta é percebida pelos próprios trabalhadores no que respeita à compatibilidade funcional e igualdade de acesso aos benefícios do teletrabalho, ao grau de democraticidade no desenho do processo e mesmo à reconfiguração da relações de poder, tomando a economia política como referencial teórico.



PALAVRAS-CHAVE

Teletrabalho, digitalização, futuro do trabalho, qualificações

POR QUE RAZÃO OS TRABALHADORES (FINANCEIRIZADOS) ESTÃO A TORNAR-SE MAIS RESIGNADOS E CONFORMADOS E MENOS REIVINDICATIVOS? EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DE PORTUGAL

Ricardo Barradas
ricardo_barradas@iscte-iul.pt

RESUMO

The deregulation and flexibilisation of labour relations has been on the active neoliberal agenda of policymakers all over the world, including in Portugal. Against this backdrop, labour conditions have been worsening since the 1970s and 1980s, and workers have progressively lost some labour rights, which is noticeable in stagnant (or falling) wages, the rise of personal income inequalities, the proliferation of atypical work, the increase of precariousness, the surge of emotional abuse in the workplace, the deterioration of work–life balance and the spread of informal work. Nonetheless, workers have evidenced higher resignation and conformism and lower claimant behaviour in order to demand higher wages and better labour conditions, which is visible in the strong reduction in strike activity in the last four decades. In this article the author argues that workers' financialisation and indebtedness levels restrain their demands for higher wages and better labour conditions due to the fear of decreasing their income and losing their jobs and the consequent risks of default. The article aims to assess the relationship between workers' financialisation and indebtedness levels and their strike activity by performing a time-series econometric analysis focused on Portugal during the period 1979–2021. It is found that workers' financialisation and indebtedness levels have a negative effect on strike activity in Portugal, both in the short term and in the long term, especially on strike volume and strike duration, and indeed have been one of the main drivers behind the decline of strike activity in Portugal in the last four decades.

PALAVRAS-CHAVE

Autoregressive Distributed Lag Estimator, Financialisation, Labour Relations, Portugal, Strike Activity, Time Series



SUBJETIVAÇÃO DIGITAL NO DESERTO DAS ALTERNATIVAS

Samuel Cardoso
mbc.samuel@gmail.com

RESUMO

Apesar de ser claro que a proliferação do uso de dispositivos tecnológicos digitais por humanos gera um conjunto de efeitos nocivos, a sua implementação nos nossos quotidianos prossegue a ritmo acelerado. Se esta implementação resulta, nalguns casos, do cumprimento de ordens superiormente definidas – de que a implementação de ferramentas digitais nos espaços de trabalho é paradigmática – não se esgota nesses mecanismos hierarquicamente definidos.

Outro elemento determinante, num nível que poderíamos descrever como o da ideologia, é o da persistência hegemónica de narrativas que encaram o digital como panaceia para os problemas da humanidade. Contudo, importa explorar como é que esta narrativa consegue ser operacional em sociedades polarizadas, em que as perspetivas de futuro são difusas e pessimistas e em que as grandes narrativas parecem ter pouco espaço no imaginário coletivo.

Nesta comunicação procurar-se-á discutir de que forma é operada uma “compulsão muda” que mobiliza a tecnologia como a forma perfeita para entender uma realidade que parece indecifrável e para oferecer um prazer fácil e imediato que se sujeita às vontades de um outro. Num contexto em que, como nos diz Fredric Jameson, “é para nós, hoje, mais fácil a destruição da natureza e do planeta Terra do que o fim do capitalismo”, o deserto de alternativas de organização socioeconómica permeia a sociedade a narrativas e práticas tecnológicas alegadamente salvíficas que, conscientemente, sabemos serem atravessadas por um conjunto de problemas e contradições.

PALAVRAS-CHAVE

tecnologia, subjetividades, compulsão muda, capitalismo digital



TRABALHO E POLÍTICA

PARA UMA TRANSIÇÃO ECOLÓGICA JUSTA - REDUZIR AS DESIGUALDADES NO TRABALHO

Helena Lopes
helena.lopes@iscte-iul.pt

RESUMO

Recognising that tackling environmental problems requires improving social justice, we argue that work is a privileged sphere for promoting social justice. This argument is based on three main grounds. First, injustices are created in the sphere of work and must be combated there; second, these injustices involve the devaluation of manual labour, a devaluation that is linked to that of the natural resources necessary for life; third, the sphere of work is central to the formation of solidarity, which we argue is necessary to advance distributive and contributive justice at work.

The article draws on the philosophy of work of Simone Weil and Hannah Arendt. Noting that, throughout history and in our own time, the workers on whom societies rely to meet their basic (natural, physical and biological) needs have been the least valued, as was the case in ancient Greece and as has become evident in the covid pandemic, we argue that this injustice must be rectified and the value of these workers' contribution to society recognised, both in terms of wages and social esteem. Drawing a parallel between the need to better value this work and the need to foster our awareness of the finiteness and fragility of the planet, we argue that conditions must be created that lead citizens to confront the earthly, embodied, human condition. To bring about the necessary structural improvement in distributive and contributive justice at work, solidarity in the world of work needs to be promoted.

Solidarity in the world of work will neither emerge spontaneously nor be self-sustaining; rather, its promotion is a highly demanding political endeavour. The solidarity frame needs to be underpinned and supported by institutionalised arrangements and processes. This requires mobilising and articulating action at three levels: public policy and legal change, organised labour and collective bargaining, and decision-making within firms. As workplaces are where workers experience work together and where decisions about the design and organisation of work are taken, they are privileged arenas for promoting SWW. This requires the promotion and institutionalisation of workers' participation in firms' decision-making bodies, i.e. the reform of corporate law and the promotion of industrial democracy.

PALAVRAS-CHAVE

social justice, solidarity, Hannah Arendt, industrial democracy



WORKFARE, MORALIZAÇÃO DO TRABALHO E NEOLIBERALISMO

Lídia Fernandes, Ana Costa
lidia.fernandes@iscte-iul.pt

RESUMO

A proteção social no desemprego tem sido encarada como elemento de distorção do funcionamento do mercado de trabalho, na medida em que desincentiva a procura de emprego e, desta forma, o ajustamento entre a oferta e a procura. Este pressuposto esteve presente em grande parte das reformas desta instituição do mercado de trabalho promovidas em Portugal desde a viragem do século, em especial a que se traduziu numa reconfiguração do regime de proteção do desemprego, operada em contexto de austeridade entre 2010 e 2013.

As reformas do regime de proteção social, então realizadas num cenário de escalada do desemprego, foram desenhadas de forma a que o desemprego cumprisse a sua função disciplinadora, enfraquecendo a posição negocial do trabalho organizado através de dois mecanismos: um económico, pela fragilização da situação de quem está no desemprego que, reduzido(a) a força de trabalho (ao trabalho-mercadoria), está disposto(a) a aceitar piores condições relativamente a quem tem emprego; outro moral, o workfare, que desloca o foco do problema da sociedade para o indivíduo e alimenta a culpabilização de quem está no desemprego.

Poderíamos avaliar até que ponto o desemprego terá constituído alavanca motivacional e moral para a desvalorização do trabalho. Mais de 10 anos depois, esse seria um objetivo desafiante de pesquisa visto que parte importante dos impactos dessas reformas, ao pressionarem para a clivagem insider-outsider e para a individualização, dão-se de forma difusa e por isso difíceis de mensurar. Isso requer compreender em que medida os regimes de proteção social no desemprego subjazem nesta lógica de workfare, institucionalizando-a, e como a relação entre os níveis de decisão nacional e europeu pressionaram alterações nestes regimes desde a Grande Crise Financeira. Estes são objetivos de uma investigação mais vasta que partirá de uma clarificação e operacionalização do conceito de workfare, no sentido em que procura colocar em evidência uma forma de regulação de cariz neoliberal que, além de garantir a base de legitimação política deste tipo de reforma, permite ampliar o seu impacto e alcance social.

Nesta comunicação pretende-se contribuir para um refinamento teórico-conceitual do termo workfare. Esse refinamento desenvolve-se a partir de uma análise que procura identificar a matriz teórica-ideológica do termo como parte integrante das abordagens neoliberais ao problema do desemprego, numa perspetiva de economia política crítica.

PALAVRAS-CHAVE

workfare, desemprego, proteção social, neoliberalismo

DESEMPREGO ESTRUTURAL: APREENSÕES TEÓRICAS A PARTIR DE MARX E KEYNES

Pedro Henrique Evangelista Duarte
pheduarte@ufg.br

RESUMO

A expressão “desemprego estrutural” tem sido amplamente utilizada nos debates sobre economia do trabalho, especialmente naqueles dedicados à caracterização de transformações que, de alguma forma, podem ganhar caráter permanente no tempo e/ou resultar na configuração de novos padrões nas relações capital-trabalho. No entanto, apesar de sua vasta utilização, existem questões controversas em relação à sua exata conceituação e compreensão, que muitas vezes tem conduzido a uma utilização genérica do termo e, com isso, prejudicado uma análise mais apurada sobre ditas transformações.

Frente a essas controvérsias, o objetivo central do artigo é realizar uma avaliação mais aprofundada sobre as transformações no universo das relações de trabalho que tem se operado ao longo dos últimos anos e que tem gradualmente conduzido a um novo padrão nas condições de trabalho, formatada a partir de aspectos que conjugam taxas elevadas e permanentes de desemprego, formas de contratação e ocupação instáveis e flexíveis e a conformação de condições de reprodução social da força de trabalho em situação de elevada vulnerabilidade.

Para avançar nessa discussão, nossa proposta é retomar debates clássicos nos campos da Economia e da Sociologia que nos deem suporte para avançarmos em novas formulações sobre o desemprego estrutural. Ao buscar referências nos campos crítico e heterodoxo, encontramos estudos e análises acerca do desemprego estrutural que, via de regra, estão vinculadas aos pensamentos marxista e keynesiano. Essa é a razão pela qual entendemos que retomar às teorias propostas por esses autores é primordial na definição dos elementos que, posteriormente, serão utilizados na formulação pretendida. A intenção é pontuar os elementos presentes nas teses desses autores que fundamentam as análises posteriores sobre o desemprego estrutural, e que serão utilizadas de maneira crítica para a proposição de uma nova formulação.

Para tanto, o debate será desenvolvido a partir de 4 pontos. No primeiro, faremos uma breve apresentação sobre as formas correntes de conceituação de desemprego estrutural, que têm sido mais amplamente utilizadas na literatura econômica, tanto no campo heterodoxo quanto no ortodoxo. Nos segundo e terceiro pontos, iremos apresentar as interpretações de Karl Marx e John Maynard Keynes sobre a determinação do emprego e desemprego nas economias capitalistas. Por fim, na conclusão, iremos destacar quais os pontos dessas respectivas teses podem ser apreendidos para uma proposta de desemprego estrutural, cujos elementos centrais iremos descrever.

PALAVRAS-CHAVE

Desemprego estrutural; desemprego tecnológico; Karl Marx; John Maynard Keynes.



POLÍTICAS ECONÔMICAS NO SUL GLOBAL

DESIGUALDADE ECONOMICA E CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS BRASILEIROS

Bárbara Vallejos Vazquez, Carlos Eduardo Fernandez Silveira, Magda Barros Biavaschi, Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Leandro Horie
barbaravvazquez@gmail.com

RESUMO

O artigo tem por objetivo atualizar os debates sobre desigualdade no Brasil e no mundo, destacando as diferentes variáveis e interpretações. A partir de uma visão histórica e estrutural, o texto examina como a desigualdade de renda e riqueza se manifestam, suas causas e as políticas públicas necessárias para enfrentá-las. No Brasil, a desigualdade é tratada como um problema estrutural, enraizado na história e manifestado de forma intensa no mercado de trabalho, com grande parte da população sendo excluída dos benefícios do desenvolvimento econômico. São sublinhados o peso da financeirização e da globalização na intensificação das desigualdades, especialmente nas economias periféricas, como as da América Latina, e o papel do Estado e das políticas sociais na tentativa de mitigar esses efeitos. A concentração de riqueza nas elites, a informalidade no trabalho e a desigualdade educacional são fatores centrais que perpetuam essa condição. Ademais, o texto analisa o impacto das políticas redistributivas, bem como suas limitações frente à imóvel estrutura social desigual, sobretudo, frente à manutenção de uma política tributária regressiva e à falta de investimentos em educação e infraestrutura. Conclui que, embora algumas políticas tenham alcançado reduções pontuais na pobreza, as desigualdades de renda e riqueza continuam profundamente arraigadas, exigindo uma transformação estrutural mais abrangente.

PALAVRAS-CHAVE

Desigualdade, Financeirização, Globalização, Políticas Redistributivas, Mercado de Trabalho, América Latina, Políticas Públicas.



A PERCEÇÃO DA POBREZA NUM CONTEXTO DE FRAGILIDADE – O CASO DA GUINÉBISSAU. UMA DIMENSÃO DA RESILIÊNCIA INDIVIDUAL.

Deolinda Martins
deolinda.martins@ua.pt

RESUMO

A percepção da pobreza por parte dos indivíduos que a vivenciam constitui uma noção complexa e multifacetada, que transcende as medidas objetivas de rendimento e posse de bens materiais. A pobreza é uma experiência subjetiva, moldada por fatores culturais, sociais e individuais. Aqueles que se encontram em situação de pobreza possuem uma compreensão profunda das privações e desafios que enfrentam, incluindo a falta de acesso a serviços básicos, oportunidades e reconhecimento social. Essa percepção, muitas vezes ilegível em análises quantitativas, apesar de oferecer uma riqueza de detalhes sobre as dimensões sociais, psicológicas e emocionais da pobreza, permitindo uma compreensão mais completa e humanizada do fenómeno. A noção de “state building” e a percepção da pobreza estão intrinsecamente ligadas. A forma como um Estado se estrutura, as políticas que implementa e a forma como interage com seus cidadãos moldam diretamente a maneira como a pobreza é percebida e experimentada. A percepção da pobreza influencia a legitimidade do Estado, pois quando a população sente que suas necessidades não estão sendo atendidas, a confiança nas instituições governamentais pode diminuir. A ideia de “State-building” deve ser encarado como um processo interno resultando das relações entre o Estado e a sociedade moldado pela dinâmica local (DFID; 2008:4). Surge, assim, em simultâneo, a ideia de que os programas de desenvolvimento devem ser ajustados às necessidades e expectativas das pessoas e que para esse fim é necessário compreender essas mesmas expectativas, os riscos e a capacidade para os gerir no seu dia-a-dia (OCDE as cited in Quétel, et al., 2021:2). O Estado deve assumir-se como garante da segurança do país por forma a eliminar/minimizar situações de conflito. Deve ser um guardião da Lei e deve ainda ter a capacidade de arrecadar receitas (princípios do conceito de “state building”) e permitir um maior envolvimento da sociedade e fortalecimento do Estado (James C Scott as cited in DFID, 2008:9). Partindo da premissa que é necessário fomentar o processo de “state building” nos países frágeis analisou-se o caso em particular da Guiné-Bissau, considerado como um dos países mais frágeis do mundo, aplicando alguns inquéritos por questionário em todos os setores da Guiné-Bissau. Destes inquéritos percebe-se que as pessoas são muito pobres e apoiam-se na rede familiar e informal para a resolução de situações do dia-a-dia bem como nas mais disruptivas. Destes inquéritos resulta também qual a percepção que os guineenses têm da sua situação socioeconómica bem como os fatores que influenciam essa mesma percepção.

PALAVRAS-CHAVE

Resiliência; State-Building; Estados Frágeis, Guiné-Bissau



A DÍVIDA PÚBLICA DE MOÇAMBIQUE E O CRESCIMENTO ECONÓMICO

Victor Nuvunga
vnuvunga@live.ua.pt

RESUMO

A economia de Moçambique tem vindo a enfrentar dificuldades crescentes, sobretudo após a crise financeira mundial de 2008. O crescimento abrandou e os défices sucessivos das finanças públicas levaram a um forte crescimento da dívida pública que compromete os atuais esforços de recuperação.

A dívida pública pode ter efeitos benéficos na economia, sobretudo no financiamento de infraestruturas, mas também ao nível das camadas mais pobres que enfrentam uma forte restrição ao crédito (Aiyagari & McGrattan, 1998; Barro, 1974, 1990). Por outro lado, níveis elevados de dívida pública geralmente refletem uma política fiscal pró-cíclica e desestabilizadora. Coloca pressão sobre as taxas de juro e exercem um efeito de “crowding-out” sobre o investimento privado. Amplificam o risco de “default” podendo gerar uma espiral de endividamento insustentável. Finalmente, e em particular se o endividamento resultar de gastos correntes, os altos níveis de endividamento podem resultar numa injusta repartição do fardo fiscal entre gerações.

O presente estudo estima a relação entre a dívida pública e o crescimento económico em Moçambique entre 1997 e 2021. Usa um modelo auto-regressivo de desfaseamento distribuído (ARDL), testes de causalidade de Granger e testes de cointegração para testar relações de longo prazo entre as variáveis (Pesaran et al., 2001). Os resultados indicam não haver uma relação de longo prazo entre crescimento económico e dívida pública. Contudo, os testes de causalidade indicam uma relação entre o endividamento, a inflação e o crescimento económico no curto prazo. Neste sentido, concluímos que o endividamento público de Moçambique é excessivo, sendo recomendável um plano de consolidação orçamental que consideramos indispensável à recuperação económica do país.

PALAVRAS-CHAVE

Dívida pública; economia moçambicana; sustentabilidade.



RESISTIR É VENCER? A AÇÃO COLETIVA EM PORTUGAL ENTRE SINDICATOS E MOVIMENTOS SOCIAIS NO SÉCULO XXI

DAVID CONTRA GOLIAS RECURSOS DE PODER E AÇÃO COLETIVA NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS DE OUTSOURCING DAS GAFAM EM PORTUGAL

Dora Fonseca, Franco Tomassoni
dora.fonseca@colabor.pt, franco.tomassoni@colabor.pt

RESUMO

O processo de transição digital articula-se à volta de grandes empresas tecnológicas multinacionais como as GAFAM, cuja ação é caracterizada pela capacidade de atuarem à margem dos quadros legais nacionais. Como referiu Beverly Silver, a hipermobilidade do capital tem vindo a enfraquecer a soberania dos Estados nacionais, com consequências evidentes para os poderes associativo e institucional dos trabalhadores e sindicatos (Silver, 2003).

Em Portugal, a presença destes gigantes tecnológicos é fortemente sustentada pelo recurso ao outsourcing. O objetivo de desresponsabilização face às obrigações decorrentes da relação de emprego é, por essa via, atingido, libertando estas empresas de qualquer ônus, enquanto o seu poder para impor, através das empresas subcontratadas, normas que não se coadunam com o nosso quadro legal sai reforçado. A par dos impactos sobre o processo de trabalho, as práticas de gestão adotadas tendem a promover ambientes extremamente hostis à presença e ação sindicais. O diferencial de poder entre estas grandes empresas e os trabalhadores e suas organizações representativas (nomeadamente, os sindicatos) é, na aparência, claramente desfavorável aos segundos, tanto do ponto de vista estrutural como negocial. Porém, existem sinais de um contramovimento (no sentido polanyiano) que apontam para a capacidade de mobilização e de resposta dos trabalhadores e dos movimentos sindicais nos vários países.

Ainda que possa ser dito que tanto os seus recursos de poder como a capacidade de inovação estão a ser testados, por vezes até ao limite.

As greves recentes na Concentrix e na Teleperformance, duas empresas de Business Process Outsourcing que têm entre os seus clientes a Apple e a Facebook, desvelam os desafios que a ação coletiva, em particular a sindical, enfrenta nestes contextos. Uma análise ancorada nos recursos de poder permite ir além do persistente discurso da crise do sindicalismo. Os eventos em causa colocam em evidência sinais de renovação, no plano das estratégias e das práticas, mas também no que concerne a filiação (membership).

Tendo por base dois estudos de caso, Apple e Facebook, esta comunicação explora como podem diferentes tipos de recursos de poder (estrutural, associativo/organizacional, institucional e societal) ser mobilizados de molde a compensar o desequilíbrio das relações de poder estabelecidas num contexto de triangulação da relação laboral e de crescente poder estrutural das GAFAM.

PALAVRAS-CHAVE



recursos de poder; subcontratação; ação coletiva; transição digital; sindicatos



INTERSEÇÕES ENTRE INVESTIGAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS: PERSPETIVAS DE DOIS COLETIVOS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Joana Marques, Carlota Quintão, Ana Luísa Martinho
joana.marques@iscte-iul.pt, carlotaquintao@gmail.com, anamartinho@iscap.ipp.pt

RESUMO

Esta comunicação propõe contribuir para a discussão sobre movimentos sociais na atualidade a partir da reflexão sobre a sua relação com a atividade social e económica da investigação. Inspirada no método da autoetnografia, a análise debruça-se sobre duas experiências em que estamos envolvidas. A primeira é a de um coletivo de investigação-ação que se constituiu formalmente, em 2006, para a “consolidação de alternativas de desenvolvimento sustentáveis, participativas e inclusivas” e enquanto projeto económico de um “contexto de trabalho qualificado e qualificante”. Esta experiência intersecciona a investigação com movimentos sociais de reivindicação e experimentação de formas alternativas de produção e de coletivização do trabalho. A segunda é a de um coletivo interdisciplinar de investigadoras de diferentes áreas e origens que se constituiu informalmente, em 2024, para “estudar a diversidade de perfis, experiências e necessidades das populações migrantes residentes no Grande Porto” e contribuir para uma melhor intervenção das organizações que intervêm sobre esta realidade. Esta segunda experiência intersecciona a investigação com movimentos sociais associados à luta contra os discursos anti-imigração e contra o ódio étnico-racial. A análise debruça-se sobre abordagens, processos e desafios que se colocam ao trabalho interdisciplinar e colaborativo entre uma matriz heterogénea de disciplinas e atores sociais na tentativa de coletivamente nos organizarmos, aprendermos, produzirmos e partilharmos conhecimento. As duas experiências permitem-nos discutir as interseções da investigação “sobre”, “com”, “para”, “enquanto” movimento social, visando conhecer e contribuir para formas de organizar por uma “vida justa”.

PALAVRAS-CHAVE

movimentos sociais; investigação-ação; economia solidária; interseccionalidade

CUIDADORAS EM MOVIMENTO ESTRATÉGIAS E ALIANÇAS NO MOVIMENTO DAS CUIDADORAS INFORMAIS EM PORTUGAL

Madalena Ferreira
madalena_calvao@iscte-iul.pt

RESUMO

Num contexto de envelhecimento da população, o setor dos cuidados tem vindo a assumir uma importância crescente em Portugal, num cenário onde os principais prestadores de cuidados são mulheres, migrantes ou familiares, e o setor se caracteriza por uma elevada informalidade. Contra todas as probabilidades, tem-se observado nos últimos anos uma forte mobilização destes cuidadores, exigindo melhores condições de trabalho, mais apoio e mais reconhecimento.

Apesar do trabalho já realizado sobre o surgimento do movimento dos cuidadores informais, não existe ainda uma análise que estude a forma como as instituições nacionais – em particular, o sistema de relações laborais e o modelo de Estado-providência – moldam e são moldadas pelo comportamento dos atores, as estratégias adotadas e a trajetória do movimento.

No setor dos cuidados e do trabalho doméstico, a literatura demonstra que estas mobilizações são marcadas por alianças entre sindicatos tradicionais e movimentos sociais. Estas configurações recentes apontam para a dificuldade dos sindicatos tradicionais em representar determinados grupos de trabalhadores, nomeadamente informais e/ou migrantes. Neste contexto, as coligações entre movimentos sociais e sindicatos constituem uma estratégia-chave a estudar.

Esta comunicação aborda esta lacuna ao estudar a mobilização mais recente em torno da Iniciativa Legislativa Cidadã “Direito ao Cuidado, Cuidado com Direitos” para a criação de um serviço nacional de cuidados, que surgiu em 2022, fruto do debate e reflexão de diversas organizações da sociedade civil e também do Sindicato dos Trabalhadores de Saúde, Solidariedade e Segurança Social.

Neste estudo, serão analisados os atores envolvidos na iniciativa, as condições para o seu envolvimento e as suas reivindicações, bem como as estratégias adotadas e as alianças e que se estabelecem entre si. Em particular, procurar-se-á entender o posicionamento dos sindicatos representantes destas categorias profissionais e quais os fatores que influenciam a participação e apoio do Sindicato dos Trabalhadores de Saúde, Solidariedade e Segurança Social e a ausência do Sindicato dos trabalhadores de serviços de portaria, vigilância, limpeza, domésticas e atividades diversas.

Para isto, será realizada uma reconstrução de dinâmicas de ação coletiva neste setor, a partir de entrevistas com membros de movimentos sociais, associações e sindicatos, análise de materiais produzidos por estes atores (sites, documentos), bem como uma cronologia de ações.

PALAVRAS-CHAVE

cuidados; movimentos sociais; sindicatos

SENHORIO NÃO É PROFISSÃO! ATRIBUIÇÃO DE RESPONSABILIDADES E PERFIS DOS PARTICIPANTES NOS PROTESTOS PELA HABITAÇÃO EM LISBOA (2023–2024)

Tiago Carvalho, Martin Portos
tmlco@iscte-iul.pt
martin.portos@sns.it

RESUMO

O movimento pelo direito à habitação despontou como um dos movimentos sociais mais proeminentes em Portugal na última década. Apesar do trabalho já produzido sobre o movimento, não existe ainda uma análise detalhada dos perfis dos participantes do movimento, das suas perspetivas e motivações.

Este estudo aborda esta lacuna ao analisar dados de um protest survey realizado durante três manifestações de grande escala em Lisboa entre 2023 e 2024, totalizando mais de 400 respostas válidas. O estudo examina a diversidade dentro do movimento, impulsionado pelo aumento do custo de vida e dos preços da habitação, que atraiu um amplo espectro de participantes para além dos tradicionais organizadores.

Os dados indicam que 60% dos participantes residem em Lisboa, enquanto 40% provêm dos subúrbios ou de fora da área metropolitana. Destes, 45,9% são proprietários e 54,1% são inquilinos, sendo o arrendamento mais comum dentro da cidade. Politicamente, 80% posicionam-se à esquerda, e têm um elevado envolvimento político: 60% participaram em pelo menos um protesto pelo direito à habitação no último ano. Em termos demográficos, os participantes têm idades entre os 18 e os 69 anos, ainda que com uma concentração entre os 25 e os 35 anos; mais de 90% possuem pelo menos um grau universitário, e 12% nasceram fora de Portugal.

Apesar desta relativa homogeneidade social, existe uma significativa heterogeneidade na atribuição de responsabilidade pela crise habitacional. Assim, procurar-se-á entender que fatores influenciam a forma como os participantes responsabilizam diferentes atores, analisando, entre outros, fatores sociodemográficos, situações habitacionais (propriedade vs. arrendamento) e atitudes políticas (tais como o interesse pela política, eficácia, satisfação com a democracia).

PALAVRAS-CHAVE

habitação; responsabilidade; movimentos sociais



AGRICULTURA E (IN)SEGURANÇA ALIMENTAR

INTERVENÇÕES PÚBLICAS DA DIRETORA RURAL DO DESENVOLVIMENTO RURAL NO XIII GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES

Emiliana Leonilde Diniz Gil Soares Da Silva
emiliana.ld.silva@uac.pt

RESUMO

Na Região Autónoma dos Açores de 2020 a 2023 surgiu uma alteração de paradigma político na agricultura. Após 24 anos de uma política agrícola de ideologia socialista, o XIII Governo Regional dos Açores apresenta no seu programa uma política agrícola, que embora considere a existente, apresenta alterações relevantes para o futuro da agricultura dos Açores. É neste período que termina o programa de desenvolvimento rural da Região Autónoma dos Açores (PRORURAL+) e inicia-se o Plano Estratégico da Política Agrícola comum para os Açores (PEPAC – Açores). Este trabalho tem como objetivo a apresentação das intervenções públicas escritas, discursos escritos) em eventos, sessões informativas apresentações temáticas e entrevistas nos meios de comunicação regional, bem como a análise da política do discurso critica (ADC), proferido em eventos públicos em que a Diretora Regional do Desenvolvimento Rural, do Governo Regional em curso, participou, ao longo do período em que permaneceu como membro do governo. O âmbito dos eventos é multidisciplinar e geralmente, decorrente na Região autónoma dos Açores. Esta análise é feita segundo os parâmetros: o objetivo, conteúdo, estrutura. Os discursos proferidos apresentam as seguintes características: curtos, concisos, construtivos, motivantes e realistas.

PALAVRAS-CHAVE

Desenvolvimento rural, PEPAC, comunicação, agricultura



VIOLENCE AND FOOD INSECURITY IN MOZAMBIQUE: A HARD CYCLE TO BREAK

Maria Clara Oliveira, Teresa Almeida Cravo
c.oliveira@fe.uc.pt

RESUMO

Various studies have established that violence and food insecurity are deeply intertwined: violence intensifies food insecurity and, in turn, food insecurity increases the risk of violence. This article draws from that literature to analyse the current situation in Mozambique, where the violence-food insecurity nexus appears to be a significant element in explaining the country's challenges in achieving developmental progress. It argues that understanding the reinforcing negative dynamics between violence and food insecurity in the country's more recent history is crucial to break the reproduction of these two phenomena, in Mozambique and elsewhere.

PALAVRAS-CHAVE

Violence, Food insecurity, Mozambique, Cabo Delgado.

INSEGURANÇA ALIMENTAR E HABITAÇÃO EM PORTUGAL (2019-2023)

Susana Brissos, Vasco Ramos
sbrissos@iseg.ulisboa.pt, vasco.ramos@ics.ulisboa.pt

RESUMO

O conceito de insegurança alimentar (IA) é comumente definido pela insuficiência e irregularidade no acesso à alimentação em quantidade e qualidade adequadas a uma vida saudável e ativa. A sua medição nalguns países desenvolvidos, iniciada nos anos 1990, revelou a sua prevalência no seio de bolsas de pobreza da população, em particular, em épocas de crise económica, ganhando relevância nas últimas décadas, com a investigação sobre IA, pobreza alimentar e temas conexos a aumentar significativamente, nomeadamente, desde a Grande Recessão de 2008-2014. Atualmente, a IA é reconhecida como uma violação do Direito Humano à Alimentação Adequada que urge erradicar, sendo a sua monitorização anual um dos requisitos da Agenda 2030 das Nações Unidas, o que tem permitido confirmar o seu carácter endémico em muitas economias avançadas, como os EUA ou o Reino Unido.

A crise pandémica motivou preocupações acrescidas com a evolução da IA, nomeadamente, nos países do Sul Global. No Norte Global, embora as taxas de incidência de IA severa tenham permanecido baixas, os níveis moderados de IA começaram a aumentar, aproximando-se dos valores registados durante a Grande Recessão. A crise inflacionária, que incidiu particularmente sobre os bens alimentares, veio reduzir o poder de compra das famílias, penalizando de forma mais severa os agregados familiares com rendimentos mais baixos.

Em Portugal, a crise habitacional, resultante do forte aumento do preço dos imóveis e do arrendamento, aliado à subida das taxas de juro do crédito à habitação, veio gerar uma pressão adicional sobre o rendimento das famílias, com os encargos com a habitação a representarem um valor recorde de 39,3% das suas despesas médias em 2022/2023. Em sentido contrário, o peso da alimentação nos orçamentos familiares nunca foi tão baixo, atingindo a média de 12,9%, o que não surpreende, havendo evidência de que a alimentação é uma das parcelas do orçamento que as famílias conseguem ajustar para fazer face ao aumento de despesas fixas.

Nesta comunicação analisaremos a evolução da IA em Portugal entre 2019 e 2023, com foco nos seus determinantes sociodemográficos, olhando em particular para a sua relação com as variáveis relacionadas com a habitação, sobre a qual pouco se sabe. Estudos realizados noutros contextos indicam que o regime de ocupação do alojamento (proprietário com e sem hipoteca, arrendatário, etc.) e o grau de esforço com os encargos com a habitação estão associados a um maior risco de IA, em especial em agregados com rendimentos mais baixos.

PALAVRAS-CHAVE

Insegurança Alimentar; Habitação; Inflação; Crise



FINANCIALIZATION

FICTITIOUS CAPITAL: A CRITICAL APPRAISAL OF MARXISM AND A MARXIAN PROPOSAL

Sergio Cámara Izquierdo
scamara@azc.uam.mx

RESUMO

Numerous explanations of the current structural crisis focus on the neoliberal financialization. Within this discussion, the Marxist concept of fictitious capital has been reclaimed in a plentiful variety of ways, but few compelling attempts have been done to provide a thorough definition. The vast part of the Marxist analysis of fictitious capital is not properly integrated with the labor theory of value and surplus-value creation and distribution and, specifically, with Marx's analysis of the forms of capital valorization. This paper proposes a conceptual definition of fictitious capital in better fit with the foundations of the Marxist theory of value. First, a review of Marx's own writings on fictitious capital reveals that Marx's use of the concept is manifold and ambiguous, though he posits the right foundations for its appropriate understanding. Then we present our own proposal of a Marxian definition of fictitious capital based on the concept of abstract forms of valorization as the theoretical basis of the analysis. One of the definitions of fictitious capital that Marx employs in the volume III of Capital is postulated as the most appropriate one; concretely, fictitious capital is defined as capitalized income arising from any property title regardless of its form: productive, commodity or money (including credit and derivative forms) capital. Therefore, fictitious profits are postulated as a secondary source of profit appropriation for every abstract form of capital valorization, related to the fictitious nature of capital whatever its particular form. Other definitions of fictitious capital employed by Marx are shown to relate to different abstracts forms of capital valorization. On this theoretical basis, we present a characterization of speculative capital on a more concrete level as a mechanism of valorization. Finally, a critical appraisal of the Marxist contemporary literature on fictitious capital is presented; two major shortcomings are identified. First, fictitious capital is often theoretically conflated with the money or financial forms of capital. Second, the term fictitious is often used as synonymous of "unreal"; on the contrary, we argue that every "real" capital has necessarily a fictitious nature. Finally, conclusions are drawn.

PALAVRAS-CHAVE

Fictitious capital, Financialization, speculative capital, Marx

HOUSEHOLDS' TRUST IN FINANCIAL INSTITUTIONS AND THE GOVERNMENT AND SAVINGS DECISIONS AFTER A CRISIS

Sérgio Lagoa
sergio.lagoa@iscte-iul.pt

RESUMO

Although savings are crucial for economic development, savers must trust financial institutions and the government to safeguard their savings. This paper examines how households' total savings and investment in risky and less risky financial assets are influenced by their dealings with financial institutions, trust in financial institutions, and trust in the government. The survey data used in this study is from five representative European countries immediately after the crisis period of 2010-2014. The empirical results indicate that good dealings with financial institutions and education consistently improve total savings, participation in stock and bond markets and the holdings of savings deposits. However, trust in banks or in the government and the assessment of the welfare state are only relevant for some of these financial decisions. These findings have significant policy implications for financial institutions and the government.

According to Guiso et al. (2008) trust refers to the "subjective probability individuals attribute to the possibility of being cheated". When trust levels are low, investors are less likely to invest in financial assets.

Trust is a crucial element of social capital and it encompasses interpersonal trust, institutional trust and the trustworthiness of individuals (Orlowski and Wicker, 2015). Institutional trust refers to the level of trust individuals have in governmental or non-governmental institutions. Institutional trust holds a significant monetary value for European citizens (Orlowski and Wicker, 2015).

Crises are significant events that can impact trust and savings behavior. After a crisis households become more risk-averse and hold fewer risky assets. However, they may increase their savings as a precautionary measure. The institutions responsible for the crisis lose credibility, and this may push investors away.

The actions taken by financial institutions using their market power and privileged information can trigger a financial crisis. The 2008 financial crisis is a clear example of such practices (Lagoa et al., 2015). Similarly, governments can also contribute to crises through less responsible policies, particularly public finance policies, as noted by Lane (2012) in relation to the euro sovereign debt crisis. Households' level of trust in financial institutions and the government declines when they believe them to be responsible for a crisis, and this affects households' savings behavior.

This paper examines how dealings with financial institutions, trust in financial institutions, and trust in the government impact households' total savings and investment in both risky (stocks and bonds) and less risky financial assets (savings deposits).



PALAVRAS-CHAVE

trust, households savings, government, crises

FAIR VALUE ACCOUNTING AND UNTRACEABLE FINANCIAL CRIME

Tiago Cardao-Pito
tcp@iseg.ulisboa.pt

RESUMO

Purpose: This study's purpose is to inquire about the structural possibility of "fair value" accounting being used to commit and conceal financial crimes such as fraud, theft, money laundering, tax evasion, and corruption.

Design/methodology/approach: This study builds on the embezzler test, a recently developed test that examines whether normative architectures are sufficiently well equipped to cope with illicit financial flows that cross the boundaries of organizations and countries. This test was applied to both the entire "fair value" system and the "fair value" accounting that have been gradually introduced in modified historical cost accounting systems.

Findings: "Fair value" accounting is formulated in such a manner that it does not provide a means of detecting and penalizing potential criminals. Therefore, owing to the malfunctioning of its normative architecture, evidence of criminal wrongdoing that could be associated with "fair value" accounting systems is difficult to find because of the deprivation of mechanisms for detection and subsequent disciplining. Indeed, rather than reduce financial crime, "fair value" accounting reduces the possibility of finding criminal evidence.

Originality: To present a new research argument against "fair value" accounting systems.

Research implications: A new research field can explore how "fair value" accounting allows financial crimes such as fraud, theft, money laundering, tax evasion, and corruption to remain undetected and unpunished.

Practical/social implications: Unless private accounting standard setters as IASB and FASB can solve this fundamental problem regarding financial crime detection and penalizing, the case can be made for the phasing out of "fair value" accounting systems. The return of accounting norms to the government sphere may be a necessary pathway. This can only happen if policymakers produce necessary legislation.

PALAVRAS-CHAVE

embezzler test, accounting regulations, financial crime, "fair value" accounting, historical cost accounting, Sustainable Development Goals (SDGs).



REASSESSING POLITICAL ECONOMY: CRISIS, CRITIQUE, AND REPRESENTATION IN PROCESS

ECONOMIC CRISIS IN EUROPE: PAST AND PRESENT

Michael Roberts
bobmckee99@yahoo.com

RESUMO

This paper examines the economic instability triggered by geopolitical tensions in Europe, focusing on the Ukraine War and its ramifications within the Eurozone. It critically analyzes the Recovery and Resilience Plans (RRP) and their role in potentially reshaping economic policies under the guise of stabilization and recovery on the semiperiphery.

PALAVRAS-CHAVE

War Economy, Eurozone Crisis, European capitalism, Recovery Resilience Plans



THE WORKERS' FRONT: WHAT IS TO BE DONE?

Raquel Varela
raquel_cardeira_varela@yahoo.co.uk

RESUMO

Reflecting on the post-Carnation Revolution era, this paper evaluates the current state of labour movements, unions, and parties in Portugal. In examining contemporary trends towards "autonomy", "populism", and "left-wing social democracy", it highlights the diminishing influence of traditional parties and unions and the potential for renewed worker solidarity amidst a rising anti-establishment elan.

PALAVRAS-CHAVE

Labour Movements, Unions, "Autonomy", "Social Democracy"



CRISIS AND CRITIQUE OF REPRESENTATION

Roberto della Santa
beto.dellasanta@gmail.com

RESUMO

This paper delves into the past and present challenges of political representation in Portugal. It problematizes the concept of public spheres — from above and from below —, where the working class and subaltern groups engage in critical discourse to reshape political landscapes. By contrasting historical and political experiences, the paper sheds light on the ongoing struggle for proper social-economic, political, and cultural representation in a socio-metabolism fraught with inequality as part of the hegemonic struggles.

PALAVRAS-CHAVE

Political Representation, Public Sphere, Dual Power, Inequality